ELE TEM APENAS SEIS HORAS
PARA IMPEDIR O ASSASSINATO
DA MULHER DA SUA VIDA.
O CULPADO:
ELE MESMO.

PARADOXO

MARCELO PORTO

Baraúna

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



MARCELO PORTO

PARADOXO

Capa
Marcelo Porto
Revisão
Marcelo Porto
Geração de EPUB
Marcelo Porto
E-ISBN
978-85-913368-2-1
Edição Digital
2013
Literatura Brasileira – Ficção Científica
Todos os direitos reservados ao autor.
mportonet@gmail.com

Paradoxo

"É uma declaração aparentemente verdadeira que leva a uma contradição lógica, ou a uma situação que contradiz a intuição comum. Em termos simples, um paradoxo é o oposto do que alguém pensa ser a verdade...".

Wikipédia

Meus sinceros agradecimentos:
A Biblioteca do Exilado.
O que para alguns pode ser um problema, para outros é uma grande oportunidade.
Aos Leitores Beta.
Uma crítica fundamentada é muito mais estimulante que um elogio vazio.

PRÓLOGO

Todo o esforço seria compensado. As noites insones, os longos dias de experimentos, semanas inteiras sem sair do laboratório... O Prêmio Nobel de Física de 1969, esse seria um excelente final para esta história.

Com apenas 24 anos, Alberto Souza Prattes já residia em Genebra há quatro. Depois de se formar bacharel e ser titulado Doutor Honoris Causa pelo Departamento de Ciências Físicas da Faculdade de Filosofia e Ciências da USP, ele foi convidado para trabalhar no Laboratório Europeu de Partículas Físicas (CERN), uma das mais importantes organizações de pesquisa científica do mundo. O CERN representa o mais notável exemplo de colaboração internacional, tendo como associados 19 países da Europa, contando com 2.900 membros em vários países. O jovem Dr. Prattes participava da equipe de operadores do primeiro acelerador de partículas do mundo, o Próton Synchrotron, em operação desde 1959.

Prattes já havia chamado a atenção da comunidade científica mundial antes mesmo de se formar, quando ainda era estudante do Instituto de Matemática e Física da Universidade Federal da Bahia, em Salvador, no ano de 1964. Ele formulou a teoria da existência do ainda desconhecido Bóson Pi, uma partícula elementar até então não observada, que, caso fosse comprovada, mudaria completamente os rumos das pesquisas em física quântica.

Em Genebra, o famoso físico americano Murray Gell-Mann ficara impressionado com os conhecimentos do jovem cientista brasileiro, por conta da sua valiosa contribuição na instalação da câmara de bolhas, equipamento que

preenchido com hidrogênio líquido que auxiliava na detecção de partículas eletricamente carregadas.

Prattes foi convidado para fazer parte da equipe permanente do laboratório.

Desde então, buscava a comprovação da existência do Bóson Pi, em paralelo ao seu trabalho como membro efetivo do CERN.

Com o Proton Synchrotron ao seu alcance, Prattes evoluiu muito em suas pesquisas, e através de testes como o bombardeamento da câmara de bolhas, era cada vez mais próxima a comprovação da existência do Bosón Pi.

Indícios apenas não eram satisfatórios, somente a comprovação total justificaria um Nobel de Física.

Depois de quatro anos longe da família e dos amigos, Prattes se tornara um homem obcecado, e, apesar da pouca idade, sua aparência era envelhecida. Os traços da ascedência galiciana, com o nariz levemente adunco e o olhar firme, o conferiam uma aparencia sagaz, porém o seu aspecto atual era de desleixo. A barba por fazer, o cabelo desgrenhado e a roupa amassada denunciavam que vivia apenas para o trabalho, e sempre após o expediente ficava para tocar os seus projetos pessoais. O Dr. Murray, o único integrante da equipe com quem Prattes tinha algo parecido com amizade, já havia desistido de demovê-lo dessa obsessão pelo Prêmio Nobel.

Prattes tinha conhecimento de que outros pesquisadores buscavam o mesmo que ele. Nos EUA, alguns cientistas haviam conseguido avançar na tentativa de detectar o Bosón Pi.

Ele não queria compartilhar as honrarias ou dividir o prêmio. Queria ser o único.

E só a comprovação integral da sua teoria o levaria ao Nobel daquele ano.

Cada vez mais pressionado, Prattes trabalhava sem descanso. O laboratório havia se tornado a sua casa. As horas de sono diminuíam à medida que a data limite da apresentação dos trabalhos ao conselho do Nobel de Física se aproximava.

Na última semana, depois de um dia estafante revisando as inúmeras

equações e os relatórios de testes anteriores, ele resolveu trocar a câmara de bolhas utilizada nos testes anteriores por cristais de silício.

Teoricamente, o bombardeio nos cristais desestabilizaria o núcleo dos átomos, fazendo com que o Bóson PI se revelasse, comprovando a sua teoria.

Mas havia um grande risco no caso da experiência saísse do controle: o bombardeio dos átomos do cristal poderia gerar uma reação em cadeia e causar uma explosão nuclear, que destruiria metade de Genebra. Essa alternativa sempre esteve nos seus planos, mas em todas as simulações teóricas os resultados eram inconclusivos e o preço pelo fracasso poderia ser caro demais.

Consciente das possíveis consequências do seu ato, Prattes resolveu continuar.

Sabendo que seria impedido pelos colegas e principalmente pelo Dr. Murray, aguardou até que o último funcionário fosse embora para iniciar a experiência.

Seria tudo ou nada.

Para o bombardeamento ele precisaria do Próton Synchrotron. Mesmo conhecendo profundamente a máquina, sabia que teria dificuldade de operá-la sozinho. O acelerador de partículas era um gigantesco reator elétrico enterrado a cerca de três andares abaixo do solo, que ocupava três quarteirões de uma área afastada de Genebra. Só os túneis de aceleração eram responsáveis por mais de oitenta por cento do espaço físico do CERN. No centro desse imenso equipamento estava o reator onde de-sembocavam os corredores com dois metros de largura por dois de altura, com paredes forradas por placas de titânio com dez centímetros de espessura e reforçadas com chumbo para evitar possíveis vazamentos de radiação.

Nos grandes túneis, um grande tubo com um diâmetro de aproximadamente um metro e meio corria pela lateral, um de cada lado, com inúmeros cabos multicoloridos e sensores encarregados de monitorar tudo o que se passava no interior de cada um deles. Por dentro dos tubos, as partículas eram aceleradas até uma velocidade próxima à da luz em direções opostas, e quando alcançavam o máximo de aceleração eram forçadas a colidirem. A força liberada nessas

colisões era descomunal, mesmo ocorrendo em ambiente controlado e em nível subatômico.

O risco sempre esteve presente.

Para aquela experiência, a colisão das partículas seria exatamente no cristal de silício.

O laboratório principal, onde ficava a central de controle do acelerador, foi planejado para no mínimo cinco operadores, e a área de bombardeio se situava por detrás de uma grande parede de vidro temperado, tratado para isolar a radioatividade.

De onde estava Prattes tinha uma visão privilegiada do cristal transparente. A iluminação do lugar destacava a gema posicionada acima de um pedestal, o encaixe a deixava praticamente flutuando entre os dois feixes, posicionados um de cada lado. Cada feixe era a terminação dos tubos do Próton Synchrotron.

Extremamente nervoso, tendo que fazer o trabalho de cinco pessoas, ele preparava o ambiente para a sua última chance de ganhar o tão sonhado prêmio Nobel de Física. Sabia que caso fracassasse as chances de continuar ali, no maior centro mundial de pesquisas, seriam mínimas, não pela perda do Prêmio, mas pela insanidade que estava prestes a cometer.

Se tudo ocorresse como previsto, a sua ousadia poderia ser enaltecida.

Senão, talvez nem o conselho do CERN estivesse lá para puni-lo, pois toda a cidade poderia desaparecer do mapa.

Eram aproximadamente 01h40min da madrugada do dia 22 julho de 1969. Ao fundo, tocava a música “Hoje”, de Taiguara, som que marcou a sua saída do Brasil e que curiosamente tinha muito a ver com aquele momento importante da sua vida.

Prattes iniciou os procedimentos para o início da experiência. O bombardeio deveria acontecer exatamente no centro da gema. Manuseando o imenso braço robô, ele ajustou milimetricamente os feixes, que deveriam estar posicionados exatamente um contra o outro.

Entre eles, o cristal de silício, aparentemente flutuando no vazio.

A área de bombardeio se resumia em uma pequena caixa transparente de 40 por 40 cm devidamente isolada. Os feixes de partículas entravam por aberturas laterais por onde o emaranhado de cabos e sensores se conectava em um tubo de metal reluzente que quase encostavam lateralmente no cristal. Sob aquela perspectiva, a cena lembrava um diamante com duas grandes seringas, posicionadas uma de cada lado.

Sozinho no laboratório, ele repassava todos os procedimentos de segurança enquanto preparava os computadores para a gravação dos resultados. Após mais uma hora de trabalho intenso, o Próton Synchrotron estava em pleno funcionamento, os painéis demonstravam que as partículas estavam em movimento, e a cada volta no acelerador elas ganhavam mais velocidade.

O grande desafio seria forçar a colisão na velocidade e no momento exato. Os sensores instalados nos tubos simulavam a aceleração. Quando se via apenas um borrão de luz era sinal de que não havia mais como se demonstrar visualmente a velocidade dentro do maior acelerador de partículas do mundo.

Quando a velocidade máxima fosse alcançada, as partículas seriam desviadas para a área de bombardeio, exatamente onde estava o cristal. A colisão causaria a alteração dos seus átomos e o Bóson Pi seria revelado, ampliando os horizontes para a utilização da energia nuclear, de forma muito mais segura e barata.

Ao menos na teoria.

Já se passavam das 03h da madrugada. Com as mãos suadas e trêmulo de excitação, Prattes acompanhava os procedimentos para o bombardeio do cristal. A sincronia entre os feixes era de suma importância para que o experimento funcionasse. As travas de segurança obrigava-o a operar vários painéis simultaneamente. Se contorcendo ao máximo, ele tentava se desdobrar nos comandos de liberação da energia canalizada nos tubos de aceleração. Com todas as travas liberadas, ele se posicionou no painel principal de comando.

Em frente à área de bombardeio, a transparência do vidro passava ao ambiente uma aura de fragilidade. A energia que estava prestes a ser liberada naquele cubo de vidro era incalculável.

As consequências de uma possível falha poderiam ser desastrosas.

Não havia mais como voltar atrás. O procedimento iniciado seria facilmente detectado no dia seguinte, não haveria desculpa para tal insensatez, e a única justificativa seria a comprovação da sua tese. A alternativa: a desgraça definitiva.

Ofegante, Prattes pressionou o botão que liberava o bombardeio do cristal.

Imediatamente o laboratório se encheu de luz, uma luz branca e quente que emanava do cubo na área de testes. O esplendor era tal que não havia como continuar olhando. Institivamente, Prattes protegeu as vistas com as mãos. A intensa luminosidade veio acompanhada de um zumbido infernal, o som tomou conta de toda a sala.

Naquele momento, ele sentiu a terrível sensação de que algo estava muito errado. Na agonia daquele som, ele esperou a explosão.

Contorcido pelo clarão inebriante e pelo ruído cortante, Prattes caiu da cadeira onde estava sentado. No chão, ele tentava proteger os ouvidos com as mãos, mesmo com os olhos fechados a luz o agredia. Em posição fetal, com todos os músculos retesados, ele aguardava o impacto da explosão que terminaria com aquele tormento...

A explosão não veio.

Da mesma forma como começou, a reação terminou. A agonia não durou nem um segundo, mas pareceu uma eternidade.

Ainda no chão, Prattes abriu os olhos vagarosamente. O ardor causado pelo clarão ainda o incomodava, e com as vistas semicerradas ele buscava algo errado ao seu redor. Aos poucos, sua visão voltou ao normal. Com o corpo dolorido pela tensão, se levantou, equilibrando-se no painel à sua frente. Ainda tonto, olhou diretamente para o cristal dentro da área de testes.

O cristal que antes era translúcido agora emanava um brilho avermelhado intenso.

Institivamente um sorriso brotou em sua face. Ainda atordoado, procurava se certificar dos resultados nos monitores de controle, o sorriso se transformou numa gargalhada estridente.

– Consegui!

Pela primeira vez naquela noite o som de uma voz humana ressoava no laboratório. Ele gritava com entusiasmo, observando o cristal agora com um brilho vermelho, muito semelhante a um rubi.

– CONSEGUI! DEU CERTO! – exultava.

A vibração substituiu a tensão, ele esqueceu as dores enquanto conferia freneticamente os monitores com os resultados da experiência.

Era preciso manter a euforia sob controle, o tempo era curto e o processo de desativação do acelerador de partículas era tão complexo quanto o da ativação.

Depois de desligar completamente os equipamentos, Prattes calçou uma luva especial e recolheu o cristal. Mesmo com a luva era possível sentir o calor que emanava da gema, o brilho era hipnotizante, àquela distância era visível uma massa de plasma no seu interior.

Era estranho, mas aquilo não lhe causava nenhum receio. A pedra não emanava radioatividade e os sensores não detectaram nenhuma anomalia que significasse risco.

Prattes sabia que tinha ido longe demais, precisava concluir a experiência antes da chegada dos outros cientistas.

Rapidamente levou a pedra para outro compartimento do laboratório, onde se encontravam os equipamentos necessários para as avaliações finais. Localizada à direita do compartimento principal, a sala era ligada ao laboratório por um vão envidraçado que possibilitava o contato visual entre os ambientes.

O brilho rubro intenso da gema diminuía à medida que ela esfriava. O plasma observado anteriormente se solidificou tornando-a cada vez mais semelhante a um rubi comum, isso era apenas mais um detalhe.

A cada teste o entusiasmo de Prattes crescia.

A sua teoria era confirmada a cada etapa concluída. À medida em que os testes avançavam, o entusiasmo crescia, o prazer que sentia era indescritível, nunca sentira nada parecido. A sensação de arrebatamento aumentava a cada etapa concluída.

Sem aviso o mesmo zumbido infernal dominou o ambiente, seguido dum clarão semelhante ao presenciado na experiência que ofuscou o laboratório.

Um frio aterrador perpassou a sua espinha.

Com o coração retumbando, Prattes jogou-se debaixo da mesa. Apavorado, ele apertava os olhos e tentava proteger os ouvidos do intenso desconforto.

Aquele microssegundo durou uma eternidade. Por algum efeito retardado, a hecatombe nuclear se abateu sobre ele.

Nada mais restaria.

Subitamente a escuridão.

Por longos momentos, Prattes temeu abrir os olhos. O som cessou tão repentinamente como começou, as pálpebras apertadas faziam o globo ocular doer, a claridade não o incomodava mais.

A tensão ainda era palpável.

Jogado no chão, sentia uma angústia paralisante. Quantas pessoas pagariam pelo seu erro?

A soberba o fez se precipitar.

Não bastaria ser apenas um dos que colaboraram para a descoberta do século. A sua vaidade não concebia dividir os méritos, tinha que ser ele.

O único!

Silêncio absoluto, o único som que Prattes conseguia discernir era bumbo incessante da própria pulsação. Vagarosamente começou a abrir os olhos.

Não havia sinais do desastre, aparentemente nada havia mudado.

Flashs luminosos ainda incomodavam, resultado da intensa luminosidade que o pegou de surpresa, recuperando aos poucos a visão, levantou-se cuidadosamente perscrutando com alguma dificuldade o ambiente. Não conseguiu detectar nada de anormal.

Um pouco mais calmo e extremamente intrigado, cambaleou pelo laboratório em busca de alguma explicação. Depois de avaliar a sala onde encontrava-se, se dirigiu para o laboratório principal em busca de respostas.

Prattes petrificou.

Dentro da área de bombardeio havia outro cristal avermelhado, idêntico ao que ele analisava.

De onde estava ele conseguia vislumbrar as duas gemas, uma na bancada de testes e outra no cubo de vidro do acelerador de partículas.

– Impossível! – balbuciou sem acreditar no que estava acontecendo.

Visivelmente desorientado, se aproximou da parede de vidro. Por algum tempo ficou admirando a nova gema no cubo de bombardeio, conferindo à distância a outra, na bancada da sala ao lado.

– Impossível...

Sem tempo à perder, repetiu o procedimento para retirada do novo cristal.

Aparentemente eram idênticos. A situação se tornava cada vez mais esquisita, em nenhuma simulação feita anteriormente aquele evento foi sequer sonhado.

Rapidamente Prattes reiniciou a bateria de testes no segundo cristal. Repetiu todas as etapas, exatamente como havia feito antes. Depois de mais de uma hora de trabalho intenso, chegou à conclusão de que se tratava do mesmo elemento.

– Como isso é possível?! – indagava–se assombrado. – Como posso ter em mãos dois elementos que, na verdade... são apenas um?!

Era óbvio que deveria existir uma explicação lógica. Mas pelos fundamentos da física aquela situação seria impossível: o mesmo elemento não poderia ocupar o mesmo espaço/tempo.

– Isso é um paradoxo! – desabou na poltrona tentando ser racional.

Aquela gema não era uma cópia, tinha a mesma composição química, o mesmo peso atômico.

Era o mesmo elemento.

Mas ele tinha um em cada mão, de algum modo, a experiência criou um clone do cristal original.

Não existia nos anais do CERN nenhuma menção a caso parecido, por algum tempo Prattes recuperou diversos testes de bombardeios anteriores e não conseguiu achar nenhuma situação semelhante.

Convencido de ter sido a primeira vez que uma anomalia como aquela se revelou, Prattes prosseguiu com novos testes. Ele precisava encontrar uma explicação para aquele efeito colateral que ia de encontro a uma das principais leis da física moderna.

Com os dois cristais isolados no aquário onde eram avaliadas as densidades e comparados os níveis de radioatividade, algo ainda mais surpreendente aconteceu.

O segundo cristal desapareceu diante dos seus olhos.

– Não pode ser... – Prattes se afastou assustado, enquanto a gema brilhava intensamente, de dentro para fora, transformando-se em plasma, ficando translúcida até desaparecer completamente.

O segundo cristal simplesmente se desintegrou sem deixar vestígios. As únicas provas da sua existência eram as fotos e a bateria de análises feitas enquanto ele ainda existia.

Prattes estava perplexo na frente do aquário de testes, correu até a outra sala para verificar o acelerador. Nada. Retornou até o aquário onde agora existia somente um cristal vermelho vivo.

– Isso é impossível! Ninguém vai acreditar... – nem ele mesmo conseguia compreender o que havia acontecido naquela madrugada intensa.

***

Quando o Dr. Murray entrou no laboratório encontrou Prattes na área de testes, coberto de pastas e com diversos livros espalhados pela mesa.

– Olá Prattes, bom dia! – cumprimentou simpaticamente. –Não sei porquê, mas já esperava encontra-lo por aqui...

Como se tivesse saindo de um transe, Prattes percebeu que já havia amanhecido e que em pouco tempo o laboratório estaria lotado... E obviamente as suas experiências seriam descobertas.

– Bom dia, Dr. Murray... Precisamos conversar... – respondeu sério, se desvencilhando da papelada ao seu redor, enquanto praticamente o arrastava para dentro do seu escritório, com o cristal de sílicio firme na mão.

Muito excitado, Prattes relatou a sua experiência em detalhes, omitindo estrategicamente a aparição do segundo cristal. Relatou somente os fatos relativos à confirmação da descoberta do Bóson Pi, mostrando para o cientista-chefe os resultados da intensa madrugada de trabalho.

Os primeiros funcionários já se preparavam para mais um dia de trabalho, quando perceberam que algo não estava normal. O sempre comedido Murray Gell-Mann gesticulava muito; do lado de fora se via claramente que ele estava transtornado. Prattes tentava argumentar.

A movimentação na sala do principal pesquisador do CERN aos poucos se tornava o centro das atenções dos cientistas do laboratório central.

– Você ficou louco?! – perguntava Murray encarando Prattes fixamente. – Essa insanidade que você cometeu poderia ter matado todas as pessoas num raio de 50 quilômetros!! – sem conseguir se manter parado, o cientista-chefe gesticulava muito enquanto falava. – Esse equipamento que você utilizou custou bilhões de dólares... Cada bombardeio de átomos custa centenas de milhares de dólares!!! Você sabe quanto tempo, países... Eu estou falando PAÍSES! – reiterou a palavra – Esperam para poder utilizar o Próton Synchrotron?! – o velho cientista não esperava uma resposta, todos no CERN sabiam a importância e os riscos da operação do maior acelerador de partículas do mundo. Profundamente decepcionado ele desabou na sua poltrona, encarando o jovem cientista brasileiro.

– Você acha que por ser um membro ativo do CERN, tem o direito de usar o equipamento para tocar os seus projetos pessoais?! – a dureza do olhar do Dr. Murray demonstrava a intensa irritação do velho. – Com que direito você coloca a vida de todos ao seu redor em risco?! – enfatizou, apontando para as pessoas do lado de fora, que a essa altura estavam se perguntando qual o motivo do estresse do cientista-chefe.

Prattes sabia que Murray tinha razão.

O compartilhamento de pesquisas é uma norma interna, nenhuma experiência pode avançar sem a autorização expressa do conselho de segurança

da entidade e a aprovação formal do cientista-chefe. Todos os cientistas do CERN têm projetos pessoais, e todos se enquadram nas regras da instituição para avançarem com as suas experiências. Com ele não poderia ser diferente.

– Eu consegui, Dr. Murray! Isso é o que interessa!

– E se não tivesse conseguido?! – Prattes não conseguiu responder, ele simplesmente abaixou a cabeça, resignado.

Murray se dirigiu até a porta e a abriu com firmeza. Se posicionando ao lado, Prattes entendeu a mensagem e saiu.

Imediatamente se ouviu o baque violento atrás de si. O barulho da porta batida aguçou ainda mais a curiosidade dos outros cientistas presentes. Prattes sentia os olhares ostensivos sobre ele. Revoltado, recolheu as suas coisas e se retirou mudo.

***

Após uma breve sindicância, o conselho do CERN decidiu divulgar os resultados da experiência. A possibilidade de mais um Prêmio Nobel de Física para a entidade justificaria a omissão de detalhes que não poderiam vir a público.

Mesmo sob o protesto formal do Dr.Murray, Prattes teve o seu trabalho reconhecido e se tornou o mais jovem e o único brasileiro a ganhar o Prêmio Nobel de Física.

O Bóson Pi passou a ser chamado de Bóson de Prattes desde então.

Mesmo sob a excitação da premiação, Prattes não conseguia tirar da cabeça o que realmente acontecera naquela madrugada.

O rompimento com Murray limitou o seu acesso às instalações do CERN.

A anomalia causada pela descoberta do Bóson de Prattes precisava ser explicada, aquele efeito colateral poderia significar mais um Nobel. Afastado do Próton Synchrotron, Prattes precisava se aprofundar nas pesquisas e encontrar as respostas para aquele estranho evento.

A única coisa que lhe restou daquela experiência única, foi o cristal de silício vermelho que tinha nas mãos, e precisava tê-lo sempre por perto.

Mandou confeccionar um anel, onde o cristal lapidado foi incrustado, e

passou a usá-lo desde então.

1
O SONHO

Salvador, ano 2011. Armazém um - Porto de Salvador, situado no bairro do Comércio, centro decadente da capital da Bahia.

– Tudo pronto? – perguntou o Dr. Prattes com a voz embargada, sem aparentar os 66 anos de idade. Os cabelos grisalhos, o olhar de águia e o corpo em forma eram resultados da intensa rotina de trabalho, combinada com os exercícios constantes.

– Tudo pronto, professor... – respondeu João, agachado ao lado da entrada da redoma, enquanto conferia algumas conexões.

João Ventura era o principal técnico do projeto. Nascido na Cidade Baixa, sempre foi o prodígio da família, desde cedo desenvolveu um especial talento para a física e mecânica quântica. Para surpresa dos pais e contrariando a tradição da cidade, sempre se interessou pela ciência e encontrou no projeto do Dr. Prattes a oportunidade para se desenvolver na área. Com o porte atlético comum a quem sempre batalhou pelas suas conquistas, João tinha a aparência típica dos soteropolitanos: negro, estatura mediana, o sorriso largo e a simpatia característica dos baianos.

– Checou os geradores? Precisaremos de toda energia que for possível... – insistiu o professor.

– Checado! – reforçou João, disfarçando o nervosismo. – Relaxa professor... Tá tudo sob controle...

A responsável pelos sistemas de informação estava atenta aos diversos monitores espalhados pela central de tecnologia do laboratório. Ciente do

dialogo entre o professor e João, ela fazia o ultimo check-list nos sistemas de informação.

Beatriz Lopes, uma jovem morena de olhos cor de mel, com os longos cabelos pretos, presos num rabo de cavalo, aguardava agitadíssima o inicio do experimento. Enquanto se ocupava com os seus afazeres, não notava que era observada por João disfarçadamente.

Por ordem do Dr. Prattes, estavam no laboratório, além dos seus assistentes diretos, apenas o Sr. Arthur York, o executivo financiador do projeto, de origem americana, com 1,87 de altura, cabelos castanhos impecavelmente cortados e olhos negros profundos, que aguardavam impassíveis, enquanto a equipe trabalhava freneticamente nos preparativos finais para o inicio do experimento. Contribuindo para aumentar ainda mais a tensão no ambiente.

Aquele local em nada lembrava um antigo armazém de porto. Todo interior era revestido com paredes reforçadas. Na área central, uma redoma feita com um vidro desenvolvido pelo Dr. Prattes, com isolamento total contra radioatividade, envolvida por um tubo de metal que contornava toda a sua extensão.

Todos os equipamentos eram controlados por uma central de servidores, conectados a um supercomputador e monitorados através de telões de LED estrategicamente colocados nas paredes do laboratório.

Toda aquela parafernália poderia facilmente ser controlada por apenas uma pessoa. A central de controle estava localizada na lateral direita do salão, numa plataforma com visão total para todo ambiente.

Dentro da redoma, uma poltrona com muitos cabos conectados. Sobre ela, uma cobaia. Um chimpanzé adestrado especialmente preparado para a experiência, com vários eletrodos conectados pelo corpo. Incontáveis fios e cabos sumiam sob o piso e reapareciam no painel de controle do lado de fora da área isolada.

Ao redor da bolha de vidro, o tubo de metal era um mini acelerador de partículas que circundava toda a área, preenchendo o ambiente com uma luminosidade causada pelos inúmeros leds piscando incessantemente.

João se deslocou até onde estava o Dr. Prattes, que se encontrava acompanhado de perto pelo Sr. York. Do outro lado, na plataforma de tecnologia, Beatriz sinalizou positivamente para o grupo.

– É AGORA! Coloquem os óculos de proteção! – alertou Prattes, enquanto ajustava o seu equipamento de proteção ocular.

Era perceptível o entusiasmo do velho cientista, João não conseguia descrever o que via por trás daquelas lentes quando o Dr. Prattes olhou para ele e para o executivo antes de iniciar o experimento.

– Três... dois... um... ligado!

No mesmo segundo em que Prattes apertou o botão, uma claridade intensa inundou o laboratório, imediatamente a redoma encheu-se de luz como se transformasse numa supernova. Mesmo com os óculos especiais, nenhum dos presentes conseguiu manter os olhos abertos, e mesmo fechados, a claridade ainda incomodava. Junto com a luz, se fez ouvir um zumbido diferente do que todos que estavam presentes já haviam ouvido.

Exceto Prattes.

A luminosidade e o barulho duraram menos de um segundo. Da mesma forma que surgiu, a luz pareceu ter sido sugada para o centro da redoma, desaparecendo repentinamente. Ainda atordoados, todos olharam instintivamente para dentro da redoma e, constataram surpresos, que o chimpanzé continuava no mesmo lugar, imóvel e aparentemente em total letargia.

– Não acredito!! – apoiado no painel de controle, o cientista era a imagem da desolação. – Não era para ele ainda estar aqui... – resmungou Prattes, visivelmente transtornado.

A expectativa transformou-se numa grande frustração. O animal inerte na redoma seria a última coisa que esperavam ver. Esperavam uma poltrona vazia.

João se aproximou do mestre e disse com a mão no seu ombro: – Calma, professor... Vamos avaliar o que houve e tentaremos novamente!

Prattes tirou os óculos de proteção e se virou para o financiador do projeto que o olhava impassível. – Sr. York, isso não era para ter acontecido... –

justificou, numa das raras atitudes de humildade do único Nobel brasileiro. – Não sei o que dizer...

York se aproximou e entregou os seus óculos a Prattes. – Veja o que aconteceu de errado e me informe do próximo teste... – disse enquanto se retirava deixando a equipe desolada para trás.

Beatriz se juntou aos dois quando York sumiu pela saída do laboratório.

– Depois dessa ducha congelante, que tal um cafezinho pra espairecer a cabeça?! – disse a engenheira da computação tentando aliviar o pesar dos colegas...

– Tem razão... – respondeu Prattes, cabisbaixo. – É a melhor coisa a ser feita... Vamos fazer um intervalo para esfriar a cabeça... – o professor se adiantou, seguido de perto pelo casal.

Foram todos para a copa. Prattes era a imagem da decepção, ele praticamente desabou na primeira cadeira que viu pela frente. Diante do silêncio desolador, Beatriz preparou um café para todos.

– O que cara é essa, pessoal? Não foi a primeira vez que um experimento não deu certo... – tentava reanimá-los, enquanto mexia delicadamente o chantili na sua xícara.

– Beatriz tem razão professor! O projeto continua... – confirmou João, tentando minimizar o clima pesadíssimo.

– Estou cansado desses fracassos... – murmurou Prattes. – Cada teste consome muito dinheiro e muita energia... Não sei até quando vão nos financiar...

Beatriz olhou séria para João, eles nunca tinham visto o professor tão deprimido.

– Não dá para ficar testando indefinidamente... – disse Prattes olhando para os dois. – Tenho a impressão que já chegamos ao limite...

– Há cada teste a gente evolui mais professor... – contrapôs João – É questão de tempo...

– Tempo... – interrompeu Prattes. – Isso é um luxo que não tenho... Por hoje

basta – se levantou desanimado. – Estou esgotado, preciso descansar...

Os jovens entenderam que a discussão estava finalizada. Sem falar mais nada o velho cientista virou-se e seguiu em direção à saída como se estivesse puxando uma tonelada.

Caminhado lentamente, Prattes pegou o seu jaleco, puxou a chave do carro no bolso cheio de anotações e se despediu deprimido.

Depois de alguns minutos, o silêncio dominava o ambiente. Sentados um de frente ao outro, sorviam o café sem emitir nenhum som, imersos em seus pensamentos. A cadência da respiração era o único ruído perceptível.

Se conheciam há pelo menos três anos.

Quando Beatriz foi convidada para participar do projeto, já encontrou João trabalhando como o principal assistente do Dr. Prattes. Raramente ficavam sozinhos, como naquele momento, quase sempre estavam acompanhados de outros técnicos que também participavam eventualmente do projeto.

O Dr. Prattes mantinha um processo de rodízio de profissionais, normalmente mantinha alguns estudantes ou profissionais durante alguma demanda específica por experimento, e depois de concluída a etapa, dispensava os colaboradores. Somente João e Beatriz eram fixos.

Segundo Prattes, essa era a melhor estratégia para manter os experimentos seguros e sob o rígido controle científico, quanto menos gente sabendo do todo, melhor. Essa situação aumentava a cumplicidade entre eles, tornando aqueles momentos cada vez mais íntimos.

Já tinham ficado a sós como naquela noite, mas daquela vez era diferente, de alguma forma João percebia que Beatriz também estava inquieta.

Os olhares evitavam se encontrar.

Pelo seu próprio reflexo no café, João via o desconforto estampado na sua face. Beatriz por sua vez o observava por sobre a caneca, e percebendo o constrangimento dele, esboçou um leve sorriso de satisfação.

Aquele jogo de sedução já durava há um bom tempo, desde que chegou à Salvador Beatriz prestou atenção naquele rapaz extrovertido e interessante, que

quando estava perto dela demonstrava uma estranha timidez.

A admiração mutua era algo meio platônico, eles evitavam frequentar ambientes onde o outro estaria com uma eventual namorada ou namorado, e quando isso acontecia a situação era sempre embaraçosa.

Agora ambos estavam disponíveis, segundo os próprios, por falta de tempo para dar atenção a outra coisa que não fosse o trabalho.

Tentando disfarçar a excitação provocada pelos olhares dela, João levantou e se dirigiu para a pia, onde despejou o que restou do seu café e começou a lavar a xícara, tentando dissipar o rubor da sua face.

Satisfeita com o efeito sobre o colega, Beatriz resolveu deixá-lo sozinho por algum tempo para que se recuperasse e se dirigiu novamente para o laboratório.

No momento que retornou para o seu posto, viu que o macaco ainda continuava preso aos sensores, desacordado dentro da máquina.

– JOÃO, VENHA AQUI! RÁPIDO!! – gritou, enquanto se deslocava rapidamente até a redoma.

Assustado, ele já a encontrou desconectando a poltrona. O animal continuava estranhamente desacordado, mesmo após mais de uma hora de finalizada a experiência.

– Ficamos tão abalados que nos esquecemos de Chico... – lamentou Beatriz, enquanto retirava o capacete coberto de sensores da cabeça do macaco. – Por que ele ainda está desacordado? – ela encarou João assustada.

– Não tenho a mínima ideia – respondeu ele examinado o animal.

Enquanto João terminava de desconectar a cobaia, Beatriz foi até o armário de primeiros socorros, localizado fora da área isolada, e trouxe um estetoscópio.

– Os batimentos cardíacos estão aparentemente normais... – suspirou aliviada, enquanto auscultava o coração do primata.

– Me ajude, vamos tirá-lo daqui... – pediu João, se esforçando para carregá-lo.

Com alguma dificuldade colocaram o animal na ampla jaula, fizeram mais algumas verificações e resolveram deixa-lo descansar um pouco mais, caso ele

não reagisse, chamariam o veterinário para um exame mais profundo.

Retornaram para o laboratório para recolher as ferramentas e desligar os últimos equipamentos.

Enquanto João cuidava da arrumação, Beatriz aproveitava a oportunidade e processava os dados coletados durante o experimento.

Depois de algumas horas totalmente concentrados, deram-se conta de que já era muito tarde e decidiram que passariam o resto da noite por ali mesmo. João já estava acostumado a pernoitar no laboratório, que era equipado com alguns alojamentos para visitantes.

Gentilmente, ele arrumou a melhor suíte e a ofereceu para Beatriz.

Enquanto se dirigia para o outro cômodo, ele a observou entrar lentamente no aposento cedido. Tentando dissipar os pensamentos impróprios ele se dirigiu rapidamente para o seu quarto.

Já deitado na sua cama, não conseguia deixar de pensar nela.

Durante algum tempo, ficou olhando para o teto, revivendo o dia mentalmente. Conseguia rever cada uma das ações de Beatriz. Até que o cansaço o venceu.

A manhã já avançava além da metade quando João acordou.

Ainda sem noção do tempo, levantou-se e foi direto para banheiro da sua suíte. Enquanto lavava o rosto na pia, ele encarou o seu reflexo no espelho e pensou alto:

– Eu sou um otário mesmo... Perdi a melhor chance da minha vida...

Algum tempo depois, já no corredor, João passou em frente ao quarto de Beatriz. Deu um leve toque na porta e forçou cuidadosamente a maçaneta.

Pela fresta da porta conseguiu vê-la, ainda dormindo.

Sem saber o que fazer, desconcertado com a situação, ele começou a admirar a beleza da sua colega, que dormia apenas de calcinha e camiseta, com o corpo parcialmente descoberto.

Sem perceber ele abria cada vez mais a porta, fascinado com o que via. A claridade a fez despertar, e por instinto ela puxou o lençol.

João fechou a porta tarde demais. Ela havia notado a sua presença.

De volta à copa do laboratório, João tomava o seu café da manhã quando Beatriz apareceu.

Completamente encabulado, ele evitou encara-la. Percebendo o constrangimento dele, ela quebrou o gelo.

– Humm! Descobri mais um talento seu... Que delícia... – comentou ainda de pé enquanto saboreava um gole de café.

Com o rosto ruborizado, ele agradeceu assentindo com a cabeça, ainda sem encará-la.

– E então, o que temos para acompanhar esse café delicioso? – insistiu enquanto se sentava à sua frente.

Sem ter como fugir, ele foi obrigado a olhar para ela. Isso de certa forma o acalmou; aquele não era o tratamento de alguém que estaria irritada. Provavelmente ela não tinha notado o seu pequeno ato de voyeurismo.

– Temos algumas torradas no armário... Ficam ótimas com isso... – disse enquanto oferecia um pote de geleia de amora.

Bem mais tranquilo, ele observava a delicadeza com que ela espalhava a geleia na torrada. Admirava cada pelo dourado naquele braço bronzeado, lembrando as pernas torneadas que a pouco estavam à mostra.

Beatriz percebia a quase hipnose que causava no colega e continuava a alisar delicadamente cada torrada, praticamente em câmera lenta, aos poucos um magnetismo inexplicável forçou os olhares a se encontrar. Um brilho diferente emanava do o rosto dela, um sorriso delicado era o sinal de que ele podia avançar, com um frio na barriga João retribuiu o sorriso e pegou na mão dela.

– Arram! Atrapalhei alguma coisa? – interrompeu o Dr. Prattes, entrando subitamente no recinto.

– Não! – respondeu Beatriz, puxando a mão. – Claro que não...

Automaticamente João levantou-se tentando disfarçar a surpresa.

– Bom dia professor... Não sabia que o senhor chegaria tão cedo...

– Cedo?! Já tá quase na hora do almoço! – respondeu Prattes, aparentemente

refeito do drama da noite anterior. – Me desculpem por ter chegado assim de supetão...

Beatriz corou.

– Já é hora do almoço?! – desconversou João.

– Quase. Que tal um almoço num lugar diferente hoje?! – convidou o professor.

– Seria ótimo comer algo além de torradas... – disse Beatriz tentando controlar a vergonha que a dominava.

Rapidamente arrumaram a copa e se dirigiram até o estacionamento. Ao saírem, se depararam com um dia maravilhoso. O estacionamento se localizava no antigo cais do Porto de Salvador.

Além do armazém um, o armazém dois também foi transformado em centro de pesquisa e ensino. Os laboratórios ficaram no armazém um, sendo o principal o tocado pelo Dr. Prattes, no armazém dois ficavam os depósitos de materiais, o complexo de salas de aulas e a biblioteca.

Por conta de um acordo com o IPHAN, as estruturas externas dos prédios foram preservadas, mas a intensa movimentação de estudantes e cientistas denunciava que ali não funcionava mais um porto, e sim um campus universitário pujante.

O antigo Porto de Salvador havia sido transferido alguns anos antes para a localidade de Aratu, na cidade de Candeias, onde poderia ser ampliado e não sofreria com a localização em pleno centro da cidade. Essa transferência fazia parte do plano de revitalização do bairro do Comércio, antigo centro comercial e financeiro da cidade que padecia com a degradação típica de antigos bairros das grandes metrópoles.

O mar calmo refletia a luz do Sol e conferia uma luminosidade especial ao lugar. Enquanto caminhavam até o carro, João e Beatriz andavam tão juntos que suas mãos quase se tocavam. O visual magnífico parecia aumentar a cumplicidade que crescia dentro deles.

No trajeto até o restaurante, a ilha de Itaparica, vista pela janela do carro,

parecia muito mais perto do que realmente era. Se deslocando pela Avenida do Contorno, a paisagem luxuriante da Baía de Todos os Santos inundava a mente de todos. O cheiro da maresia e a beleza exuberante praticamente faziam desaparecer as tensões do dia anterior.

– Aproveitando esse dia maravilhoso, vamos almoçar num lugar especial... – disse Prattes, enquanto virava à direita, entrando na Marina do Contorno.

A mesa escolhida ficava sobre uma plataforma de acrílico localizada na varanda do restaurante, acima do mar, valorizando ainda mais a paisagem.

Assuntos amenos dissipavam a preocupação quanto à experiência do dia anterior, mas era ainda perceptível a inquietação do Dr. Prattes, que friccionava insistentemente o seu anel com a gema vermelha.

Por mais de quarenta anos ele perseguiu as causas para o estranho efeito colateral da sua experiência de 1969. Ainda na década de setenta, no MIT, nos EUA, ele formulou, junto com o matemático tcheco Kurt Godel, uma teoria sobre o que o havia acontecido: para eles, aquilo seria a prova cabal da possibilidade do deslocamento no tempo. Com base na teoria da relatividade de Einstein, eles presumiram que a desestabilização do núcleo do átomo, além de revelar o Bóson de Prattes, fez o cristal viajar no tempo.

Depois de quase três décadas, dilapidando a sua fortuna e desgastando a sua imagem no meio científico e acadêmico, defendendo a tese de que a viagem no tempo era possível, ele foi obrigado a retornar para sua cidade natal e aceitar a oferta para retornar para o Instituto de Física da UFBA. No inicio trabalhou no Campus da Ondina e em pouco tempo, com a sua fama e carisma, já havia retomado as suas pesquisas pessoais e montado um laboratório de física nuclear no Campus.

Era perceptível para o casal que o peso do fracasso do dia anterior se tornava crítico para o velho cientista.

– Professor, o que senhor acha que aconteceu ontem à noite? – perguntou João à queima roupa, tentando estimular o Dr. Prattes a retomar as rédeas da pesquisa.

– Não tenho a mínima ideia... Não era para ter acontecido aquilo – respondeu secamente.

– E se deu certo?! – exclamou Beatriz, fazendo os outros a encararem surpresos.

– Ora Beatriz... Chico continuou na poltrona o tempo todo... – argumentou João.

– E se ele tivesse sumido e retornado tão rápido que a gente não percebeu?! – insistiu ela. – E se a viagem dele durou menos de um segundo?!

– Por que você está dizendo isso? – interveio Prattes, intrigado.

– Vocês lembram como o Chico estava bem antes da experiência? – complementou. – Viram que ele terminou o teste desacordado... Como pode um primata de grande porte apagar repentinamente?! – os outros acompanhavam a argumentação dela com extremo interesse. – Ontem depois que o senhor saiu, o tiramos da redoma ainda desacordado e aparentemente em sono profundo. Ele parecia esgotado!

– Ela tem razão professor! – exultou João. – Chico tava bem estranho, alguma coisa aconteceu com ele... – o brilho no olhar de Prattes demonstrava que ele considerava que realmente algo poderia ter acontecido.

João sabia que o sucesso do experimento não seria somente o coroamento da busca incessante de uma vida, seria a resposta do seu mestre aos colegas e políticos que praticamente o expulsaram do Campus de Ondina, obrigando-o a recomeçar nos armazéns abandonados do Porto de Salvador, depois de um dos testes malsucedidos no laboratório de física nuclear do Instituto de Física.

– Ficamos tão abalados que nem notamos esses sinais óbvios... – observou Prattes. – Mas nada de conclusões precipitadas... Primeiro vamos analisar o animal e depois veremos os fatos!

Revigorados, saíram imediatamente do restaurante. Prattes dirigia rápido em meio ao trânsito caótico do centro antigo da cidade, dentro do carro o entusiasmo aumentava à medida que se aproximavam do laboratório.

Ninguém melhor do que o professor para saber que o momento da

experiência representaria apenas uma lacuna, por onde o viajante entraria. O tempo que ele passa no futuro pode não ter relação direta com a fluidez do tempo do presente.

Já encontraram o chimpanzé desperto e aparentemente normal, rapidamente o prepararam para os novos exames.

Enquanto preparava o conversor de ondas cerebrais, Prattes ordenou:

– João, prepare o animal para uma análise detalhada...

– O nome dele é Chico professor... – brincou João.

– Ele é uma cobaia, rapaz... Evite criar vínculos...

–Ok, professor. – respondeu João olhando para Beatriz, com uma careta divertida, simulando o jeito de Prattes de falar.

– Vou preparar os sistemas para processar os dados! – anunciou Beatriz, após preparar a maca onde colocariam o macaco sedado.

Pouco tempo depois, com o animal desacordado e devidamente conectado aos aparelhos de análises, João e Prattes começaram a colher os relatórios. As análises dos reflexos cerebrais do macaco não demonstravam nenhuma anomalia.

– O que você está achando, professor? – perguntou João, ansioso.

– Ainda não dá para tirar nenhuma conclusão... Temos que esperar um pouco mais...

– Beatriz, os dados referentes à antes da experiência já estão carregados no sistema? – questionou em seguida.

– Sim, professor.

– Então vamos lá... Coloca esse computador para funcionar! – concluiu sem conseguir disfarçar a emoção na voz.

Todos os dados de antes e de depois da experiência foram colocados num supercomputador especialmente preparado para o projeto. Com altíssima capacidade de processamento o equipamento rodava programas feitos especificamente para os cálculos e tarefas extremamente complexas exigidas pela infinidade de informações captadas pelos sensores espalhados na redoma e

no ocupante da máquina.

Mesmo com a capacidade absurda de processamento, ainda seria necessária uma espera relativamente longa para que se começasse a sair os primeiros resultados.

Foram quase quarenta minutos de eternidade.

Depois de um aparente fracasso, um fio de esperança surgiu, uma esperança de provar ao mundo que a viagem no tempo seria possível.

Quando João se juntou ao Dr. Prattes, ele enfrentava grandes dificuldades para se manter na ativa, talvez a única coisa que ainda o mantinha, era o fato de ter sido o único Nobel do Brasil. O professor havia acabado de sair de uma temporada mal sucedida no Campus de Ondina, e depois de um acidente no laboratório, onde um colega morreu e várias pessoas ficaram feridas ele quase foi expulso da universidade, sem contar os processos criminais que foi obrigado a responder por conta disso.

Depois de vários minutos de ansiedade, a impressora começou expelir páginas.

Sem disfarçar a excitação, Prattes começou a avaliar uma a uma.

– Vejam! – exclamou enquanto passava a página para João. – As leituras do tálamo da cobaia estão completamente alteradas... – ávido, ele puxou a página seguinte. – É como se o animal tivesse sonhado durante uma semana!!

– Beatriz, imprima o processamento do lobo occipital... – instruiu Prattes, enquanto se aproximava da mesa do centro de controle e verificava algumas anotações.

Beatriz clicou em algo na tela, e momentos depois um novo relatório era impresso.

Plantado na frente da impressora, Prattes analisava detalhadamente cada página. Ficando visivelmente alterado a cada linha.

– Seu programa está funcionando corretamente, Beatriz? – questionou, balançando a papelada com a mão direita.

– Claro que sim! – respondeu visivelmente contrariada. – Fiz um check-list

total antes da experiência, verifiquei tudo, inclusive o algoritmo...

– Alguém pode me dizer o que tá acontecendo?! – João interrompeu o dialogo sobressaltado.

– Meu rapaz... Se isto estiver correto, a experiência foi um sucesso!! – exultou Prattes, enquanto mostrava os gráficos impressos no papel. – Segundo este relatório, o macaco precisaria de muito mais tempo do que os décimos de segundo que durou a experiência para acumular essa quantidade de informações no cérebro! – afirmava, apontando para uma série de comparativos impressos. – Isso quer dizer que, de alguma forma, ele acumulou muito mais informações e viu muito mais coisas do que era possível no intervalo de tempo que durou a experiência!

– Então a teoria de Beatriz estava certa?! – exclamou João. – Chico viajou para o futuro?!

– Essa é a única explicação! – afirmou Prattes. – E pelos dados ficou lá, por pelo menos, uma hora! O tempo que havíamos programado... Mas para nós foi imperceptível!!

– CONSEGUIMOS CRIAR A MÁQUINA DO TEMPO!! – João não se conteve, avançou e abraçou Prattes efusivamente.

– Isso mesmo, meu rapaz!! – disse, correspondendo timidamente o abraço do pupilo.

Animadíssima Beatriz acompanhava a comemoração dos colegas, ainda atenta aos dados que continuavam a surgir no monitor do supercomputador.

O programa segmentava cada processo de acordo com a área afetada do cérebro do viajante do tempo, os relatórios emitidos demonstravam o impacto sobre áreas especificas da percepção do macaco em relação a interação dele com o ambiente.

Curiosa com outros resultados, Beatriz se aprofundava nos gráficos que continuavam a surgir nos seus diversos monitores.

– Pessoal... – interrompeu a comemoração. – Pelo que vejo aqui o cérebro de Chico não processou os fatos como reais... Para ele o passeio no futuro não

passou de um sonho!!

A euforia deu lugar ao silêncio, o fato de o cérebro do primata não reconhecer o que acontecera como algo real era um problema. Isso poderia influenciar em como o cérebro humano responderia a uma viagem no tempo.

Era óbvio que o sucesso da experiência era algo extraordinário, mas a falta de consciência do tripulante era um grande empecilho ao uso pelo homem.

Eles tinham as provas de ter conseguido fazer um ser vivo viajar no tempo. Isso por si só já bastava para mais um Nobel, sem contar os desdobramentos fantásticos que poderiam advir a partir dali.

Com a confirmação do sucesso da viagem no tempo, era preciso enquadrar todo o processo na metodologia cientifica e garantir a sua repetitividade. Passaram o restante do dia documentando a experiência passo a passo e preenchendo todos os pré-requisitos para a apresentação formal dos resultados à comunidade científica mundial.

Cientes da revolução que testemunharam, fizeram um pacto de sigilo até que conseguissem explicar o porquê do cérebro do viajante não processar o evento como realidade.

Nos dias seguintes, eles buscaram incessantemente uma explicação para o que tinha acontecido, procuraram respostas de como a máquina pôde afetar tanto o cérebro da cobaia.

Duas semanas já tinham se passado e nenhuma resposta significativa sobre qual o motivo do cérebro do primata não ter processado a viagem. A busca se revelava cada vez mais infrutífera, o afunilamento das possibilidades gerava uma ansiedade crescente na equipe.

Prattes fazia questão de manter o sigilo da descoberta até que conseguissem encontrar a explicação para o fato de cérebro não reconhecer a viagem no tempo como algo real. O velho cientista só concordava em informar ao investidor, Arthur York, coisa que João era terminantemente contra. Não enquanto a comunidade científica não ficasse à par do que acontecera. O rapaz não conseguia engolir o fato de o executivo só aparecer nos momentos cruciais e não

se portar como um integrante do projeto.

– Aquele cara é muito esquisito... Como um executivo que investiu tanta grana num projeto desses só aparece de vez em quando?! – João perguntou para Beatriz, enquanto estavam juntos avaliando uma das conexões da máquina.

– É bem estranho mesmo... Vai ver que o Dr. Prattes mantêm ele informado...

– Pode ser... Mas meu santo não bate com aquele sujeito... – João pensava alto quando Prattes chamou a atenção deles.

– PESSOAL! ACHEI A FALHA DA MÁQUINA! – com a satisfação estampada no rosto, o velho cientista acenou para os dois com um calhamaço de papéis nas mãos. – O problema está no fluxo de energia dentro da redoma...

Os jovens se aproximaram rapidamente do centro de controle atentos aos documentos na mão do professor.

– A máquina tá toda isolada professor... – comentou João, assim que o alcançou. – Já chequei todas as conexões...

– Não é a alimentação elétrica meu rapaz... É a energia residual da aceleração das partículas. – explicou Prattes. – Os eletrodos que se conectam na cabeça do tripulante carregam uma carga residual da energia gerada pelo acelerador... – prosseguiu. – Mesmo com o isolamento, o impacto em nível molecular é muito grande, influenciando as sinapses dos neurônios, e como proteção o cérebro simplesmente “desliga”.

– Mas não é possível se desligar... – interrompeu Beatriz.

– Eu formulei uma teoria: em algumas situações o cérebro simplesmente apaga as lembranças ruins, isso já foi comprovado... – ilustrou Prattes. – Depois de algum tempo, não nos lembramos de experiências desagradáveis, que achamos que serão inesquecíveis quando elas acontecem.

– Realmente... – concordou Beatriz.

– E existem pessoas que têm sérios problemas psicológicos, sem causa aparente, que se descobre mais tarde serem traumas que a mente simplesmente apaga da memória... – insistiu Prattes. – Imagine você ser tirado bruscamente da sua realidade, isso é uma situação extrema! Seu corpo aparentemente é

desintegrado e reintegrado em outra época. As conexões nervosas devem ser altamente impactadas, as sinapses entram em pane... O cérebro não consegue processar o que está acontecendo e traduz a situação como um sonho!

2
O PRIMEIRO HUMANO

Agora tinham um norte. Depois de mais duas semanas de trabalho intenso, confirmaram as teorias do Dr. Prattes. O objetivo agora era controlar os neurotransmissores e isolar a influência da máquina nas sinapses cerebrais.

Utilizando os seus conhecimentos em nanotecnologia e em mecânica quântica, João criou um novo capacete que trataria em nível subatômico o gerenciamento da energia na cabeça do tripulante, que teoricamente minimizaria o impacto da viagem no cérebro do usuário.

– Com esse capacete a gente pode praticamente transferir o que a pessoa tá pensando para o computador... – afirmou João. – Quando a energia interage com os neurônios, ela é transformada em radiação que é captada pelos sensores, semelhante a um aparelho de tomografia computadorizada, só que em vez de imagem, transformo isso em informação...

– Doutor, poderíamos instalar um processador no capacete que João está finalizando – sugeriu Beatriz – Ele captaria os impulsos elétricos do cérebro do tripulante, e com os dados coletados eu poderia utilizar um software para monitorar o seu subconsciente...

– Excelente ideia! – exultou Prattes. – Dessa forma podemos avaliar exatamente qual área do cérebro é afetada e utilizar os resultados para aperfeiçoar a máquina!

– Só tem um probleminha... – interferiu João. – Para isso precisaremos de alguém que raciocine!

– Por enquanto nem pensar! – discordou Prattes veementemente. –Vamos

continuar com a cobaia...

– Professor, já tentamos com o Chico e funcionou! – insistiu João. – Ele está bem, fizemos todos os exames clínicos e não houve nenhuma alteração comportamental... Pense bem! Agora precisamos de alguém que nos diga o que viu!

– Ainda não sabemos que efeito isso pode ter na mente humana... – negou Prattes. – É muito perigoso... Precisamos ter plena certeza de que a máquina é segura para um ser humano...

Beatriz ouvia aquela discussão angustiada.

– Se não testarmos com uma pessoa, nunca saberemos! – disse João. – Já conseguimos isolar a corrente elétrica do cérebro, Beatriz tem como monitorar o subconsciente do viajante, o que precisamos é de alguém que consiga dizer o que realmente aconteceu! E eu posso ser esse alguém!

– É muito perigoso! – protestou Prattes. – Não sabemos o que pode acontecer!

– Professor, se eu não for não saberemos nunca! – reafirmou João, convicto.

– João, vamos aguardar mais alguns testes... – interveio Beatriz. – Você está se precipitando...

– Me precipitando?! Estamos há um tempão envolvidos nesse projeto! – exclamou exaltado. – O professor tem mais de quarenta anos tentando provar as suas teorias... Já fizemos inúmeros testes e todos, todos deram certo! E eu estou me precipitando?

– É muito perigoso!! – replicou Beatriz, tentando acalmá-lo.

– Mas eu tenho que ir!! – impôs João. – Até quando vamos esperar?! A hora é agora, não temos mais como adiar, tem que ser eu! O professor precisa operar a máquina e você operar o computador!

– Olha, acho que precisamos pensar melhor sobre esse assunto... – disse Prattes, tentando apaziguar a discussão. – É bom todos nós relaxarmos um pouco e acalmarmos os ânimos. Amanhã nos encontramos aqui para decidir o que será feito... – com o semblante sério virou-se para João. – Transfira para a minha

pasta nos servidores da pesquisa os esquemas do capacete com todos os detalhes da conversão do raciocínio do viajante em informação... – sem dizer mais nada, Prattes se dirigiu até o seu escritório particular.

João, ainda agitado pela discussão, se dirigiu até a redoma para examinar as conexões do capacete. Excitado pelos últimos acontecimentos, se agachou ao lado da poltrona tentando relaxar enquanto se ocupava testando os conectores pendurados. De onde estava, podia visualizar Beatriz através do reflexo do acelerador de partículas que circundava a redoma. Ela olhava fixamente para ele; no seu semblante a apreensão era perceptível.

Pensando sobre o que havia acontecido nos últimos dias, agora tinha a certeza de que ela nutria por ele algo além de uma simples amizade.

Procurando se concentrar nas suas tarefas, depois de algum tempo, João estava absorto nas suas tarefas e não percebeu a aproximação de Beatriz. Ela chegou por trás dele e sussurrou inesperadamente no seu ouvido.

– Não gostaria que você se arriscasse...

Surpreso, ele sentiu um arrepio de prazer. O cheiro dela inundou as suas narinas, a proximidade com o seu corpo o fez estremecer. Ele conhecia aquele perfume, mas o aroma que ela exalava era algo indescritível.

Quando se virou, notou que ela já havia se afastado e recolhia algumas ferramentas na saída da redoma. Ainda atordoado e tentando captar mais aquele cheiro maravilhoso, ele se aproximou dela.

Ela continuava a recolher as ferramentas sem nenhuma pressa. Aquilo era apenas um artifício; Procurando controlar a timidez, ele a abordou de uma forma que nunca imaginara antes.

– Por que você se preocupa tanto comigo? – perguntou com a boca quase encostada na orelha dela.

Beatriz virou-se abruptamente. A proximidade deles era tanta que os lábios se tocaram suavemente. Ela estava entre a parede da redoma e João, que com as mãos apoiadas por cima do seu ombro, a acomodava entre os braços forçando-a a encará-lo.

A timidez estava vencida.

Ele via nos olhos de Beatriz a paixão que ela sentia e pressionava o seu corpo de encontro ao dela, que não esboçava nenhuma resistência. Um sorriso meio encabulado era o sinal de que ele podia avançar.

Delicadamente ele a beijou.

Naquele momento, nada mais importava, a tensão simplesmente desapareceu, a única coisa que interessava era aproveitar ao máximo aquela sensação prazerosa que parecia infinita.

Durante longos minutos eles se beijaram e se acariciaram intensamente, perdendo completamente a noção de onde se encontravam.

Como se despertando de um transe, Beatriz disse assustada:

– O professor pode sair da sua sala e nos ver aqui!

João sabia que mesmo o professor tendo conhecimento da sua paixão por ela, não gostaria de vê-los naquela situação, justamente dentro da máquina do tempo.

– Ele ainda vai demorar...Você sabe que quando ele entra naquele escritório demora séculos para sair...

– Não, João! – Beatriz resistiu, afastando-o delicadamente. – Precisamos sair daqui, imagine a vergonha que eu passaria caso o professor nos visse nessa situação...

Convencido de que realmente aquele não era o local ideal para continuarem, decidiram sair para algum lugar mais apropriado.

Como de praxe, deixaram um bilhete informando que já estavam de saída e seguiram para o estacionamento juntos. Enquanto caminhavam pelo corredor de saída, ele pegou com carinho na mão dela, que consentiu.

Sair de mãos dadas do laboratório com Beatriz era algo que João sempre sonhara. Aquele simples gesto representava a realização de um desejo há muito esperado.

Já era noite.

No cais do porto, a moto de João estava estacionada entre o carro do Dr. Prattes e o dela. Ele sentiu um vacilo quando a forçou na direção da moto.

– Que foi? – perguntou com um sorriso. – Tá com medo sair na minha moto?

Ela sorriu em resposta e cedeu.

Enquanto acelerava na subida da Avenida do Contorno, o mar calmo da Baía de Todos os Santos soprava uma brisa refrescante no rosto deles, aumentando a sensação de liberdade, fazendo daquela uma noite perfeita. Com a pista livre, João ia cada vez mais rápido em direção à orla da cidade.

Passou rapidamente pelo Vale do Canela.

Na altura da Avenida Centenário, o desconforto inicial de Beatriz já havia passado e ela aos poucos relaxava e aproveitava o passeio. A tensão do laboratório já tinha ficando para trás. Cada vez mais à vontade, ela apertava o tórax de João de encontro ao seu, e ele, com um sorriso de satisfação, buscava o caminho mais longo possível.

Beatriz já não sentia nenhum desconforto, e ele acelerava feliz pela Avenida Oceânica, margeando a orla marítima de Salvador. Resolveram parar num restaurante no alto do Morro do Conselho, de onde poderiam desfrutar do reflexo da Lua no mar do Rio Vermelho, emoldurada pelos arrecifes onde um dia o náufrago Diogo Álvares, o Caramuru, chegou ao Brasil.

A Lua cheia refletida nas águas do mar de Salvador contribuía ainda mais para o clima de romance. Acompanhados por um bom vinho, conversavam sobre a situação inusitada em que se encontravam. Em meio a lembranças de momentos marcantes, ele aproximou-se ainda mais dela e, deixando a timidez definitivamente de lado, a beijou com paixão.

Aquela noite era muito especial para ambos.

Durante horas conversavam e se acariciaram como se somente eles existissem no mundo. O local contribuía para isso. A discrição da mesa à meia luz, próxima a janela, propiciava ambiente ideal para namorarem sem grandes preocupações.

As horas passaram sem que eles sentissem; o tempo era algo que não existia. O jantar de frutos do mar, regado com vinho branco naquele lugar mágico, fazia aqueles momentos se tornarem eternos.

Tudo o que aconteceu até então não importava mais, a única coisa que interessava era recuperar o tempo perdido.

Foram os últimos a sair do restaurante. As portas do estabelecimento foram fechadas às suas cos-tas.

Divertindo-se com a situação e embalados pelo vinho, foram abraçados até o estacionamento. Retardando ao máximo o fim do encontro, andavam lentamente em direção à moto, beijavam-se e vagarosamente se aproximavam do veículo.

Utilizando o caminho mais longo até a casa de Beatriz, João curtia cada momento. Com a mulher dos seus sonhos na sua garupa, ele sentia-se realizado.

Infelizmente a noite ia chegando ao fim e ele seria obrigado a deixá-la em casa.

Ao chegar em frente ao prédio, ela desceu da moto e o beijou carinhosamente. Ele estava louco para subir, e ela sabia disso. Sabia também que se não facilitasse ele não avançaria o sinal.

– Quer beber algo?... – ela deu a deixa.

– Eu não rejeitaria esse convite por nada! – respondeu prontamente.

Beatriz morava sozinha e seu apartamento não era muito grande. Logo na entrada, João sentiu um leve perfume que emanava do local.

A decoração tinha algo de oriental.

Sobre o estofado, uma manta indiana que combinava perfeitamente com os móveis modernos; a iluminação valorizava alguns quadros e ajudava a criar um ambiente bastante aconchegante.

Após fechar a porta, Beatriz abraçou João por trás forçando-o a entrar na sala de estar. Ainda com os capacetes nas mãos, ele não conseguia retribuir o carinho. Ela o beijou na nuca e se dirigiu para cozinha.

Ele colocou os capacetes sobre o balcão ao seu lado, quando notou diversas fotografias afixadas na porta da geladeira que ela abria procurando uma garrafa com água. Entre as fotos, algumas deles juntos com a equipe do laboratório, que ele nem se lembrava de ter tirado.

Ele se aproximou para ver melhor as outras imagens.

– A curiosidade matou o gato... – disse ela sorrindo, enquanto colocava a garrafa de água ao lado dos capacetes. – Você não vai encontrar nada demais, são fotos de pessoas importantes pra mim...

– E essas fotos aqui com jacarés e araras... é um safári?

– Claro que não! – respondeu sorrindo. – Foram tiradas na fazenda do meu avô no Pantanal Sul-Mato-Grossense...

– Ah! Esqueci que você é de lá... Uma morena linda como você só poderia ter nascido na Cidade Morena... – concluiu beijando-a.

Enquanto Beatriz bebia água, João retirou os capacetes do balcão e os colocou sobre o estofado da sala. Em seguida, tomando o copo delicadamente de sua mão, ele a beijou enquanto suas mãos acariciavam a nuca dela.

De forma carinhosa, ele deixou as mãos deslizarem por suas costas enquanto beijava o seu pescoço e se entregava àquele cheiro que o inebriava. Ela retribuiu o carinho e se entregou ao abraço forte dele, que com firmeza comprimia o seu corpo de encontro ao dela.

Totalmente entregues à paixão, eles deixavam o desejo intenso dominá-los.

Toda a timidez, todos os problemas foram esquecidos. Naquele momento nada mais existia, eles só queriam satisfazer um ao outro, nada mais importava...

* * *

A luminosidade do dia invadiu o quarto, a cama desarrumada denunciava a noite intensa que passaram juntos. Preguiçosamente, João abriu os olhos e num impulso espontâneo procurou Beatriz ao lado, mas não havia ninguém.

De sobressalto ele sentou-se na cama.

– Calma, meu querido – disse Beatriz, enquanto entrava no quarto com uma bandeja nas mãos. – Fui preparar um café da manhã especial pra gente...

– Por um momento achei que eu tinha sonhado!

– Não, meu amor, isso é a mais pura realidade...

Ele a puxou de volta para baixo dos cobertores e recomeçaram as carícias...

Muito mais tarde resolveram sair. Aproveitariam o dia ao máximo. Iriam à praia, depois um passeio sem destino pelas ruas da cidade e, antes de voltar para

casa, bebericar e comer algo no fim de tarde em algum dos restaurantes à beira-mar. Nada melhor que um pôr do Sol no mar para finalizar um dia perfeito.

Ao cair da noite, o clima romântico começou a ceder à tensão, à medida que o tempo avançava, as lembranças da experiência começavam a aflorar novamente.

João percebia a preocupação de Beatriz e tentava aliviar o tormento com assuntos amenos. Procu-rou preencher o tempo de forma a tirar da cabeça dela a lembrança da decisão que seria tomada na manhã seguinte.

Ele se encarregou de fazer o jantar, preparou o ambiente para mais uma noite inesquecível... Até o dia seguinte eles não pensariam mais em nada, a não ser em aproveitar ao máximo aqueles momentos juntos.

* * *

João não pregou o olho a noite inteira. Durante a madrugada, relembrava como conheceu o Dr. Prattes. Ele tinha 14 anos.

Foi uma época bastante conturbada da sua vida.

O acidente que matou os seus pais aconteceu durante o processo seletivo que fez para entrar no recém-inaugurado centro de pesquisas, fundado pelo Dr. Prattes no Comércio. Na época por muito pouco não desiste, aprovado nas primeiras colocações, foi convencido pelo próprio Dr. Prattes a permanecer no projeto.

Durante muito tempo carregou a culpa pela morte dos pais, que viajaram logo depois de uma discussão especialmente acirrada entre eles e João, que nunca mais teve como se desculpar pelas palavras duras com que se despediu da sua família.

Desde então vivia com o padrinho, que junto com o Dr. Prattes eram os principais incentivadores da sua vida acadêmica e profissional.

Depois do incidente no Campus de Ondina, Prattes foi “convidado” a montar um centro de pesquisas fora da universidade, o projeto era mais um programa social do governo, criado para revitalizar uma área degradada da cidade e atender a população carente do seu entorno. A presença de um Nobel de Física,

mesmo com a imagem arranhada, ainda era um grande alavancador para um projeto como aquele.

A grande reviravolta se deu com o surgimento de Arthur York, que representava um fundo de investimento internacional e viu no projeto de Prattes uma grande oportunidade. A partir daí a mudança foi gradativa, aos poucos a meritocracia substituiu a caridade. Com os investimentos e a atração de profissionais de ponta, logo o Centro de Pesquisas de tornou um prolongamento do Instituto de Física da UFBA e em seguida se transformou no Campus de Estudos e Física Aplicada da UFBA.

Olhando para Beatriz que dormia ao seu lado, João lembrou-se de um dos momentos mais importante da sua vida, quando a viu entrar no laboratório, convidada para fazer parte do grupo especial do Dr. Prattes.

Naquele seleto grupo, somente os melhores de cada área, pessoas com talentos específicos e complementares. E dentre todos, somente ele e Beatriz faziam parte da equipe fixa do professor.

***

A reunião da manhã seguinte foi tensa. João insistiu com a ideia de testar a máquina. Não adiantaram as objeções dos outros, que por fim foram obrigados a ceder. Mesmo conhecendo o imenso risco, sabiam que alguém teria que testar a máquina, e não havia ninguém mais preparado para isso do que João.

Definido os detalhes da próxima experiência, Prattes disse:

– Entrarei em contato com o Sr. York para informá-lo dos próximos passos...

– Não, professor! – negou João. – Não concordo com a presença daquele sujeito, vamos fazer o teste sem ele!

– Meu rapaz... – tentou argumentar Prattes. – Ele é o investidor e faz parte da equipe, precisamos mantê-lo a par de tudo...

– Não! – enfatizou o jovem. – Ele não faz parte da equipe! Nós somos a equipe, fomos nós que construímos a máquina, portanto temos o direito de definir quem deve estar aqui durante os testes... Além disso, quem estará lá dentro sou eu, e eu não o quero aqui!

– Realmente, esse Sr. York é muito estranho... – interveio Beatriz. – O senhor não acha, doutor?

– Ele é um homem de negócios e deve estar ocupado com outros investimentos. – desconversou Prattes.

– Professor, há quanto tempo o senhor o conhece? – perguntou João.

– Você sabe que foi ele quem salvou o projeto... – retorquiu Prattes. – Quando a empresa dele assumiu a administração financeira do projeto e nos livrou do Ministério Público... Se não fosse ele eu poderia estar na cadeia até hoje...

– O senhor já tinha ouvido falar dessa empresa?! – insistiu João. – Já foi na sede?

– Confesso que até ele aparecer aqui não sabia nada sobre a P&V Empreendimentos e Pesquisas. – respondeu Prattes. – Mas isso é irrelevante, o contrato firmado é extremamente positivo para nós e eles vêm cumprindo com a sua parte rigorosamente...

– É estranho um sujeito que surge de repente... – reiterou João. –Te oferece dinheiro para tocar um projeto como esse e só aparece esporadicamente?

– Reconheço que é esquisito... Porém esse homem já investiu alguns milhões de dólares no projeto, e além do mais, muitas pessoas também me chamam de estranho... Mas já que vocês insistem, vamos fazer o teste sem ele! – disse Prattes, visivelmente irritado, encerrando a discussão, enquanto se retirava da sala de reunião. – Vamos preparar a máquina! Programaremos para você ficar seis horas no futuro!

***

Começaram os preparativos para a viagem. O silêncio reinava no laboratório, todos estavam muito tensos.

Todas as conexões tinham que ser checadas, os equipamentos testados, os softwares de monitoração deveriam ser revisados.

Nada poderia dar errado.

Depois de horas de preparativos, tudo havia sido checado, nenhum detalhe

foi esquecido. Todos os procedimentos foram repassados.

Enquanto Beatriz fazia um check-list nos programas que seriam utilizados na experiência, João tentou entrar no escritório particular do Dr. Prattes, que como sempre estava trancado. Ele bateu e o chamou para o intervalo antes da experiência.

– Estranho, ele nunca nos deixa entrar naquela sala... – comentou com Beatriz, quando voltou ao centro de controle.

– Todo mundo tem suas manias... – argumentou ela, puxando-o pela mão em direção à copa. – Imagine um cientista como o Dr. Prattes... Esqueça isso...

João e Beatriz estavam beliscando uns biscoitos quando Prattes juntou-se a eles. O ambiente continuava tenso, eles estavam calados, os semblantes sérios evidenciavam uma mistura de excitação e de medo.

Prattes tomou rapidamente uma xícara de café e retirou-se calado. Tentando parecer calmo, João falou com Beatriz enquanto lanchavam:

– Finalmente, agora vou conhecer os nossos filhos...

– Nem brinque com isso! – o repreendeu Beatriz. – Será que ainda não percebeu o risco que você está correndo? Nós não temos a mínima ideia do que pode acontecer!

– Relaxe, Beatriz... – tentou minimizar João. – Você viu o Chico, ele está ótimo, não tem risco nenhum...

– Nós ainda não sabemos se existe algum efeito colateral, ainda não tivemos tempo para avaliar tudo de forma meticulosa... – argumentou Beatriz. – Você é um cientista e sabe que as análises que fizemos não foram conclusivas!

– As análises nunca serão conclusivas! – bradou João levemente irritado. – Se eu não for, nós nunca saberemos se a máquina funciona plenamente. Eu preciso ir... Se não for eu, outra pessoa irá! Lembre-se da história do Nobel do Dr. Prattes... Sempre existe um risco... Isso faz parte do nosso trabalho!

– Eu sei disso... – disse Beatriz, acariciando o rosto dele. – Só acho que devemos fazer mais testes.

Os olhos dela se encheram de lágrimas. As últimas horas que passaram

juntos a fez temer ainda mais o que poderia acontecer com ele. João sabia que ela tinha razão, mas ele realmente acreditava que deveria ir. Essa seria a única solução.

A única forma de evoluir com o projeto.

Eles se abraçaram durante longos minutos. Beatriz o apertava contra seu peito, como se aquela fosse a última vez que estariam juntos, e ele acariciava as suas costas tentando acalmá-la, quando Prattes os chamou de volta para o laboratório.

A hora havia chegado.

Lentamente retornaram para o laboratório. Ao entrar foram embalados por uma música que já era comum para eles, “Hoje” de Taiguara, melodia que era uma espécie de mantra para Prattes. Em todos os momentos críticos ele ouvia aquela canção, era como um calmante, um rito que o fazia se concentrar e focar toda a energia no que estava fazendo.

Com as mãos dadas, eles foram até a entrada da redoma, onde Beatriz se despediu com um longo beijo. Prattes tentou agir com naturalidade como se não notasse nada de diferente naquele gesto.

Já dentro da máquina, João a acompanhou caminhar ao redor da redoma em direção ao centro de processamento dos dados.

Do lado de fora, Prattes fazia a última checagem nos equipamentos enquanto João se ajustava na poltrona. Beatriz não conseguia conter o nervosismo, ela olhava João por trás do vidro de proteção e não conseguia disfarçar a aflição.

Após checar todos os equipamentos e conexões fora da redoma, Prattes foi verificar os cabos da poltrona. Evitando qualquer comentário, ajustou o capacete na cabeça de João deixando-o pronto para a experiência.

Depois, já no centro de controle localizado no lado oposto ao que se encontrava Beatriz, ele acionou o dispositivo que isolava a máquina, fechando hermeticamente a porta da redoma.

João se mantinha concentrado, sentado na poltrona com os sensores conectados ao seu corpo. Ele tentava manter a concentração, evitando olhar para

os outros.

Do lado de fora, as verificações continuavam. Beatriz procurava evitar que os seus sentimentos atrapalhassem os procedimentos, quando ouviu a voz de Prattes:

– Tudo pronto, Beatriz?

– Sim, senhor! – respondeu extremamente nervosa.

– João, você passará seis horas no ano de 2041, trinta anos no futuro... – anunciou Prattes pelo sistema de som de forma gutural.

– Até o futuro, Beatriz! – disse João tentando quebrar o clima tenso através do sistema de comunicação. – Vou te procurar para ver se você continua linda!

– Meu rapaz, não trate isso como uma brincadeira!! – repreendeu Prattes. – Não procure ninguém no futuro, não faça nada, apenas observe e aguarde o retorno, não sabemos o que pode acontecer... Tente passar despercebido para que não haja problemas. Pode acontecer um paradoxo temporal se algo der errado!

– Ok, professor. Só estava brincando... – respondeu enquanto olhava para Beatriz tensa, do outro lado do laboratório. – Não farei nada que o senhor não faria!

Mais uma vez Prattes checou todas as conexões e equipamentos, confirmou com Beatriz todos os controles, evitando olhar para João dentro da redoma.

Do centro de processamento Beatriz tentou sorrir.

Não conseguiu.

Despediu-se com um beijo, enquanto João olhava para ela de dentro da máquina se acomodando na poltrona desconfortável, cheia de cabos. Ele olhou para o relógio e viu que eram exatamente 12h10min do dia 12 de fevereiro de 2011.

– Tudo pronto, meu rapaz? – perguntou Prattes, sem conseguir disfarçar a excitação na voz.

– Sim, professor! – exclamou acenando com o polegar.

– Então vamos começar... Ponha os óculos, Beatriz... Tudo pronto!

– Três, dois, um... ligado!

Nesse momento, uma massa de plasma inundou a redoma, uma luz incandescente emanava dela cegando a todos, seguido do mesmo zumbido do primeiro teste.

– Boa sorte, meu amor... – pensou Beatriz enquanto o laboratório era inundado pela luz que emanava da máquina do tempo.

3
O FUTURO

A luz era muito forte. Mesmo com os olhos fechados a luminosidade invadia a retina de João. Ele sentiu um solavanco. Um formigamento começou nos seus pés e mãos, e essa sensação se alastrou rapidamente por todo o corpo, até que subitamente a claridade terminou e ele sentiu a poltrona desaparecer debaixo de si.

Deitado em uma superfície rígida, lentamente ele abriu os olhos, suas vistas estavam turvas. Talvez pela luminosidade... Aos poucos sua visão começou a retornar, e ainda meio tonto, ele tentou levantar-se.

Não conseguiu.

Sentia como se estivesse acabado de acordar com uma imensa ressaca. Sua cabeça doía, era como se o cérebro estivesse solto dentro da caixa craniana. O mal-estar o impedia de se erguer. Ele pousou a cabeça no chão e fechou os olhos esperando que aquela agonia passasse logo.

Algum tempo depois a sensação de ressaca começava a melhorar. Ainda sem conseguir definir o que estava acontecendo, João levantou-se com dificuldade tentando identificar onde estava.

A sua mente ainda estava confusa. Há apenas alguns minutos ele estava na redoma e agora se encontrava num lugar completamente desconhecido.

Ainda sem compreender o que estava acontecendo, ele tentava identificar onde se encontrava. A tensão do laboratório havia sumido, a visão retornara, os outros sentidos estavam em alerta total.

Tateando o local, ele se sentia estranho, parecia que as sensações eram uma

novidade para o seu sistema nervoso. Ainda confuso, percebeu que estava num depósito. Lentamente começou a caminhar ainda meio cambaleante, suas pernas ainda formigavam, algo não estava bem... Tudo aquilo era muito estranho, ele tinha a nítida sensação de que estava sonhando.

Não estava.

Tudo aquilo era a mais pura realidade... mas algo estava diferente.

– Será que deu certo... Será que estou no futuro? – aos poucos ele começava a se acostumar com aquelas sensações estranhas e logo começou a buscar uma saída. – Ao menos estou fora do laboratório...

Ele olhou no seu relógio - havia passado um pouco mais de dez minutos. Ajustou o cronômetro para seis horas, o tempo que estava programado para durar a experiência.

– Onde será que eu estou? Será que encontrarei alguém conhecido? – as dúvidas começavam a pipocar na sua mente, a excitação do laboratório aos poucos era substituída por outras emoções, e o medo do desconhecido começou a dominá-lo. – E se o professor estiver certo... Se eu me encontrar no futuro e acontecer algo...? – era hora de sair dali.

O mal-estar estava diminuindo e seus olhos já tinham se acostumado com a penumbra do lugar.

Lentamente ele identificava onde estava. O local realmente parecia um depósito, mas não estava abandonado, existiam várias prateleiras com produtos etiquetados, tudo muito organizado. Aparentemente se encontrava realmente num almoxarifado.

Após alguns minutos, localizou uma saída. Ao chegar à porta, constatou que ela estava trancada. Forçou a sua abertura, mas a pesada porta nem se mexeu.

–Não é possível! Estou preso num depósito! Era só o que faltava! – desabafou desanimado, encostando-se na parede ao lado da porta.

Sem perder tempo, ele resolveu procurar por algo que servisse para arrombá-la.

Enquanto procurava, ouviu vozes do outro lado, e pelo ruído deduziu que se

encontravam exatamente do outro lado.

O instinto de autopreservação falou mais alto e ele resolveu esconder-se.

A maçaneta girou e a porta se abriu vagarosamente.

A luz que entrava iluminava o lado oposto ao que João se encontrava. A claridade invadiu a penumbra do ambiente revelando um local muito maior do ele que imaginava. Era um grande depósito com várias prateleiras e balcões muito bem organizados.

Cuidadosamente entraram dois homens que aparentavam serem seguranças, eles pareciam procurar alguma coisa, ou alguém...

Ao entrarem, eles acenderam as luzes do local, os olhos arderam com a luminosidade repentina, nesse momento João percebeu a real dimensão do local... A imensidão daquele salão era impressionante.

João congelou.

Um dos homens estava de arma em punho. Rapidamente escondeu-se atrás de uma das prateleiras. Ele não teria como explicar a sua presença ali. Assustado, procurou se afastar ainda mais do campo de visão dos guardas, sem deixar de observá-los por entre as prateleiras.

Convencido de que se tratava de seguranças, resolveu manter-se escondido.

Ele poderia ser facilmente confundido com um ladrão. Como explicar estar em um depósito trancado por fora? Sem contar a aparência dos dois homens, que não eram nada amigáveis.

João continuou escondido enquanto pareciam decidir por onde começariam a busca.

Eles não estavam de acordo por qual lado iniciar. Cada vez mais tenso, João sabia que se viessem para o lado onde ele se encontrava, seria facilmente descoberto. E a possibilidade de ser localizado por aqueles homens não se mostrava nada agradável.

Finalmente os seguranças decidiram ir um para cada lado. Percebendo isso, João petrificou. O pavor de ser encontrado naquele lugar, sem ter como explicar a sua presença, o deixou em pânico.

Tentando se controlar, ele via um dos homens aproximar-se pouco a pouco. O segurança estava a duas prateleiras de onde ele se encontrava e verificava criteriosamente o vão entre os móveis, enquanto o outro fazia o mesmo do outro lado.

Instintivamente, João começou a caminhar de costas se afastando do campo de visão do segurança, entrando cada vez mais para o fundo do corredor. Fez isso até que a prateleira onde estava terminou e ele se viu em um grande vão com prateleiras de ambos os lados. A única forma de se manter oculto seria sincronizar com a passagem do segurança pelo lado oposto. A largura da prateleira era um pouco menor do que as suas costas, a sincronia teria que ser perfeita na transição entre os vãos; caso errasse, fatalmente seria visto.

Quando o homem chegou à prateleira onde ele se encontrava, João se posicionou no lado oposto, movendo-se na mesma velocidade do segurança. Ele pendeu para o vão anterior de forma a ser encoberto. No vão anterior ele observou o segurança prosseguir com a sua busca.

Não foi visto.

Transpirando muito, João sabia que não poderia ficar ali por mais tempo, ele tinha que sair daquele lugar imediatamente. Com cuidado, foi até a frente da prateleira e observou que os seguranças já estavam chegando ao final do salão, um de cada lado.

A porta de saída encontrava-se aberta a poucos metros dele, bastavam alguns passos e estaria livre.

Os passos dos seguranças ecoavam no ambiente vazio, eles estavam atentos a qualquer movimento, se ousasse sair naquele momento certamente seria visto. Era preciso aguardar o momento exato em que a porta saísse do ângulo de visão deles.

Muito nervoso João esperou até que os homens desaparecerem por entre as prateleiras do fundo e furtivamente se arrastou para fora daquele lugar.

Do lado fora, ainda ofegante, ele se recompôs rapidamente procurando disfarçar a ansiedade.

Estava em um grande corredor com muitas portas, aparentemente em uma área de serviço de alguma grande organização. Algumas pessoas transitavam por ali, a maioria fardada. A empresa parecia estar em pleno expediente.

João começou a chamar a atenção das outras pessoas e isso era a última coisa que ele queria.

Rapidamente ele se afastou da porta que acabara de sair, e enquanto andava em direção ao que parecia a saída, viu a entrada de um vestiário.

Entrou sem pensar.

Não estar fardado e a atitude suspeita chamavam demais a atenção para si, ele precisava encontrar alguma forma de se misturar e passar despercebido. Para sua sorte, o vestiário estava vazio, a bagunça aparente demonstrava uma intensa movimentação de pessoas naquele lugar. João procurou desesperadamente algum armário aberto ou algo que pudesse usar para sair dali incógnito.

Alguém saiu com pressa e deixou um dos armários aberto, que parecia ser da equipe de serviços gerais. Rapidamente João trocou a sua roupa por um macacão que se encontrava no armário, e mesmo um pouco folgada, aquela farda serviria perfeitamente para se misturar com os outros funcionários. Ele colocou as suas coisas num saco plástico e retornou para o grande corredor. Do lado de fora, ele colocou o boné para esconder o rosto.

Nesse momento, os seguranças irromperam da sala de onde ele saíra anteriormente, onde agora ele podia ler claramente “Depósito de Materiais de Pesquisa”.

Os guardas estavam visivelmente decepcionados, bateram a porta atrás de si enquanto olhavam para os lados ainda procurando por algo.

Imediatamente João desviou o olhar, procurando disfarçar o rosto com o boné. Os homens olharam para ele com desconfiança.

João hesitou.

Não sabia o que fazer, nem ao menos sabia o que estava acontecendo. Ele era um intruso e isso estava estampado na sua cara.

– Ei, você! – bradou um dos seguranças, enquanto embainhava a arma. – O

que está fazendo aí parado?!

Quase sem pensar, João respondeu que estava recolhendo o lixo, mostrando o saco com suas roupas.

– Então continue fazendo o seu trabalho! – disse o segundo, enquanto passava por ele em direção ao vestiário ainda procurando por algo.

Suando frio, um pouco mais aliviado, João se afastou rapidamente daquele local procurando seguir o fluxo da maioria das pessoas.

Enquanto andava pelo corredor, olhava ao redor procurando alguma referência para identificar onde e quando se encontrava. Ansioso ele buscava uma saída. À medida que se afastava dos seguranças, a curiosidade substituía o medo. Seguindo a sinalização interna, ele logo chegou a uma das garagens do edifício.

Era um belo dia de sol, a luminosidade do lugar confirmava isso.

Na estrutura da garagem, nenhuma novidade, a não ser pelo fato de que em cada vaga existia uma tomada elétrica, onde alguns carros estavam conectados. Aparentemente aquilo era um tipo de recarga para veículos movidos à eletricidade.

Nem todos os veículos que estava lá tinham a conexão, o petróleo ainda não tinha sido completamente substituído. “Eu estou no futuro!”, pensou sem conseguir disfarçar a satisfação.

O design dos veículos era uma certeza de que a viagem tinha dado certo, alguns modelos ainda lembravam os carros do início do século XXI, mas a maioria tinha algo de carros conceito que ele só tinha visto em revistas especializadas.

Uma moto chamou a sua atenção; ela era preta com detalhes em prata, aparentemente o farol era embutido na carenagem, o que conferia um visual agressivo e muito bonito. Não se via o motor, nem os sistemas de engrenagem, tudo estava escondido sob a lataria preta. As rodas eram um espetáculo à parte, delas só a borracha do pneu ficava à mostra, todo o restante seguia a tendência e estava embutida.

Impressionado, João não conseguia deixar de admirar aquela máquina. Ainda extasiado com a moto, ele admirava os outros veículos, e um dos que mais chamou a sua atenção foi um carro que parecia não ter para-brisas, aparentemente não havia como o motorista ver o que acontecia do lado de fora. Pelo visto isso não era tão importante, ou então o tratamento do vidro era tal que não se conseguia definir onde começava o para-brisa e acabava a lataria.

O carro tinha uma grade na frente que lhe dava um ar retrô, mas o design não deixava dúvidas de que aquele era um exemplo de carro moderno. A grade era a única fenda perceptível no veiculo, muito parecida com os modelos da Bugatti de 2011. Ele tentou encontrar as marcas de portas, ficou ainda durante alguns minutos tateando em busca de alguma maçaneta ou dispositivo que identificasse onde era a porta, e não conseguiu. Só restava admirar aquele exemplo de engenharia e design e tentar imaginar como o motorista entrava naquele veículo.

O barulho da cidade do lado de fora o fez lembrar-se que ainda existiam outras coisas para serem vistas. Atrás de um dos carros ele se trocou e rapidamente seguiu para a saída da garagem.

O portão estava fechado. Pela grade de segurança João só conseguia ver a rampa que levava até a rua e o céu azul anil. O dia estava maravilhoso, o Sol confirmava a expectativa de estar em pleno verão de 2041. Ansioso para sair, João se viu mais uma vez preso; a grade não cedia ante as suas tentativas.

– Não é possível! – resmungou frustrado, enquanto tentava abrir a grade. – De novo...!

Ele deixou o peso do seu corpo cair sobre o portão. Enquanto perscrutava em busca de algo que o ajudasse a abrir a grade, viu um painel, onde os motoristas deviam colocar algo para liberar a saída.

João se aproximou do equipamento e reparou que se tratava de um leitor ótico onde provavelmente seria lido um cartão ou coisa parecida. O aparelho encontrava-se à altura da sua cintura, certamente para ficar na altura das janelas dos carros.

Ele agachou-se para analisar melhor o aparelho e imediatamente após ficar

com o rosto em frente ao visor, uma mensagem apareceu na tela informando que a saída estava liberada e o portão começou a subir.

Surpreso, ele não esperou o portão abrir completamente, passou rapidamente por baixo e correu para a rampa de saída. Sem compreender direito o que havia acontecido, chegou ao topo da rampa.

4
PRATTES & VENTURA

João ficou perplexo. Ele estava exatamente no mesmo local onde deveria estar o Campus, mas o que ele vislumbrava em nada lembrava as estruturas que conhecia.

O antigo porto de Salvador não existia mais. O prédio de onde saiu ficava de frente para o mar. Onde antes existia o cais do porto agora havia uma pista que corria paralela à orla; do outro lado, uma plataforma avançava sobre a água com vários quiosques e jardins suspensos até onde ele podia ver, um excelente local para o lazer. À sua esquerda, no local onde antes se localizava o cais da Marinha, de onde as barcas saíam para Mar Grande e Morro de São Paulo, uma marina avançava sobre o oceano. A estrutura e os barcos ancorados denunciavam a extrema valorização daquele lugar.

Onde ficavam os armazéns do porto nada mais lembrava aquelas antigas construções, os edifícios que margeavam aquela via eram magníficos, a arquitetura valorizava o local, muito vidro e aço refletindo o mar calmo da Baía de Todos os Santos.

Adiante, em direção à Cidade Baixa, onde havia o antigo porto de contêineres, João viu a mais extraordinária obra que a construção civil poderia conceber: uma imensa ponte pênsil que ligava Salvador à Ilha de Itaparica. A dimensão daquela ponte era algo inacreditável, com quatro pistas paralelas no sentido Salvador-Itaparica no primeiro vão, e abaixo desse, mais quatro pistas no sentido inverso. Ainda existia um terceiro vão, onde aparentemente circulava um metrô.

O espetáculo proporcionado pelo contraste daquela construção sobre mar de Salvador lhe causava uma emoção indescritível. Ofegante, ele sentou-se num batente ao lado da saída da garagem, se recompondo da forte emoção.

– Deu certo! – levantou-se novamente. Sem conseguir se conter, passava as mãos na cabeça ainda sem acreditar no que via. – Eu estou no futuro, há pouco menos de uma hora nada disso estava aqui! EU ESTOU NO FUTURO!!!

Algumas pessoas que passavam pelo local notaram espantadas a reação do rapaz.

– A máquina funciona! Eu estou aqui! – desabafava, tentando não gritar, e sem perceber ele já havia se transformado em uma atração para os transeuntes. – Isso é muito louco... E se eu estiver sonhando?! – indagou-se. – Só tem um jeito de saber...

Quase que instantaneamente, ele aproximou-se de um poste próximo e com os olhos fechados, desferiu um potente soco contra o concreto. A dor foi imediata.

– Aiii! Que coisa idiota! – gritava, enquanto segurava o punho que latejava. – Aiii! Que merda! Que dor! Eu sou um imbecil, tomara que não tenha quebrado a minha mão... – praguejava enquanto a dor o castigava.

Os transeuntes ao redor não conseguiam entender a autoflagelação, porém não intervieram, apenas olhavam e seguiam os seus caminhos.

Ainda sofrendo, notou o seu redor que as vias estavam muito limpas e bem sinalizadas, bem diferente do que estava acostumado.

As placas de trânsito eram todas telas de LED e aparentemente elas tinham uma ligação muito maior com os veículos; pelo visto emitiam sinais entre elas e os carros, trocando informações e controlando praticamente sozinhas o trânsito daquela região. Deduziu porque o carro da garagem não precisava de para-brisas, talvez até o motorista tivesse se tornado obsoleto.

Instintivamente João procurou no céu, incrivelmente azul, algum carro voador. Não viu nada.

– Já tava querendo demais...

As pessoas pareciam que não haviam mudado muito, estavam com a mesma pressa de sempre, mas as roupas estavam um pouco estranhas, elas eram feitas de algum material sintético, algumas bem interessantes, outras nem tanto.

A arquitetura urbana foi o que mais chamou a sua atenção; aquele que outrora tinha sido um bairro decadente da cidade havia se transformado num local pulsante.

As construções valorizavam o que o bairro tinha de melhor, a sua localização em frente ao mar, margeando a Baía mais bela do país. Do antigo porto de Salvador não sobrou nada, apenas o quebra-mar ao longo da costa lembrava que ali já funcionou um dos portos mais importantes do Brasil.

Atravessando a pista para visualizar melhor o lugar, João localizou onde se iniciava a grandiosa ponte - ela nascia exatamente na frente do antigo Moinho Salvador que ainda se conservava de pé, provavelmente por alguma imposição legal. Na encosta que separava a cidade alta da cidade baixa, ainda reinava imponente o Elevador Lacerda, com as suas linhas retas preservadas, provocando um contraste bem interessante com as novas intervenções urbanísticas.

Salvador vista daquele ângulo ainda conservava a sua história. A Praça Tomé de Sousa, com os seus palácios, o Rio Branco construído no século XVI com a sua fachada colonial portuguesa e o Tomé de Souza com o seu estilo pós-moderno continuavam demonstrando a convivência, nem sempre pacífica, entre o antigo e o moderno.

Era inegável que a cidade havia enriquecido muito e que os investimentos em infraestrutura haviam sido imensos. A geografia da cidade contribuía mais ainda para valorizar as construções. João estava completamente extasiado com a evolução e a imponência que presenciava na sua cidade natal, principalmente naquele bairro que outrora foi decadente.

Cada vez mais admirado com o que via, ele buscava referências da antiga cidade. Além da Praça Tomé de Souza, apenas o Elevador Lacerda e o Forte São Marcelo estavam iguais, as demais construções foram modernizadas e muitas

foram completamente substituídas.

O prédio mais imponente de toda a região era justamente o do qual ele acabara de sair. Certamente era o mais alto e de longe o mais belo. Com 50 andares, o seu design lembrava um grande barco à vela, construído de aço e vidro. Com certeza ele fora construído no mesmo local onde ficava o seu antigo laboratório.

Aquele parecia ser o principal prédio de um aglomerado que foi construído onde antes existia o porto de Salvador. Em um relógio localizado numa das placas de trânsito, ele reparou que eram treze horas e poucos minutos, estranhamente sincronizado com o horário do passado. Ainda tinha mais de cinco horas para explorar o futuro.

João se afastou ainda mais do prédio, foi para a plataforma à beira-mar, pois ele queria ver melhor a ponte Salvador-Itaparica, aquela maravilha da engenharia. Afastando-se um pouco mais para poder visualizar o conjunto arquitetônico, João notou um logotipo muito bem colocado sobre a entrada principal do prédio que ele tinha acabado de sair: “P&V EMPREENDIMENTOS E PESQUISAS”.

Faltou chão sob os seus pés, e totalmente atordoado, ele encostou na amurada da plataforma.

– Não é possível! Esta é a empresa que financiou o projeto... É a empresa de York!

Sobressaltado, ele não conseguia encontrar explicações para aquilo. Durante anos ouviu falar daquela empresa.

Ela deveria ser uma organização dos EUA, país de origem de Arthur York.

Mesmo com o imenso capital investido no projeto, João nunca conseguiu descobrir muita coisa sobre a empresa, e isso era bastante incomum, pois não era possível esconder uma organização daquele porte em plena era da informação online.

Porém, o Dr. Prattes não compartilhava desse incômodo, para ele a cultura americana estava repleta de exemplos de bilionários que investiam milhões de

dólares em projetos sociais no terceiro mundo, como Bill Gates e George Soros, e que não gostavam muito de publicidade.

Sem perder um segundo, João resolveu aproveitar a oportunidade e descobrir o porquê daquela empresa ter sido instalada justamente naquele lugar.

Rapidamente ele atravessou a rua e retornou para o edifício, agora pela entrada principal. Ao entrar no saguão principal prédio, ele entendeu o significado de majestoso. A imponência do lugar o fez esquecer por alguns momentos por que ele estava ali.

O hall de entrada era magnífico, tudo ali tinha a clara intenção de ostentar poder e riqueza, com o pé-direito altíssimo, onde se destacava um imenso globo terrestre no teto, a cor dourada remetia ao ouro e contrastava com as esculturas estrategicamente localizadas de forma a serem valorizadas pela luminosidade que entrava pelas vidraças. Escadarias rolantes que iam em direção aos diversos elevadores impunham uma suntuosidade proposital.

Ainda atordoado por todo aquele luxo, ele seguiu até onde parecia a ser recepção principal.

Percebendo a sua aproximação, a recepcionista, vestida de forma impecável, o intercedeu:

– Em que posso ajudá-lo, senhor?

O impacto de tudo aquilo ainda não havia sido processado pela sua mente. João ficou sem palavras, e travado na frente da recepcionista sem saber o que dizer, falou a primeira coisa que veio à cabeça.

Pediu um jornal do dia. Raciocinou que esse seria um bom início para a sua pesquisa.

A recepcionista não entendeu o pedido e ele insistiu:

– Por favor, a senhorita teria como me emprestar o jornal de hoje?

A mulher continuava a não entender.

– O senhor quer um jornal...?

– Exato, a senhora tem um exemplar de hoje para me emprestar rapidamente? – repetiu demonstrando ansiedade.

– Me desculpe, senhor, sinto muito, mas não poderei te ajudar. Ao que me consta, exemplares de jornais não são impressos há pelo menos uns 10 anos... Caso deseje ver as notícias, basta acessar o seu site preferido – respondeu solícita. – Temos alguns terminais aqui no prédio, tem um logo ali... – disse ela enquanto apontava para um terminal no lado oposto de onde estavam.

Um pouco encabulado, João agradeceu e se dirigiu para o terminal. Lá ele verificou que além da internet aquele terminal também servia como serviço de telefone público e também como videofone.

O aparelho tinha um visor translúcido sensível ao toque, com uma micro câmera acima da tela. Pelo que percebeu, os serviços eram cobrados através da identificação da retina e das impressões da palma da mão do usuário, e a conta era debitada automaticamente após o uso, provavelmente através de dados pré-cadastrados.

– Maravilha! Daqui eu posso me atualizar rapidamente...

João conferiu a data do sistema, 12 de fevereiro de 2041. Apesar de tudo que já tinha visto, aquilo era a comprovação de fato de que a experiência funcionou. Sem conseguir disfarçar a excitação, ele se afastou um pouco do terminal para contemplar o local.

Não notou que a recepcionista o observava fixamente.

– Eu realmente estou no futuro... Ou este é o sonho mais louco que eu já tive!

Com o terminal à sua frente, agora ele precisava responder a infinidade de perguntas que explodiam na sua cabeça:

– Por que este prédio foi construído exatamente onde era o laboratório?! O que será que aconteceu?! – sua mente fervilhava de perguntas. – Será que eu casei com Beatriz... Será que tivemos filhos?

Sem saber por onde começar, decidiu investigar inicialmente o destino de Beatriz. Em seguida, buscaria o porquê de a empresa de York ter se instalado justamente naquele lugar.

Animado com o alcance do equipamento que tinha à sua frente, ele iniciou a

pesquisa. Em princípio buscou algo sobre Beatriz Lopes. Encontrou várias homônimas, mas nenhuma a Beatriz que procurava.

– Que coisa estranha... – pensou alto. – Mesmo no presente eu conseguia alguma referência dela na internet, ainda mais depois que a gente se envolveu com o Dr. Prattes...

Enquanto se aprofundava na pesquisa, ele viu algo impressionante por cima do terminal, que se localizava ao fundo do salão, quase de frente para a entrada principal do prédio, algo que o deixou completamente aterrorizado.

Arthur York!

João congelou. Ele não conseguia acreditar no que os seus olhos viam. Impulsivamente se colocou entre o terminal e York, que conversava algo com a recepcionista.

– Ele deveria estar com uns setenta anos! –conjecturava completamente assombrado. – Mas não envelheceu nada... Como isso é possível?!

York dava instruções à recepcionista e a alguns seguranças próximos, e João o observava com atenção. Ele não tinha envelhecido um dia sequer, o mesmo cabelo sempre bem cortado, o terno alinhado e a postura arrogante não deixavam dúvidas, aquele era o mesmo sujeito que financiou o projeto!

Usando o terminal como esconderijo, João aguardou York adentrar no prédio, e após alguns momentos de hesitação, com a pulsação disparada, ele se dirigiu à recepção.

– Por favor, senhorita, aquele homem que acabou de entrar é o Sr. Arthur York? – perguntou, sem conseguir disfarçar o nervosismo.

– Sim – respondeu prontamente.

– O que é que ele faz aqui? – indagou meio sem jeito. – Quer dizer, qual é a função dele nesta empresa?

– Ora... Ele é o vice-presidente da companhia e sócio do Dr. João Ventura... – respondeu sorridente, com a voz descontraída, virando-se para ele.

– Sócio de quem?! – aquilo o fez aumentar o tom de voz, chamando a atenção das outras pessoas no ambiente. Sobressaltado, insistiu: – A senhora

poderia repetir, por favor... O Sr. York é sócio de quem?! – perguntou tentando manter o tom de voz controlado.

– Ele é sócio do Dr. João Ventura, o proprietário desta empresa...

João ficou atônito, não conseguia disfarçar o impacto da notícia.

Completamente pasmo, ele cambaleou até uma poltrona próxima e desabou; levou as mãos à cabeça sem saber o que fazer.

A recepcionista continuava a observá-lo com um interesse anormal.

– Eu... Sócio desse cara?! Isso não é possível! – pensava. – Não há a mínima possibilidade de eu ser sócio desse cara... Isso não pode estar acontecendo!

Ele continuava sentado completamente confuso. Olhava ao redor e não conseguia acreditar no que ouviu, não acreditava em York ser seu sócio.

Momento depois, enquanto se encontrava mergulhado em seus pensamentos, João não percebeu a aproximação da recepcionista:

– O senhor está bem? – perguntou ela, de forma delicada.

Pego de surpresa, João despertou do transe. – E-estou... – respondeu sem muita convicção.

– O senhor não me parece bem, está pálido... Espere um pouco que vou buscar um pouco de água... – disse a funcionária solícita, enquanto se afastava.

Ela serviu o líquido a João, que bebeu como se aquela água fosse a última do mundo.

– Melhorou?

– Acho que sim...

– O senhor conhece o Sr. York?

– Sim... – respondeu sem pensar. – Há muito tempo... – complementou tentando retomar o controle, virando-se para ela.

Ela o fitou por alguns instantes e disse:

– O senhor parece o Dr. João Ventura... Por acaso é parente dele?

– Não, não... – respondeu sem firmeza, enquanto tentava esconder o rosto virando-se para o lado, passando a mão na boca demonstrando nervosismo.

– Tem certeza de que não é parente dele? – insistiu a recepcionista. – O

senhor é muito parecido com o Dr. João... Até parece que é filho dele!

Instantaneamente, João viu a oportunidade à sua frente.

– Ele é meu tio... Eu não sabia que ele era tão... Rico – argumentou tentando justificar o seu comportamento. – Eu vim procurá-lo, mas não esperava encontrar isso... Cheguei hoje na cidade... – arriscou. – Eu poderia vê-lo?

– Claro que sim. Acompanhe-me até a recepção para o cadastro de visitantes...

No caminho até o balcão, João viu que os funcionários utilizavam o leitor ótico para entrar no prédio. Imediatamente lhe veio à mente a situação da garagem.

– Não é necessário cadastro... – arriscou – Meu tio me disse que bastaria passar pelo leitor ótico, que ele já havia providenciado meu cadastro e a liberação...

Tentando disfarçar a excitação, João deixou a recepcionista escanear seu rosto. Por alguns momentos observou a funcionária averiguar algo na tela extremamente fina do seu terminal, as feições dela eram de espanto... A agonia crescia a cada segundo. Ela levantou o olhar espantada.

A face dele enrubesceu, automaticamente procurou ao redor buscando uma rota de fuga. Não conseguia esconder a tensão.

– Você tem o mesmo nome do seu tio? – perguntou ela, admirada com o resultado da verificação.

– É... É verdade... – respondeu ainda assustado. – Meu pai fez essa homenagem...

Agora estava claro por que a porta da garagem se abriu. O cadastro que a recepcionista acessou era o dele mesmo, os dados eram os do Dr. João Ventura.

– Vou ligar para dizer que o senhor está subindo... – disse ela, enquanto entregava um crachá de visitante.

– Não! – a interrompeu subitamente. – Não há necessidade... Eu quero fazer uma surpresa! – arriscou de novo.

– Está bem... Já que o Dr. Ventura providenciou a sua autorização, ele deve

estar mesmo te esperando... O escritório dele fica no último andar, você saberá qual é a sala.

– Ok, muito obrigado! – João entrou no corredor de acesso aos elevadores, um pouco mais aliviado. No entanto, a tensão ainda era crescente, ele não sabia o que iria encontrar e tinha a certeza de que essa história de sobrinho não ia colar para sempre.

– Como será que eu me tornei sócio de York? – raciocinava em busca de uma resposta plausível. – E por que ele não envelheceu nada?!

Havia seis elevadores, apenas dois iam até o último andar. Um pouco mais adiante uma passarela levava a um mezanino de onde se podia ver todo o saguão do prédio. Na parede oposta à entrada do salão existia um grande painel descrevendo as áreas de pesquisas instaladas naquele prédio: genética, engenharia aeroespacial, informática, química, física, robótica, inteligência artificial... João ficou admirado com o centro de pesquisas que era aquele edifício.

– Dentro deste prédio conseguiram reunir o que há de melhor para a ciência! – pensava boquiaberto.

Enquanto ele admirava o painel, executivos com seus ternos de material sintético circulavam; cientistas de jaleco branco também eram vistos passando apressadamente. Em pontos estratégicos, terminais com apresentações ininterruptas sobre a empresa e as pesquisas desenvolvidas ali.

– Ótimo... De um desses terminais posso investigar o histórico da empresa – deduziu enquanto se aproximava de um deles.

Rapidamente dominou os comandos do terminal. Navegou virtualmente pelas pesquisas desenvolvidas na empresa. Na área de física, procurou o projeto da máquina do tempo.

– Estranho... Nem menção...

Em uma das apresentações, finalmente descobriu estupefato qual significado da sigla P&V: PRATTES & VENTURA.

– Prattes & Ventura! Como esta empresa pode ter o nome do Dr. Prattes... E

o meu?!

5
DECEPÇÃO

Cada vez mais pasmo, João continuou com a pesquisa. No histórico da empresa a data de fundação era 12 de fevereiro de 2014 - exatamente três anos após a experiência o levou até ali!

– Foi esta empresa que financiou a máquina do tempo! Ela existia antes da experiência! Como isso pode ser possível?! – a situação estava ficando cada vez mais complexa, ele buscava explicações lógicas, mas não conseguia achar as respostas.

A situação ficava ainda mais misteriosa, a cada informação que ele conseguia complicava ainda mais as coisas.

Ele notou que a maioria dos projetos eram patrocinados por alguma grande corporação ou pelo governo. Alguns patrocínios eram totalmente incoerentes: grandes corporações de fumo patrocinando pesquisas sobre a saúde dos fumantes.

– É óbvio que um parecer destes nunca será imparcial... – deduzia. – Muito estranho...

Mais uma vez resolveu pesquisar sobre Beatriz e, novamente, não encontrou nada. Sobre o Dr. Prattes, encontrou uma grande quantidade de informação, todas enaltecendo a figura do ilustre cientista, o único brasileiro ganhador de um Prêmio Nobel, o mais reconhecido no exterior e todas as suas contribuições para a ciência mundial. Descrições de como o seu projeto inicial do centro de

pesquisas transformou Salvador na capital da ciência e da tecnologia na América Latina.

Sobre si viu apenas autopromoção. Um descritivo de como um bolsista da Cidade Baixa tinha se transformado num grande pesquisador e depois no maior empresário do país, com destaque para as ações incrivelmente oportunas, tomadas durante as principais crises do mercado, durante os vinte e cinco anos de existência da empresa.

– Essa descrição não é a minha... – pensava João, cada vez mais confuso. – Eu sempre encarei a ciência como um bem para a humanidade e nunca como uma mercadoria. Este não sou eu!

Finalmente ele percebeu que a única forma de responder a todas aquelas questões seria indo perguntar diretamente ao responsável por tudo aquilo. O João Ventura do futuro!

Decidido, ele retornou para o salão dos elevadores e rapidamente entrou em uma das cabines junto com outras pessoas que já se encontravam ali. A cada andar em que o elevador parava saíam e entravam pessoas, e a cada abertura da porta, o coração dele disparava.

Por entre ombros, ele via os grandes corredores iluminados, onde a movimentação era intensa... A cada andar um mundo completamente novo a ser explorado.

Junto com a curiosidade, as dúvidas quanto ao caráter do seu “eu” do futuro crescia. Até aquele momento as descobertas eram frustrantes. Além disso, ainda existia a hesitação crescente em relação ao que poderia acontecer quando ele se encontrasse.

Imerso em seus pensamentos, uma conversa chamou a sua atenção. Dois funcionários exatamente à sua frente discutiam o destino de um colega:

– Você soube que o chefão demitiu o Ronaldo? – comentou um deles.

– Não. Por quê? – perguntou o outro.

– Por causa da recusa dele em repassar os direitos de sua pesquisa...

– Não adiantou nada... – intercedeu um terceiro, indiferente. – A patente dele

vai ficar com a empresa de qualquer jeito.

– A negociação com o Dr. Ventura é dura... – sussurrou o primeiro, tentando ser discreto. – Disseram que Ronaldo foi obrigado a ceder os direitos da pesquisa, chegaram até a ameaçar a família dele...

Ao ouvir aquilo João ficou indignado. Prestes a explodir, saiu do elevador antes de chegar ao seu andar de destino.

Ele precisava de mais informações, do jeito que estava se sentindo não seria aconselhável prosseguir, não sem saber mais sobre o que estava realmente acontecendo.

– Eu não posso estar me comportando desse jeito! Isso não está certo! – murmurou com um nó na garganta.

Procurando saber onde tinha descido, verificou que coincidentemente estava no andar de pesquisas com física e mecânica quântica, onde um grande painel listava as especialidades alocadas naquele pavimento.

Convicto de que não haveria lugar melhor para descobrir o que estava acontecendo, João buscou o laboratório de física quântica.

Se existisse alguma pesquisa sobre a viagem no tempo, certamente era neste laboratório que ela estava sendo desenvolvida.

A estrutura daquele lugar o fez esquecer por um momento a indignação que estava sentindo. Aquilo era fenomenal. Enquanto caminhava pelo corredor, João observava através das grandes janelas de vidro os cientistas atentos aos seus experimentos. Mesmo sendo um intruso, a presença dele era completamente ignorada.

Durante algum tempo, ele procurou através das vidraças alguma coisa que lembrasse a máquina do tempo. Totalmente imerso em sua busca, ele não viu a movimentação de seguranças logo atrás de si.

– Ei, rapaz! O que você está fazendo aqui? Esta é uma área restrita a funcionários – inquiriu o líder do grupo armado. O cabelo cortado no estilo militar e a pele muito branca em que se destacavam as sobrancelhas grossas reforçavam a cara de poucos amigos. Junto com ele, mais dois guardas.

–Você não sabe ler, meu jovem? – perguntou o grandalhão, demonstrando impaciência. – Lá atrás tem um painel que diz que a entrada é restrita a funcionários. Quem deixou você entrar? Como você chegou até aqui?!

Surpreso com a abordagem, João teve que improvisar.

– É... eu sou – pigarreou, ganhando tempo para retomar o raciocínio. – Sou... Sou sobrinho do Dr. Ventura – arriscou. – Ele estava comigo, mas teve que sair pra uma reunião e me disse para procurar alguém que me mostrasse este andar, mas eu fiquei tão impressionado com os laboratórios que não pedi a ninguém...

– Você tem como provar que é parente do Dr. Ventura? – perguntou o segurança desconfiado.

– Claro! Tenho até o mesmo nome... – disse nervoso, mostrando o crachá que recebera na recepção.

– Este crachá não te dá acesso a esta área! – replicou o guarda enquanto verificava o crachá.

– É que eu sou estudante de física quântica... – tentava argumentar nervoso. – E meu tio estava comigo...

– Olha pra ele, é a cara do Dr. Ventura, até parece que é filho do homem... – comentou o outro segurança.

– É... – João aproveitou a deixa. – Sempre disseram que eu sou muito parecido com ele.

– Mas aqui é uma área restrita, e o Dr. Ventura sabe disso! – insistia o primeiro segurança.

João sabia que aquela discussão não o levaria a lugar algum. Ele não podia perder muito tempo e resolveu arriscar tudo:

– Olha aqui, se você quiser eu saio... Meu tio estava querendo que eu conhecesse a área onde eu vou trabalhar. Mas tudo bem, eu digo a ele que... Qual o seu nome? – olhou para o crachá do segurança de forma ameaçadora. – Hum... Milton, digo que o chefe de segurança Milton Alfano não me deixou ver o laboratório de física quântica...

O chefe de segurança não estava acostumado a ser desafiado daquele jeito e

ficou visivelmente desconfortável com a ideia de bater de frente com o Dr. Ventura.

– Por favor, não fique nervoso, Sr. João! – disse num tom um pouco mais educado, mas ainda firme. – É porque é terminantemente proibido o acesso de estranhos nesta área.

– Eu não sou nenhum estranho, eu sou sobrinho do dono dessa empresa! – reforçou João, convicto.

– É norma de segurança... – insistiu Milton. – Somente pessoas autorizadas podem circular nesta área...

Lembrando-se da recepção, João resolveu ir mais longe ainda. Ele sabia que as suas características pessoais estavam no computador e obviamente dariam acesso a todos os locais daquele prédio.

– Eu estou autorizado... – afirmou. – Meu tio me deu acesso a todo edifício!

– Vamos ver se o senhor está autorizado... – dizendo isso, Milton pegou o seu scanner portátil e leu a retina de João. Após longos segundos, com a decepção estampada no rosto, ele disse: – Ok, ok...Na próxima vez peça ao seu tio um crachá com a autorização total...

João suspirou de alívio, tentando disfarçar a tensão.

– Essa foi por pouco... – pensou.

– Bem... Onde fica o laboratório de física, Milton? – perguntou um pouco mais seguro.

– No fim do corredor... Senhor – disse, apontando com o cassetete, com decepção no olhar. – Acho melhor levá-lo até lá – concluiu a contragosto.

Enquanto andavam, João percebia que o olhar de Milton estava fixo nele, de alguma forma o chefe de segurança suspeitava que algo estava errado, mas por enquanto nada podia fazer. Durante o trajeto, ele buscava nas janelas laterais algo que lembrasse a máquina do tempo.

– Você trabalha há quanto tempo aqui, Milton? – indagou João enquanto caminhavam, na tentativa de quebrar o gelo e diminuir a desconfiança do segurança.

– Quinze anos, senhor – respondeu secamente.

– Tudo isso?

– Sim. Quando comecei, isto ainda não era o império que é hoje...

Um pouco mais animado, João continuou.

– Como era o prédio? E o meu tio...? Você conhece a minha tia? – perguntava, sem conseguir esconder a ansiedade.

– Esse prédio ainda não existia, isto aqui era apenas um grande armazém de porto adaptado. Depois do primeiro contrato com o governo, a empresa prosperou... E o seu tio... Ele nunca foi de muito papo com os empregados, conosco ele só fala o necessário – João sentiu uma ponta de rancor nas palavras de Milton. – Sua tia eu não conheço – concluiu.

– Não conhece? O nome dela é Beatriz! – arriscou João.

– Não, senhor.

– E o professor do meu tio? O sócio dele, o qual ele falava muito quando eu era criança, o Dr. Alberto Prattes, você conhece?

– O único sócio que eu conheço é o Sr. Arthur York... E até onde eu sei o Dr. Alberto Prattes faleceu antes de eu entrar na empresa – respondeu Milton.

– Faleceu! Como assim?! – perguntou João incrédulo. – Meu tio o admirava muito, ele me falava tanto dele... Sabia que ele já estaria com a idade avançada, mas... Morto?!

– Pelo que sei, ele morreu há uns trinta anos. Num acidente durante uma experiência, onde só o seu tio se salvou... Dizem que o nome dele na empresa foi uma homenagem do Dr. Ventura...

– Só meu tio?! Tinha mais alguém no laboratório?! – perguntou sem conseguir disfarçar a perturbação com aquela notícia.

– Além do Dr. Prattes, morreu uma assistente de laboratório. – disse Milton, incomodado com a insistência do jovem.

Aquela notícia o fez parar imediatamente, pensamentos involuntários inundaram a sua mente, e rapidamente João construiu a cena horrível na sua cabeça. O laboratório destruído, os corpos inertes do Dr. Prattes e Beatriz nos

mesmos locais onde estavam naquela manhã.

Como uma enxurrada de emoções, todos os momentos que ele e Beatriz passaram juntos vieram à tona, a longa amizade com o Dr. Prattes apertava o seu peito, o nó na garganta crescia e a respiração começou a falhar.

Sem conseguir absorver o impacto daquela informação, ele encostou-se na parede enquanto tentava recuperar o fôlego. Ao seu redor tudo girava, os outros seguranças perceberam que ele não estava bem e o ajudaram a se manter de pé. Milton o observava inerte.

– O que houve, senhor?! – perguntou um dos guardas preocupado. Milton apenas observava a surpreendente reação do rapaz à notícia da morte do Dr. Prattes e de sua assistente.

No seu íntimo, João não concebia que um acidente numa experiência fosse a causa da morte do Dr. Prattes. Ele também sabia que a assistente certamente seria Beatriz. O professor não poderia morrer num acidente durante uma experiência. Mais do que ninguém, o Dr. Prattes era um homem muito cuidadoso e não deixaria passar uma falha que causasse a sua morte.

Extremamente confuso, João não conseguia raciocinar direito. Os seguranças continuavam a tentar reanimá-lo, enquanto Milton continuava a observá-lo atentamente.

A viagem no tempo, o futuro e principalmente a notícia da morte dos seus amigos, tudo em menos de duas horas... João estava prestes a ter um colapso nervoso.

Durante alguns minutos ele lutou contra as suas emoções. Na sua mente torcia para tudo aquilo fosse apenas um pesadelo, do qual ele se esforçava para acordar.

Por mais dolorido que fosse, aquilo era a mais pura realidade e como tal deveria ser encarada. Mesmo desorientado, ele deveria prosseguir, não poderia terminar ali.

Engolindo seco e ainda atordoado, rejeitou a sugestão dos seguranças de ir à enfermaria e tentou se recompor sob o olhar penetrante de Milton.

– O que foi que houve? – perguntou o chefe de segurança, sem demonstrar emoção. – Me pareceu que você esperava que o Dr. Prattes ainda estivesse vivo...

– Não... Eu realmente fui pego de surpresa com essa notícia... – aquela afirmação corroía as suas entranhas. –A verdade é que não estou me sentindo muito bem desde o café da manhã... E justamente agora senti um mal-estar muito forte – justificou.

– Vamos à enfermaria, lá o pessoal te dá algo... – disse Milton, sem muita presteza.

– Não, obrigado. Prefiro continuar... Já estou melhor – respondeu João.

Ainda bastante abalado, João seguiu na frente acompanhado de perto pelos seguranças. Logo chegaram ao laboratório de física quântica, o principal daquele andar. Mais uma vez um dispositivo de segurança impedia o grupo de prosseguir.

– Eu não tenho autorização para entrar neste perímetro – disse Milton.

– Como não tem? Você não é o chefe da segurança? – perguntou João, curioso.

– Temos autorização para entrar em qualquer sala desse prédio somente em caso de extrema necessidade.

Mais uma vez João resolveu arriscar, ele sabia que seu acesso ao laboratório seria total.

– Meu tio me disse que eu estava autorizado a entrar em qualquer laboratório... – comentou enquanto colocava o rosto no scanner.

Uma luz verde acendeu liberando o acesso, e rapidamente João abriu porta e entrou.

Por alguns momentos a tensão simplesmente desapareceu. A luminosidade do ambiente penetrava em sua retina hipnotizando-o. O tamanho daquele lugar era assombroso, a julgar pela porta de entrada, não havia como mensurar quanto era complexo aquele laboratório.

À sua frente, um equipamento disparava algo parecido com um laser, onde cientistas ajustavam um jogo de espelhos que finalizavam dentro de um aquário

onde uma substância liquida borbulhava, como se estivesse fervendo.

Ao seu redor, vários funcionários faziam ajustes nos seus experimentos, sem prestar muita atenção nos visitantes.

Refeito da surpresa, João buscava algo que lembrasse a máquina do tempo, perscrutando o local com muita atenção. Não conseguiu ver nada que se parecesse com ela.

– Quem é o chefe, Milton? – perguntou.

– É o Dr. Reinaldo Martinelli, aquele senhor ali – respondeu, apontando para o cientista que operava o laser.

6
DOLOROSA CONSTATAÇÃO

Saindo detrás do painel do laser, surgiu um homem que instantaneamente fez João lembrar um lutador de UFC: o cabelo raspado denunciava a calvície precoce, os ombros largos, a estatura e a pele bronzeada dava indícios de uma atividade física intensa. Aparentando no máximo 35 anos, ele se aproximou com passos firmes e cara fechada.

– Como você entrou aqui? Esta é uma área restrita!

– Desculpe-me... Eu sou sobrinho do Dr. Ventura, ele autorizou o meu acesso... – afirmou João, meio inseguro.

Percebendo que também não era bem-vindo, Milton se retirou da sala sem dizer nada, levando consigo os outros seguranças.

– Oh... Queira me desculpar, é que geralmente me comunicam quando vou receber visitas... – disse Reinaldo com um tom irônico. – Principalmente as que vêm ao meu laboratório...

– Eu sei... Meu tio me disse... – respondeu João encabulado. – Ele me acompanharia, mas precisou sair e pediu para que o Sr. Milton me trouxesse até aqui.

– Pois não, em que posso lhe ser útil, senhor...?

– João! João Ventura... Eu tenho o mesmo nome do meu tio... – afirmou inseguro.

A recepção do Dr. Martinelli foi extremamente fria, o tom irônico com que foi recebido o deixou ainda mais nervoso. Visivelmente tenso, ele olhava para os lados à procura de algum sinal da máquina do tempo.

João não sabia o que esperar, ele ainda não conseguia encarar a morte dos seus amigos como algo tangível, era um sentimento estranho, uma amargura que crescia à medida que o tempo passava.

– Então o senhor tem o mesmo nome do seu tio...? – perguntou Reinaldo, resgatando João do transe.

– Pois é... – respondeu de forma evasiva.

Na sua mente os fatos revelados até aquele momento ainda pipocavam, ele fazia um esforço imenso para se manter no controle, mesmo com todo aquele aparato ao seu redor. Ele não conseguia deixar de pensar nos seus amigos.

Agora ele compreendia por que o Dr. Prattes o advertiu tanto sobre o futuro, sobre não procurar por pessoas conhecidas. As surpresas poderiam ser bem desagradáveis.

Agora que conhecia o futuro, ele se sentia esmagado pela realidade. O peso do conhecimento era demasiado. Agora que conhecia o destino dos seus amigos, ele precisava descobrir o que realmente aconteceu.

Esquadrinhando o laboratório, ele temia o que poderia descobrir, porém sabia também que nunca se perdoaria caso não investigasse o que realmente havia acontecido. O seu tempo era curto e a qualquer momento ele poderia ser desmascarado.

– A internet, é claro!

– Dr. Reinaldo, preciso de um computador conectado à internet.

– Claro... – respondeu Reinaldo surpreso.

– Estou precisando fazer uma pesquisa – justificou.

– Venha, temos alguns terminais disponíveis... – disse Reinaldo, enquanto o encaminhava a uma bancada na lateral do laboratório. – Pode ficar à vontade... – concluiu desconfiado, afastando-se.

Sentindo que era o centro das atenções, João procurou se acomodar na poltrona apontada pelo cientista. Ele tinha que focar a sua atenção na pesquisa, não tinha tempo para se preocupar com mais nada.

Ainda sem jeito, não viu nada que se parecesse com um computador. Na sua

frente apenas um bo-tão sobre a bancada. Pressionou-o.

Uma tela feita de um plástico finíssimo elevou-se na sua frente, alguns ícones piscavam aguardando o comando. Impressionado com aquilo, João começou a navegar na tela intuitivamente, rapidamente dominou a tecnologia. Os seus movimentos eram acompanhados à distância por Reinaldo e seus colegas. João tentava disfarçar a sua surpresa com o equipamento.

O teclado só aparecia em caso de necessidade, projetado sobre a bancada ou os textos poderiam ainda ser ditados. Apesar da falta familiaridade, João rapidamente dominou os comandos e iniciou a sua pesquisa.

Por sorte, a metodologia de pesquisa que ele era familiarizado ainda eram as utilizadas e o sistema continuava muito parecido com os que ele conhecia.

Imediatamente buscou pelo nome do Dr. Prattes, e o programa retornou milhares de referências.

Com as novas informações, ele refinou as buscas. Durante alguns minutos, constatou que a figura do Dr. Prattes ainda era muito conceituada no meio acadêmico. As homenagens eram muitas. Ruas, faculdades e um prêmio brasileiro para os melhores cientistas do ano, tudo com o nome do seu mestre, entre outras referências.

A essa altura, os funcionários do laboratório tinham esquecido a discrição e estavam com os olhos grudados nele, que, completamente concentrado na tela do computador, não notava que estava sendo observado.

Finalmente ele encontrou um site com a história da morte do Dr. Prattes. À medida que lia, João ia ficando mais tenso. O texto traçava um resumo da vida e obra do seu professor.

O choque veio quando ele viu a data e o motivo pelo qual o Dr. Prattes havia falecido: ele morreu no dia 12 de fevereiro de 2011, às 12h20min, junto com a assistente Beatriz Lopes, durante uma experiência malsucedida, numa série de explosões no seu laboratório!

Ao ler aquilo, João desabou na bancada, o sentimento de pesar destroçava o seu peito.

– Eles morreram hoje! – praguejava cabisbaixo. – Eles acabaram de morrer!

O sentimento de impotência diante do fato o fazia ficar ainda mais abatido. Ele não compreendia o que poderia ter dado errado, eles já tinham repetido aquela experiência inúmeras vezes, todas as variáveis estavam controladas.

O sentimento de perda crescia de forma descontrolada, o nó na garganta o fazia ofegar. João pensava em Beatriz, nos planos que tinham feito, no tempo que perdeu amando-a em silêncio, e agora tudo estava perdido, não havia mais nada... Quando ele retornasse ela estaria morta, e o seu futuro selado.

– Não agora... Logo quando nos acertamos! –lamentava-se sem se preocupar com os outros.

Reinaldo, percebendo que algo não ia bem, aproximou-se dele. – Você está bem? Está precisando de algo? – perguntou.

– Não... eu estou bem... – respondeu João, tentando esconder a emoção.

– Tem certeza? – insistiu Reinaldo.

– Eu estou bem, é apenas um mal-estar momentâneo... – mentiu.

Reinaldo afastou-se.

Ainda muito abatido, João retornou para as pesquisas na esperança de que encontrar algo diferen-te. Buscou em várias fontes e todas confirmavam a data e a hora da morte dos seus amigos. Todas destacavam o único sobrevivente: João Ventura, que foi salvo graças à proteção de uma redoma de testes no laboratório.

Lamentando o destino dos seus entes queridos, ele constatou que a máquina do tempo não era citada em nenhuma fonte, as informações sobre qual a experiência que estava sendo realizada eram desencontradas, as fontes mais confiáveis diziam que o acidente ocorreu durante um teste com um novo tipo de acelerador de partículas, construído pelo Dr. Prattes e sua equipe.

Curioso pelo fato de não haver menção à verdadeira experiência, João continuou durante algum tempo se aprofundando na sua pesquisa, e as informações só confirmavam o que ele já sabia. Com a quantidade de dados ao seu dispor, ele buscava algo sobre a experiência que causou o acidente e aos poucos o pesar ia cedendo à lógica do cientista.

Havia algo muito estranho nas informações divulgadas, uma experiência como aquela não passaria despercebida, por mais que tentassem acobertar. Era notória a obstinação do Dr. Prattes pela viagem no tempo, e todos no Campus suspeitavam que ele estivesse trabalhando em algo ligado à possibilidade de colocar em prática as suas teorias, o que ele não fazia a mínima questão de esconder.

Além disso, o centro de pesquisas era muito frequentado por estudantes e professores de outros locais, e todos queriam conhecer o Dr. Prattes e o seu laboratório. Uma experiência polêmica como aquela, e com aquele resultado desastroso, vazaria certamente. No entanto, João não conseguia achar nada que ligasse o acidente à viagem no tempo.

João insistia em procurar pistas sobre o real motivo do acidente na internet. Com os cantos dos olhos, ele notava que todos o observavam, e apesar de ainda não ter absorvido completamente a notícia, ele já havia recuperado o controle.

Cada vez mais concentrado, continuava a buscar informações sobre a viagem no tempo, sabia que para ele o acidente ainda não tinha acontecido e a única forma de reverter a situação seria retornar para antes do acidente e tentar evitá-lo. Na internet, ele conseguiu achar apenas as velhas teorias que já conhecia.

Até que deduziu que o único lugar onde ele poderia ter informações consistentes seria ali mesmo, naquele laboratório.

O defeito da máquina do tempo agora se tornava dramático, ele sabia que o processo ainda não era estável, e o fato de não lembrar nada quando retornasse seria um grande problema. “Não adianta ficar aqui e esperar o retorno...”, pensava. “Se eu retornar naturalmente, a viagem ficará apenas no meu subconsciente... Preciso achar um jeito de voltar e salvar meus amigos! A máquina deve ter sido aperfeiçoada...”

O raciocínio era simples: o fato de Arthur York estar naquele prédio reforçava a suspeita de que a máquina do tempo foi salva e aperfeiçoada. York não tinha envelhecido um dia sequer, aquilo não poderia ser explicado de outra forma, ele com certeza também era um viajante do tempo!

João estava cada vez mais convencido de que a máquina estava funcionando em algum lugar naquele prédio.

Aos poucos os fatos começavam a clarear na sua mente. Apesar de pesquisar exaustivamente, ele nunca conseguira informações sobre a empresa que financiava a máquina, York sempre aparecia nos momentos cruciais e nunca demonstrou nenhuma preocupação com o investimento feito no projeto.

– Ele viajou de volta no tempo e financiou o projeto! – deduziu. – Mas... Se eu estou ligado a York aqui no futuro, eu também saberia do acidente... e por que não fiz nada para evitá-lo?!

As coisas se complicavam cada vez mais.

No passado a máquina do tempo ainda não estava pronta, João sabia que a sua viagem tinha sido o primeiro teste real e que quando retornasse não se lembraria de nada e seus amigos morreriam nas explosões que ocorreram durante a experiência.

Só havia um jeito de salvá-los: retornando de outro jeito!

Olhando para o seu cronômetro, viu que o seu tempo no futuro também estava se esgotando. Agora ele tinha apenas quatro horas! Apenas quatro horas para descobrir uma forma de voltar no tempo e salvar as pessoas que ama!

O seu tempo era curto e o único jeito de descobrir algo seria abordando os cientistas daquele andar. Pensando em alguma forma de entrar no assunto, ele foi ao encontro do Dr. Reinaldo, que o observava do outro lado do laboratório.

– Dr. Reinaldo, sou recém-formado em física quântica e meu tio me disse que talvez eu venha trabalhar aqui... Quais os projetos que estão sendo desenvolvidos? – perguntou João, indo direto ao ponto.

– É, realmente estamos com falta de pessoal... – resmungou Reinaldo, antipaticamente.

– Eu soube que alguns cientistas foram dispensados... – arriscou João, tentando aliviar a tensão – Mas meu tio não quis me dizer o porquê, soube que eram muito bons profissionais...

– E excelentes amigos também! – complementou Reinaldo.

Ficou claro que Reinaldo não era um dos admiradores do Dr. Ventura.

– Bom... O que o senhor quer ver primeiro? – perguntou Reinaldo com um tom indiferente.

– Não sei... Esse laboratório é tão grande que eu não sei nem por onde começar... – respondeu João, esquadrinhando o local procurando algo familiar.

– Vamos... Eu te mostrarei algumas experiências que estamos desenvolvendo aqui... – disse Reinaldo, encaminhando-o na direção de alguns experimentos inconclusos.

João estava deslumbrado com a quantidade de equipamentos, imaginava que com metade daquilo ele poderia fazer maravilhas.

Se não tivesse com tantos problemas ele realmente poderia aprender muito naquele lugar, mas na sua mente martelava a necessidade de entrar no assunto da máquina do tempo, e rápido!

– O senhor já ouviu falar no Dr. Alberto Prattes? –perguntou à queima-roupa.

– Dr. Prattes?! Claro... – respondeu Reinaldo surpreso. – Os livros que o Dr. Ventura escreveu, baseados nas teorias dele, são leitura obrigatória para todos os estudantes de física!

– Eu soube que meu tio e ele eram grandes amigos – continuou João. – E que ele era também o seu grande ídolo...

– É... Parece que o seu tio esqueceu alguns ensinamentos do mestre... – comentou de forma irôni-ca.

– Como?! Não entendi... – fingiu João.

– Nada... eu só estava divagando... – concluiu Reinaldo evasivamente.

– Na faculdade diziam que o Dr. Prattes construiu uma máquina do tempo, isso é verdade? – insistiu João, indo direto ao assunto.

– Seu tio deve ter muito mais informações sobre isso do que eu... Por que não pergunta a ele?

Era clara a antipatia de Reinaldo por Dr. Ventura. Além disso, João notou algo mais, a forma com que Reinaldo se referia ao seu eu do futuro era carregada de rancor, era perceptível uma mágoa incontida.

Resolveu ser mais incisivo. Ele precisava arriscar, o seu tempo estava acabando e a qualquer mo-mento aquela farsa poderia ser descoberta.

– Dr. Reinaldo, nós podemos conversar em particular? – indagou decidido.

– Sim. Vamos para o meu escritório... – respondeu encaminhando-o em direção da sua sala, com uma ponta de curiosidade no olhar.

7
EM TERRITÓRIO INIMIGO

Entrando no escritório, João notou uma bagunça característica de um leitor voraz. As estantes abarrotadas de livros ocupavam boa parte da sala. Por todos os móveis, livros de todas as áreas, revistas especializadas, que por falta de lugar ficavam espalhados pelo ambiente. Para sua grande surpresa, alguns livros de mecânica quântica, escritos por ele mesmo!

Enquanto observava aquela grande biblioteca, um livro em especial chamou a sua atenção. Era sobre a vida e obra do Dr. Alberto Prattes, e o autor era ninguém menos que o próprio Dr. Reinaldo Martinelli!

Feliz com a grata surpresa, João pegou o exemplar e começou a folhear sem esconder a satisfação que aquilo lhe proporcionava. Enquanto folheava o livro, se convenceu que deveria contar para Reinaldo toda a verdade sobre a viagem no tempo.

– Pelo que vejo aqui, o senhor é um grande admirador da obra do Dr. Alberto Prattes... – comentou tentando introduzir o assunto. – Não só um admirador, mas também um defensor das ideias dele...

– Infelizmente não o conheci pessoalmente... – confirmou Reinaldo. – Ele morreu quando eu ainda era uma criança... Mas não é sobre mim que o senhor quer falar... Diga-me, o que realmente deseja? – questionou enquanto tomava o livro das mãos de João e o colocava sobre a sua mesa bagunçada. – Eu até acho que já sei qual é o assunto... O senhor está aqui para me substituir! – complementou com um olhar fulminante. – Seu tio não gosta muito de mim... e para falar a verdade, eu também não vou com a cara dele! – desabafou. –

Quando comecei a trabalhar aqui, eu era que nem você, jovem, cheio de ideias, e até admirava seu tio, o pupilo do mais famoso cientista brasileiro – continuou Reinaldo com o seu discurso, visivelmente exaltado. – Seu tio aperfeiçoou o colisor de partículas e descobriu como estabilizar o Bóson de Prattes. Mas depois de algum tempo, percebi que ele era apenas mais um executivo inescrupuloso em busca de dinheiro e de poder... Ele não é mais o cientista que escreveu isso! – concluiu apontando para vários livros sobre física e mecânica quântica na estante desarrumada.

– Calma, Dr. Reinaldo! – interrompeu João, aproximando-se dele. – Não é nada disso! Eu não sei por onde começar...

Apesar de Reinaldo estar exaltado, João identificou naquele homem um possível aliado. O seu discurso demonstrou uma grande semelhança com o seu modo de pensar, só restava convencê-lo disso.

A mente de João fervilhava. Era preciso ser extremamente convincente. Ele esfregava as mãos suadas olhando compulsivamente para o cronômetro do seu relógio; sabia que aquela seria a sua única tacada!

Se o Dr. Reinaldo não o ajudasse, tudo estaria perdido, ele não teria mais tempo e seria desmascarado. Essa seria a sua única chance. Ele respirou fundo e começou a falar.

– Doutor, esse escritório é seguro?! Alguém pode nos escutar?!

– Não, o que seria tão importante que ninguém poderia ouvir? – replicou Reinaldo com a curiosidade aguçada.

– Doutor... – suspirou novamente e, depois de uma longa pausa, disse: – Se eu te disser que eu sou João Ventura, o mesmo homem que é dono deste prédio...?

– Você está brincando comigo?! – esbravejou Reinaldo, extremamente irritado, se afastando dele. – Eu não tenho tempo para isso!

– Espere! – João o segurou pelo braço. – Se o senhor compartilha das ideias do Dr. Prattes sabe que o maior projeto da vida dele foi a máquina do tempo... A máquina existe! E FUNCIONA! – reiterou. – Eu sou João Ventura! Vim do ano

de 2011, há trinta anos!

Reinaldo desabou sobre sua poltrona. Com as mãos sobre a mesa, ele olhou para João incrédulo, a dúvida estava estampada nos seus olhos.

Era óbvio que aquela conversa despertou o desejo de explorar o desconhecido que move todo cientista.

Durante alguns momentos ele olhou atentamente para João, a semelhança dele com o dono daquele prédio era realmente assustadora, mas aquela história era fantástica demais para ser verdade.

João continuava de pé em frente a sua mesa, ele tinha que convencê-lo a qualquer custo. Era perceptível que conseguira abalar Reinaldo. Porém, isso era pouco, ele tinha que provar que era um viajante do tempo, e o mais difícil, tinha que convencê-lo a ajudá-lo.

– Antes que você diga qualquer coisa... eu também não concordo com o comportamento desse “Dr. Ventura”... – disse João, sentindo-se estranho ao falar de si mesmo. – Estou precisando de ajuda para salvar o Dr. Alberto Prattes e Beatriz Lopes que estão no passado e vão morrer na explosão do laboratório que aconteceu durante a experiência que me trouxe aqui!

– Espere um minuto! – interrompeu Reinaldo, levantando-se com um impulso. – Você entra aqui me dizendo que é o Dr. Ventura, que veio do ano de 2011, e acha que eu vou acreditar assim fácil?! Veremos se você está dizendo a verdade! Venha comigo...

Confuso, João viu Reinaldo sair da sua sala.

Por alguns momentos ele pensou que tudo estava acabado, seria denunciado e o destino de seus amigos estaria selado. Sem alternativa, ele e o acompanhou até a entrada do laboratório, mais especificamente para o scanner da porta de entrada.

– Se isso for uma brincadeira... – vociferou Reinaldo, olhando incisivamente para João, que entendeu prontamente qual era o plano do cientista.

– Eu quero que você coloque seu rosto aqui. Esse scanner focaliza mais de cem pontos no rosto da pessoa, além da retina. Se você for o Dr. Ventura, ele

confirmará! – afirmou Reinaldo, enquanto abria um compartimento do lado da porta e digitava algo.

Havia um tipo de terminal de onde Reinaldo teclou algo e tirou um pequeno relatório impresso num papel plastificado.

– E então? Confirmou? – perguntou João ansioso, enquanto retirava o rosto do foco do aparelho.

Reinaldo ficou perplexo. As suas feições se transformaram, os seus olhos pareciam querer sair da órbita. Ele olhava para João como se estivesse vendo um fantasma. A excitação do cientista era tanta que não precisava dizer mais nada.

Estava confirmado.

Aquele era o mesmo homem que ele conhecia e desprezava! Teimosamente, Reinaldo imprimiu o relatório da máquina, como se não acreditasse no que havia lido na primeira vez.

– Aqui diz que você nasceu em 1988! Há 53 anos! – disse encarando-o espantado.

Reinaldo estava completamente desconcertado, ele tocava em João como um cego que tenta enxergar um rosto, buscando alguma coisa que pudesse explicar o que estava acontecendo. Estava confirmado, agora ele tinha certeza que era verdade!

– Vamos para meu escritório, rápido! – disse, puxando João bruscamente para dentro do laboratório.

Dentro do seu escritório, Reinaldo procurava por algo. Abria várias gavetas, espalhava papéis pela sala sem se importar em bagunçar ainda mais o lugar. Ele estava tão agitado que os outros cientistas perceberam e vieram saber o que estava acontecendo. Acenavam do outro lado da parede de vidro perguntando o que estava acontecendo.

– Nada! Não preciso de nada! Por favor, não quero ser incomodado por ninguém!! Entenderam? – ordenou rispidamente, sem desviar a atenção do que procurava.

João não conseguia compreender o que estava acontecendo.

– O que o senhor está procurando? – questionou.

– Eu sabia que ele tinha conseguido... Estou procurando umas anotações do Dr. Prattes que consegui na pesquisa para escrever meu livro...

– Pra que anotações se eu estou aqui? Eu sei tudo sobre a máquina, afinal eu ajudei a construí-la!

– Espere um pouco. Se você viajou no tempo e está aqui comigo... o “você” do futuro, quer dizer... o Dr. Ventura, lembra disso e sabe que você está aqui nesse momento! – afirmou Reinaldo virando-se para João. – Uma experiência como esta não se esquece nem em mil anos!

– Esse é o grande problema da máquina... Se eu retornasse agora, não me lembraria de nada, e a única forma de comprovar a viagem seria vasculhando o meu cérebro... – acrescentou João. – E eu não tenho tempo para isso, preciso que me ajude a voltar de outra forma, só assim eu conseguirei salvar meus amigos. O Dr. Prattes achava que a causa dessa falha era a alimentação de energia da máquina, que usava pulsos elétricos, e a única forma de aperfeiçoá-la seria com uma viagem de um de nós, por isso eu decidi testá-la!

– Mas o Dr. Ventura sabe que você fez a experiência... – insistiu Reinaldo. – Ele deve lembrar de tudo o que aconteceu antes e depois, e deve saber para onde você seria mandado...

– Então “ele” sabe que eu estou aqui?! – perguntou João assustado.

– Claro que sim... Além da memória, ele tem acesso ao sistema de segurança, com os dados e as imagens de todas as pessoas que entram e saem deste prédio.

João ficou apreensivo. Na sua cabeça vinham à tona as palavras do Dr. Prattes sobre um possível encontro com o seu outro “eu” do futuro, quando Reinaldo interrompeu seus pensamentos.

– Eu estou procurando também umas anotações sobre o acidente que matou o Dr. Prattes, nas quais as suspeitas de atentado estavam bastante claras...

– Atentado?! Como? Ninguém teria interesse na morte do Dr. Prattes! – exclamou João surpreso. – Ele não tinha inimigos, era uma pessoa muito bem quista!

– Será?! Será que ninguém teria interesse na morte do Dr. Prattes? – questionou Reinaldo com um tom inquisidor, colocando alguns documentos sobre a mesa desarrumada. – Pela minha pesquisa, o Dr. Prattes passou para o seu nome todos os direitos sobre as suas pesquisas pouco antes do acidente. Além disso, ele tinha um seguro de vida extremamente alto e o principal beneficiário era você! – afirmou, encarando João com fogo nos olhos.

– Isso não é verdade! – respondeu João, exasperado. –Eu não sei de nada disso, ele era o meu melhor amigo!! Era um cara que eu considerava como um segundo pai!

– É verdade sim! Aqui estão as provas... – retrucou Reinaldo, espalhando várias cópias de documentos sobre a mesa. – Aqui estão os documentos que comprovam que você seria a única pessoa que teria vantagens com a morte do Dr. Prattes!

– Você está louco! Isso não prova nada! – berrou João, profundamente irritado.

O barulho da discussão chamou a atenção da equipe do laboratório, todos estavam postados do la-do de fora da parede de vidro, que por sorte era a prova de som. Bastante nervoso, Reinaldo fechou as persianas para evitar os olhares dos outros funcionários.

– A polícia na época investigou essa possibilidade, mas não conseguiu provar nada. Mas até hoje eu não consigo acreditar na versão de que aquilo foi apenas um acidente e que por uma mera coincidência você era o único que estava na área isolada, na redoma, o único local do laboratório que suportaria a explosão! Isso foi muito conveniente...

– A mulher que eu amo também estava lá! Eu seria incapaz de fazer mal a qualquer um dos dois! – João tentava argumentar transtornado. – Eles eram a minha família, você acha que eu faria uma coisa dessas...

– Eu acho que sim! O Dr. Ventura que eu conheço faria isso, sem duvida alguma! – afirmou Reinaldo.

Indignado, João andava pela sala sem conseguir acreditar no que ouvia.

Reinaldo estava muito seguro do que afirmava, os documentos realmente comprovavam o que ele dizia, o acidente foi mesmo muito conveniente.

A única explicação lógica seria essa mesmo. Será que ele se transformara num monstro, em um homem sem nenhum escrúpulo, capaz de matar seus entes queridos por dinheiro?

Tudo era muito estranho, todos os indícios levavam à versão revelada por Reinaldo, porém aquilo não batia com a sua realidade. Ele não pensava daquela forma, ele realmente amava aquelas pessoas e faria tudo para protegê-las.

– Olha aqui... – replicou com o dedo em riste no rosto de Reinaldo. – Eu estou aqui tentando sal-var o meu melhor amigo e você vem com esse papo de que eu o matei?! Se eu quisesse iria lá pra cima, encontrava o “Dr. Ventura” e tudo bem... Esperaria a hora de voltar e pronto! Ficaria rico e seria seu chefe! E você me diz que eu matei o Dr. Prattes?! – a voz de João ecoava pela sala. – Você não está percebendo que eu posso alterar o meu futuro?! Que eu posso morrer, ou qualquer outra coisa?! Se eu fosse esse monstro que você pensa, eu ficaria muito satisfeito em saber que sou dono de tudo isso aqui!

– Olha aqui você, moço! – respondeu Reinaldo, encarando João. – Você acha que pode chegar aqui e me dizer o que é verdade ou mentira?! VOCÊ ESTÁ ATRASADO TRINTA ANOS! Se eu estou dizendo que o “DOUTOR VENTURA” é capaz de matar alguém, digo por que eu sei disso! Pois o conheço muito bem e sei do que ele é capaz... Principalmente assessorado por aquele cupincha do York!

– Você ainda não compreendeu que seria muito mais fácil eu procurar o “Dr. Ventura”?! – afirmava João completamente transtornado. – No entanto, estou aqui tentando descobrir uma maneira de mudar tudo! Isso não basta para você acreditar em mim?!

– NÃO! NÃO BASTA! Eu trabalho há anos com o Dr. Ventura e sei que ele não vale nada!

– Não é possível! O que quer que eu faça para provar que não penso igual a esse “Dr. Ventura” do qual você está falando?! – esbravejou João dando um soco

na mesa resignado.

Com os punhos cerrados e extremamente irritado, João continuou:

– Para você, o Dr. Prattes e Beatriz são passado, são apenas uma história distante, mas não para mim! Para mim eles ainda estão vivos e são as pessoas que eu mais amo neste mundo! ESTA MA-NHÃ ELES ESTAVAM COMIGO E AINDA ESTARÃO LÁ QUANDO EU VOLTAR, COMO VOCÊ ACHA QUE EU ME SINTO SABENDO QUE ELES VÃO MORRER E QUE EU NÃO PODEREI FAZER NADA?!

– MORRERÃO NUM ATENTADO ARMADO POR VOCÊ! – exclamou Reinaldo.

– QUE PORRA! – esbravejou João. – Eu estou querendo salvar essas pessoas... Eu já te disse que não sou como esse “Dr. Ventura” que você conhece! Você que se diz tão conhecedor da história do Dr. Prattes, deveria saber que nos dávamos muito bem e que eu não faria nada que o prejudicasse e nem a Beatriz! Eu não estou te pedindo para me ajudar, estou pedindo para salvar essas pessoas!

8
ESTRANHA VISITA

Ainda muito irritado com a discussão, Reinaldo sentou na sua poltrona e começou a refletir que realmente aquele rapaz só tinha a aparência semelhante ao Dr. Ventura que ele conhecia. O que ele falava parecia ter sentido. Porém, os anos de convivência com o outro não o deixava acreditar no que ouvia.

João continuava de pé, andando de um lado para outro na sala cabisbaixo, já sem argumentos para tentar convencer Reinaldo de que ele não era igual ao Dr. Ventura.

Nesse momento alguém bateu na porta de forma desesperada, quebrando o clima pesado da sala. Rispidamente, Reinaldo se dirigiu até lá abriu a porta irritado. Um membro de sua equipe informou que ele tinha visitas.

Instantaneamente ele olhou para a entrada do laboratório e viu Arthur York entrando no lugar.

– Era só o que me faltava... – praguejou.

Por entre as persianas, João também viu York e disse apreensivo:

– Você tem que me esconder! Se ele me vir aqui, eu estou perdido... Eu não confio nesse cara, nunca confiei nele!!

– Você o conhece?! – perguntou Reinaldo, atônito.

– Conheço... Ele não pode me ver aqui! Esconda-me em algum lugar, por favor!

Reinaldo viu o desespero estampado no rosto de João. Ele também não gostava de York e por isso não hesitou em escondê-lo.

– Venha rápido, entre aqui! – disse levando-o para dentro do banheiro do

escritório.

Muito tenso João o acompanhou rapidamente. Lá dentro, ele se posicionou de forma observar a movimentação da sala pela fresta da porta sem ser notado.

“Será que Reinaldo é a pessoa certa para me ajudar a salvar meus amigos?”, refletia desolado enquanto se posicionava para observá-los.

York entrou na sala de Reinaldo, arrogante como sempre:

– Boa tarde, Dr. Reinaldo, como está o projeto da anti-máteria? Já conseguimos estabilizar as partículas? – perguntou, enquanto pegava o livro sobre a vida do Dr. Prattes que ainda estava sobre a mesa desarrumada.

– Ainda não. Amanhã faremos outros testes, ainda não conseguimos identificar qual o problema. Os elementos da anti-matéria são muito instáveis, teremos que fazer mais algumas experiências – respondeu Reinaldo, notando que York não prestava a mínima atenção no que ele falava, e sim olhava para o escritório como se estivesse procurando algo.

– Hummm... Sim! Quer dizer que a anti-matéria ainda não está pronta? – questionava, enquanto andava pelo escritório folheando o livro. – Como está desarrumada essa sua sala... Você precisa ser mais organizado... Olha que bagunça! – falava apontando para os papéis sobre a mesa.

Rapidamente Reinaldo juntou os papéis e os jogou dentro da gaveta.

– É por causa do trabalho, senhor, há muito que fazer, falta tempo para manter a arrumação do escritório... – disse recolhendo alguns livros e os colocando de volta na estante.

Enquanto colocava os livros na estante, Reinaldo viu que João os observava pela fresta da porta e acenou com a cabeça em sua direção como forma de tranquilizá-lo. Ele estava visivelmente tenso.

De dentro do banheiro João os observava, abismado com o fato de York não ter envelhecido um só dia. Ele continuava com a mesma aparência da última vez que o viu. Notou também que York estava muito interessado em vasculhar o escritório de Reinaldo, como se procurasse por algo ou por alguém!

Reinaldo tentava persuadi-lo a sair dali.

– O senhor não quer ver as outras experiências? Estamos desenvolvendo o um projetor holográfico que vai revolucionar o mercado de entretenimento... – anunciava sinalizando a saída para o laboratório.

– É, eu soube... – respondeu York, sem dar a mínima atenção.

– Como a vida é interessante... Eu estava hoje mesmo pensando no falecido Dr. Prattes, e olha que coincidência... Um livro sobre a sua vida! – disse com um olhar de desdém em direção a Reinaldo. – E escrito por você! A vida é realmente interessante... Aliás, o destino é interessante!

– Você não acha o destino interessante, Dr. Reinaldo? – perguntou estranhamente.

– Não entendi, senhor?

– O que você acha do destino? Não acha interessante como as coisas acontecem? – insistiu. – Até parece que já estão pré-determinadas...

– Não, senhor, eu não acredito em destino... – respondeu Reinaldo meio confuso.

– Não? Pois eu acredito... Olhe este exemplo, eu pensei no Dr. Prattes e este livro simplesmente apareceu na minha frente... Até parece que alguém antecipa os eventos... Quem sabe não é o destino?

Colocando o livro em baixo do braço direito, York virou-se para porta do banheiro. João instintivamente se esquivou para sair do seu campo de visão.

Lentamente York começou a andar em sua direção.

Percebendo o risco que corria, João procurava desesperadamente algum lugar onde poderia se esconder.

Do lado de fora, notando que ele ia em direção ao banheiro, Reinaldo tentou distrair a sua atenção.

– Eu tenho outro excelente livro sobre o Dr. Prattes por aqui! – disse, dirigindo-se rapidamente para uma estante ao lado da entrada do banheiro, posicionando-se entre a porta e York, fingindo procurar o livro.

Atrás da porta, João ouvia as palavras de Reinaldo e pela fresta via York ouvindo-o impacientemente. De repente, ele sentiu a porta abrir. Por detrás dela

ele acompanhou o seu movimento ficando encoberto. Pelo reflexo no espelho ele via York olhando para dentro do banheiro de forma investigativa.

Reinaldo ficou completamente sem ação diante da atitude de York, ele não conseguia imaginar algo para chamar a atenção do executivo, ficou estático, apenas aguardando João ser encontrado.

Nesse momento, o celular de York tocou, que atendeu mantendo a mão esquerda na maçaneta da porta, deixando o livro escapulir da sua axila e cair no chão.

Do outro lado da porta, acuado, João viu o livro aos seus pés. Pressionado pela porta com o peso de York, ele via todo o seu esforço ir por água abaixo, e a perspectiva de pôr tudo a perder o fazia transpirar muito. Reinaldo continuava atônito sem ação, enquanto York falava com alguém no celular.

– Ok. Venha rápido pra cá! Eu vou mandar um helicóptero...

Pelo reflexo do espelho João o via procurar algo dentro do banheiro enquanto falava no celular. Fora do campo de visão de York, ele notava como aquele homem era assustador, as sobrancelhas demoníacas lhe davam um ar sinistro, suas feições eram de um homem seco, sem emoção, o seu olhar frio vasculhava o local.

Da mesma forma que se aproximou, ele começou a se afastar da porta.

Aparentemente a ligação o fez despertar outros interesses. Com a mesma postura arrogante com que chegou ao escritório, ele foi embora sem ao menos se despedir de Reinaldo, que continuava estático na frente do banheiro.

Atrás da porta, João escorregou vagarosamente pela parede até sentar-se no chão, sentindo um a-lívio nunca antes experimentado.

Recolhendo o livro no chão, Reinaldo entrou no banheiro e encontrou João sentado no chão, esgotado.

– Essa foi por pouco... – suspirou.

* * *

De pé novamente, João tentava se reanimar colocando a sua cabeça embaixo da torneira, e a água fria escorria pelos cabelos pretos lavando o suor do seu

rosto cansado, levando o desespero junto pelo ralo.

Enquanto isso, Reinaldo recolhia o livro e o recolocava na estante. Quando trancava a porta do escritório observou para ver se York já tinha realmente ido embora.

– Ele está desconfiado de alguma coisa! – comentou se aproximado de João ainda com a cabeça embaixo da torneira. – Ele já sabe que você está aqui! – afirmou. – York nunca veio aqui no laboratório e não teria nenhum motivo para vir, a não ser se soubesse de alguma coisa!

– Mas por que exatamente neste laboratório? – perguntou João, enquanto enxugava o rosto, encarando-o através do espelho.

– Claro! Onde mais alguém viria procurar uma máquina do tempo? No laboratório de física, isso é óbvio!

Retornando para a sala, João desabou no sofá desarrumado.

– Ele desconfia que eu estou aqui! Mas não sabe onde... – deduziu. – Por isso todo o aparato de segurança, desde quando eu cheguei...

De volta à sua mesa, Reinaldo perguntou:

– Qual a data que você saiu do passado?

– 12 de fevereiro de 2011...

Cada vez mais interessado, Reinaldo continuou:

– Em 2011, York devia ter uns oito anos de idade, como é possível você o conhecer?

– Eu o vi há umas quatro semanas! Foi ele quem financiou o projeto da máquina do tempo... Ele chegou há alguns anos e se tornou o administrador e financiador do projeto! – João levantou e se posicionou na frente de Reinaldo, com as mãos sobre a mesa. – E ele não envelheceu nada! A máquina ainda deve estar ativa e ele a deve estar utilizando! Ele é a chave de tudo! – complementou.

Os olhos de João emanavam sinceridade, mas Reinaldo ainda não estava convencido sobre o seu caráter. Os últimos acontecimentos de alguma forma o fizeram pensar melhor sobre o assunto, além do mais a sua curiosidade estava aguçadíssima.

– Como é esta máquina do tempo? – perguntou.

Aquela pergunta era o sinal que João esperava. Ele tinha conseguido despertar a sua atenção. Mesmo que Reinaldo não confiasse nele, agora quem estava no comando era o cientista, a vontade de realizar o sonho de todo físico era maior que a sua desconfiança.

– Ela é um pouco maior que essa sala, com uma grande redoma de vidro e um acelerador de partículas a circundando... – respondeu mais animado.

– Eu nunca vi nada igual por aqui – replicou Reinaldo, tentando lembrar-se de algo.

– Não tem outro laboratório de física neste prédio?

– Não. Este é o único...

– Teremos que investigar de outra forma... – afirmou João. – Você tem um computador aqui?! – perguntou procurando algum terminal na sala.

– O que você vai fazer?

– Vou acessar o computador do Dr. Ventura!

– E como você vai fazer isso? – perguntou Reinaldo.

– Da mesma forma que eu cheguei até aqui... Com as minhas características pessoais!

Desde a pesquisa que tinha feito no laboratório, João notou que os terminais liam a retina dos usuários e os identificavam.

Instruído por Reinaldo, acessou o terminal na mesa do cientista. No momento em tocou a tela do computador, automaticamente o sistema o reconheceu, abrindo uma janela com a sua configuração de acesso.

– Existe um servidor central, um banco de dados sobre as pesquisas desenvolvidas neste prédio? – perguntou, enquanto navegava na intranet da empresa.

– Claro, acesse este ícone à direita da tela – mostrou Reinaldo atento à tela, apontando para o local.

Com o dedo, João abriu uma pasta, dentro dela diversas subpastas divididas por departamento.

– Incrível! Eu não sabia que tínhamos tantas pesquisas em desenvolvimento... – espantou-se Reinaldo com a quantidade de informações a que João tinha acesso.

Observado de perto por Reinaldo, João acessou as pastas de todas as pesquisas da área de física, física quântica, mecânica quântica... A quantidade de arquivos era enorme. Cada vez mais preocupado com o tempo, João buscava algo familiar naqueles arquivos.

– Vamos! Vamos... – sussurrava enquanto acessava as informações nos servidores.

Cada vez mais familiarizado com a tecnologia, ele ia penetrando em locais restritos que só o seu usuário tinha acesso.

– Vamos logo com isso! Antes que detectem a invasão! – disse Reinaldo apreensivo.

– Calma! Estou tentando...

Em uma pasta muito bem protegida numa área restrita, encontrou um arquivo bastante familiar. Um algoritmo feito por ele para testar algumas teorias sobre a viagem no tempo. A partir daquele arquivo seguiu buscando no mesmo diretório algo mais importante, até que chegou a pasta de nome “Alberto Prattes”.

– Achei! Aqui! Aqui estão os cálculos do Dr. Prattes! Está tudo aqui!

– O que você conseguiu?

– Consegui tudo! Todo o projeto está nestes arquivos! Eu sabia que a máquina ainda existia! Eu sabia! – exclamou João, exultante.

– Está tudo ai?

– Está!

– Então é melhor copiar e sair do computador do Dr. Ventura, a segurança pode detectar a invasão.

– Como pode detectar, se sou eu mesmo que estou acessando?

– Acessando da minha sala... Esqueceu de York?! Ele está desconfiado, com certeza vai tomar algumas precauções e já deve estar monitorando tudo...

– Você tem razão... Me dá um pendrive pra eu copiar esses arquivos, rápido!

Apressado, Reinaldo despejou o conteúdo das gavetas sobre a mesa, desarrumando ainda mais o móvel. Ele abria caminho em meio à papelada procurando o pendrive, os objetos descarregados caíam no chão ajudando a aumentar a bagunça.

– Onde eu coloquei aquele maldito pendrive? – praguejava, enquanto espalhava ainda mais as coisas sobre a mesa. – Aqui está! Encontrei! – disse retirando o pendrive debaixo de um documento.

– Ótimo! – exclamou João enquanto recebia o objeto.

João notou que o pendrive era apenas um chaveiro e não tinha conector USB. Com o objeto na mão, procurou algum conector na mesa ou na tela e não percebeu nenhuma entrada aparente para receber aquele periférico.

– Como é que eu uso esse troço?! – perguntou.

– Basta informar que quer copiar o arquivo, o computador detecta os drives por wireless e conecta sem fio, basta escolher o pendrive e mandar ver.

– Que interessante... – disse João enquanto executava o comando.

Rapidamente ele iniciou a cópia dos arquivos.

A barra de evolução do download crescia devagar, os segundos pareciam horas.

Com noventa e oito por cento, o computador travou e apareceu a mensagem “OPERAÇÃO ILEGAL IDENTIFIQUE-SE!” na tela, bloqueando a cópia.

9
DESMASCARADO

O que João temia aconteceu. Naquela fração de segundo em que a mensagem apareceu, ele se viu diante da desagradável possibilidade de se encontrar. A teoria do paradoxo temporal veio à sua cabeça, ele brigava para manter aquele pensamento longe, mas isso era impossível. Apesar dos cálculos e das tentativas de comprová-la, ninguém até então teve a chance de testá-la!

Conforme as previsões, um paradoxo temporal poderia ter efeitos devastadores, e diante desta perspectiva terrível ele pensou alto.

– Nos descobriram! – exclamou assustado.

– Temos que sair daqui agora! – reforçou Reinaldo, como se estivesse lendo a mente de João.

Rapidamente ele foi até a porta da sala para verificar se alguém tinha notado o que estava acontecendo, enquanto João ainda estava no computador. Apesar dos cientistas estarem agitados, desconfiando de algo, ainda não havia ninguém estranho no local. Era só uma questão de tempo para aquilo se transformar num inferno cheio de seguranças.

– Não podemos sair daqui! Eu tenho que descobrir onde está a máquina! – disse João exaltado.

– Se não sairmos daqui agora, você não descobrirá onde está a máquina nunca! – argumentou Reinaldo tentando puxá-lo para fora do laboratório.

– Espere! Tenho que levar o pendrive! – João pegou o pendrive e saiu rapidamente.

– Vamos logo! – apressava Reinaldo segurando a porta da sala, enquanto

observava nervosamente a entrada do laboratório.

Os cientistas do laboratório deixaram de lado o que estavam fazendo ao notar a movimentação. João e Reinaldo saíram em disparada pelo laboratório, derrubando alguns equipamentos da bancada logo em frente, chamando mais atenção ainda. Durante a saída do local, empurraram alguns cientistas que por infelicidade estavam à sua frente.

Enquanto se encaminhavam para a saída, João, completamente aturdido, guardava o valioso pendrive no bolso da calça. Reinaldo ia na frente abrindo caminho. O desespero fazia o corredor parecer muito maior do que era na realidade, à medida que eles andavam acelerados em direção ao elevador, este parecia que se afastava mais, a tensão era quase palpável e ambos procuravam não deixar transparecer para as outras pessoas que passavam pelo lugar. Ao chegar aos elevadores, constataram que todas as cabines estavam em movimento, todas subindo.

– Estão vindo pra cá! – exclamou Reinaldo. – O setor de segurança fica no primeiro andar, estão vindo pra cá com certeza!

– Vamos pela escada! – João o puxou e entraram pela porta de acesso às escadas.

– Subir ou descer? – questionou Reinaldo, exaltado.

– Subir! – respondeu João correndo escada acima, acompanhado pelo cientista. – Tem alguma ideia de como vamos sair dessa?! – perguntou ofegante.

– Não sei... Mas descer não é uma boa opção, seríamos obrigados a passar pelo andar da segurança. – afirmou Reinaldo – Além disso, todas as saídas já devem estar sob vigilância! Vamos! No caminho a gente pensa em algo!

Subiram mais alguns lances de escada, João já estava muito cansado, e Reinaldo, à sua frente, subia dois degraus por vez. Seu parceiro tentava acompanhá-lo, mas aos poucos ia ficando para trás. – Ei, espere! Eu sou um cientista, não um atleta! – exclamou João, respirando com dificuldade.

Reinaldo diminuiu o passo para aguardar o companheiro. João notou a motivação nos seus olhos, apesar da confusão em que havia se metido.

Reinaldo o deixou passar na frente e começou a acompanhá-lo de perto.

– Reinaldo! Vamos para a sala do Dr. Ventura... – sugeriu João.

– Estamos no vigésimo sétimo andar... a sala dele é no quinquagésimo! E como vamos entrar nela?! – perguntou Reinaldo incrédulo, enquanto parava arquejado de cansaço, equilibrando-se no corrimão.

– Eu não sei! Mas temos que entrar... – afirmou João nervoso, com o rosto coberto de suor.

– Sabe o que pode acontecer se você se encontrar aqui no futuro?

– O Dr. Prattes me avisou... mas eu tenho pouco tempo e preciso descobrir onde está a máquina e salvar os meus amigos. Não me importo com o que possa vir a acontecer comigo!

Reinaldo sentiu sinceridade nas palavras de João, ele olhava admirado para aquele jovem à sua frente e se questionava como uma pessoa poderia mudar tanto com o tempo. Ele conhecia o Dr. Ventura e aos poucos ia percebendo como as personalidades daqueles dois eram totalmente diferentes, apesar de serem a mesma pessoa. “O que poderia ter acontecido em trinta anos para mudar radicalmente o modo de pensar desse homem?”, perguntava-se.

Mesmo com um pânico latente, foram obrigados a parar para recuperar o fôlego. Esgotados pelo esforço, eles ouviram barulho de passos, o vão entre os corrimãos fazia ecoar pelas escadas os sons daquele lugar. Notaram que a dois andares abaixo havia uma intensa movimentação de seguranças que subiam em ritmo acelerado. Levantaram-se desesperados e começaram a subir ainda mais rápido, quando perceberam que acima deles também desciam seguranças.

– Venha,vamos por aqui! – exclamou João, puxando Reinaldo pelo braço.

Voltaram para o corredor do trigésimo quinto andar, procurando algum lugar onde se esconder.

– Eles estão chegando e não temos para onde fugir! – alertou João aflito.

– Vamos para o elevador de serviço! Fica no outro lado do corredor, lá nós poderemos tentar descer... – disse Reinaldo saindo em disparada.

Enquanto eles corriam pelo corredor, Reinaldo notou que aquele andar estava

estranhamente vazio, mas não quis comentar, poderia ser apenas uma coincidência. Pelas janelas era notório que não havia ninguém nas salas. Aquilo era deveras incoerente, àquela hora era para o corredor estar fervilhando de pessoas, no entanto parecia que aquele andar fora totalmente evacuado.

Estavam no andar de robótica, pelas grandes janelas João via diversos equipamentos curiosamente abandonados.

Ao chegar à entrada da área de serviço, pararam por precaução. Antes de passar para outro lado ouviram ruídos de passos atrás da porta. Com extremo cuidado abriram uma fresta e viram que havia mais seguranças no outro corredor.

– Eles estão em toda parte... Você deve ter copiado arquivos muito importantes! – sussurrou Reinaldo muito assustado.

– E agora? Para onde vamos? – perguntava João olhando ao redor, buscando uma saída.

Ainda olhando pela fresta, Reinaldo o advertiu em pânico.

– Eles estão vindo!

Eles voltaram rapidamente pelo mesmo local, tentando não fazer barulho. Sabiam que seria impossível se esconder, os guardas que estavam na escada certamente entrariam naquele andar e eles ficariam entre as duas equipes. Impulsivamente, iam tentando abrir as portas pela frente à medida que passavam pelas salas.

Todas trancadas.

João já perdia as esperanças quando uma maçaneta cedeu.

– Reinaldo! Venha, vamos entrar aqui! – chamou o companheiro com cuidado para não serem descobertos.

Rapidamente Reinaldo se juntou a ele na sala. Quase ao mesmo tempo em que fecharam a porta, as equipes de seguranças entraram no corredor, uma de cada lado.

Ofegantes, escondidos atrás da porta, eles se olhavam com um misto de alívio e aflição. Do lado de fora, os seguranças se encontraram justamente em

frente à sala em que estavam. A acústica proporcionada pelo vazio do corredor os ajudavam a ouvir nitidamente o que se falava.

– Encontraram alguma coisa? – alguém perguntou lá fora.

– Não. Ainda não...

– Eles ainda estão no prédio, não há como sair daqui! Todas as saídas estão vigiadas... – afirmou o mesmo guarda.

– Eles só podem ter se escondido nas salas – disse um terceiro.

João e Reinaldo se encararam imediatamente, como que por telepatia lembraram que aquela era a única sala que estava aberta naquele corredor.

Com extrema precaução, João travou delicadamente a maçaneta, e o clique da fechadura travando parecia amplificado pelo temor deles.

– Vamos vasculhar em todas as salas desse prédio, eu quero todas as salas revistadas! – João conhecia aquela voz, era Milton que comandava aquele grupo!

Pela movimentação do lado de fora, as equipes se dividiram e o grupo daquele andar iniciaria a verificação pelas extremidades do corredor.

Eles não tinham para onde fugir.

Sorrateiramente, percorreram a sala e constataram que não havia outra saída, a única possibilidade de escape era a porta por onde entraram.

O barulho de chaves e portas sendo abertas com violência aproximava-se cada vez mais, eles sabiam que não haveria chance de fugir caso os seguranças entrassem naquela sala. A ansiedade de Reinaldo beirava o desespero. João continuava a procurar alguma alternativa de fuga, quando viu no teto a entrada de ventilação.

– Veja! Nós podemos nos esconder ali – sussurrou, apontando para o teto da sala.

– Você enlouqueceu?! Como você acha que vamos caber ali dentro? – resmungou Reinaldo.

– Se você quiser, pode ficar aqui esperando os seguranças! – provocou João, subindo na mesa e puxando a grade de proteção. – Venha! Me ajude aqui... eles estão chegando! – murmurou enquanto desencaixava a grade com dificuldade.

– Se eu soubesse que ia ter que passar por isso, teria ficado no meu laboratório! – lamentava Reinaldo, enquanto subia na mesa o ajudava a entrar no duto de ventilação.

– Rápido, segure essa grade enquanto eu subo! – gemia Reinaldo, enquanto passava para João a pesada peça.

A borda da entrada cedeu um pouco ante ao peso de Reinaldo, que com muita dificuldade se espremeu e conseguiu entrar no duto de ventilação.O local era desconfortável para uma pessoa, para duas, era inviável.

Com extrema dificuldade, eles recolocaram a grade de proteção no seu encaixe, exatamente no momento em que a porta foi aberta.

A grade não ficou bem fixa e Reinaldo foi obrigado a segurá-la, sob risco de ela cair e denunciá-los. Enquanto os seguranças entravam na sala, ele penava para segurar a grade, seus dedos estavam para fora do duto, não havia como escondê-los, e se os guardas olhassem para cima, eles seriam descobertos facilmente.

A posição em que Reinaldo e João se encontravam era muito desconfortável, principalmente pelo espaço reduzido. João estava um pouco melhor, pois ele podia se posicionar de forma a se adaptar ao duto. Reinaldo não tinha escolha, ele não podia se mexer, qualquer movimento poderia denunciar a sua localização. A fadiga causada pelo peso da grade e pela postura incômoda dificultava muito a sua situação.

Ambos estavam atormentados, João ainda mais, pois não conseguia ver o que estava acontecendo, apenas ouvia as vozes exatamente embaixo de onde estavam. Apesar de se acharem no duto de ventilação, a aflição os faziam suar abundantemente.

Com o pânico estampado nos olhos, João viu o suor de Reinaldo pingar através da grade. Ele não poderia fazer nada, pois estava com ambas as mãos ocupadas segurando a peça. Sem ter como evitar, Reinaldo viu o pingo cair sobre a mesa imediatamente abaixo, com os guardas ao redor.

Não notaram.

Aquela fração de segundo que durou a queda do pingo de suor foi um dos momentos mais tensos da vida de ambos. Com um esforço extremo, Reinaldo conseguiu movimentar o ombro e passar a camisa pelo rosto diminuindo o excesso de transpiração, depois dirigiu o olhar para João, tranquilizando-o.

Milton era quem comandava os seguranças. Aquela aparentemente era a última sala revistada daquele andar. Reinaldo tinha uma visão privilegiada do grupo, eles se encontravam exatamente embaixo deles.

– Vocês não encontraram nada?! – Milton inquiriu o grupo.

– Não, senhor.

– Vocês são uns incompetentes! – exasperou-se empurrando com violência o azarado que estava mais próximo dele. – Eles não podem ter sumido! Têm que estar em algum lugar! – Milton gesticulava como um insano, enquanto esbravejava com os subordinados.

Reinaldo o observava atentamente pela grade, torcendo para que não olhassem para cima, pois seus dedos continuavam à mostra. Esmorecido, João também ouvia o que era dito na sala.

– Eles não podem sair deste prédio! Nós recebemos ordens expressas de não os deixar sair! – gritava Milton enraivecido. – Eu desconfiei daquele rapaz desde a primeira vez que o vi! Só não entendo como ele conseguiu chegar tão longe com os nossos sistemas de segurança... – divagava irritado.

Nesse momento, o rádio deu sinal.

– Milton na escuta, câmbio!

– Você os encontrou?! – questionava voz pelo rádio. João e Reinaldo imediatamente identificaram a voz de York.

– Não, senhor, mas já estamos quase conseguindo! – afirmou Milton, nitidamente nervoso.

– Seu idiota... Não apareça aqui sem aqueles dois filhos da puta! Você sabe o que está em jogo... – um chiado muito forte finalizava a comunicação.

10
SEM SAÍDA

De onde estava, Reinaldo via os olhos de Milton vermelhos de cólera. Ele apertava o rádio de tal forma que as veias de seus punhos saltavam. O grupo de guardas, por instinto, se afastaram, protegendo-se da erupção de ira que estava por vir.

Milton lançou o rádio no chão e o despedaçou com os pés.

– Eu quero que revistem todos os cantos deste prédio! Não admito que retornem sem aqueles dois! – esbravejou olhando no rosto de cada um dos guardas. – Me dê esta porra de rádio! – vociferou enquanto arrancava o rádio das mãos de um dos seguranças. – Atenção, eu quero todo efetivo da segurança em alerta total! Quero que revistem todos os andares! Quero que evacuem todo o prédio, quero todos os funcionários fora da empresa agora... Só permanecem os funcionários da segurança! Quero todos os sistemas em alerta total!

Acima deles, João e Reinaldo se olharam assustados, seria quase impossível prosseguir a busca da máquina naquela situação. Milton ainda dava as ordens para dispersar o grupo que estava na sala.

– Após as revistas, eu quero que fiquem dois em cada andar de vigília, até encontrarmos aqueles dois filhos da puta! Entendido?!

Quando os seguranças saíram da sala, João sussurrou:

– Como vamos sair daqui?

– Não sei, mas temos que sair imediatamente deste duto, eu já estou todo travado e não consigo pensar em mais nada... – respondeu Reinaldo com dificuldade.

Com um esforço excruciante, Reinaldo puxou a grade para dentro do duto,

colocando-a do lado oposto de onde se encontravam; seus braços estavam dormentes. Com extremo cuidado, eles saíram tortuosamente dali. Reinaldo foi até a janela verificar o corredor, enquanto João colocava a grade, com cuidado, sobre a mesa.

– Eles ainda estão aqui... Deixaram dois guardas vigiando o corredor. – sussurrou Reinaldo.

– Temos que sair dessa sala. Meu tempo está acabando... – disse João, olhando para seu cronômetro.

Agachado atrás da porta, Reinaldo observava o seu desalento. Aquele rapaz não poderia ser o mesmo homem que ele conhecia, os seus olhos eram diferentes, a sua postura não era a de um homem sem escrúpulos como o Dr. Ventura. Aquele homem à sua frente inspirava confiança, a forma com que lutava contra o seu destino evidenciava que para ele o que mais interessava era o bem-estar das pessoas que amava e não o dinheiro e o poder. Isso estava cada vez mais evidente.

Reinaldo ficou por alguns momentos sentado atrás da porta, recuperando a circulação dos braços, enquanto observava o desânimo do seu companheiro. Imerso em seus pensamentos, viu um leve sorriso brotar na face de João, como se alguma ideia o iluminasse naquele momento.

João levantou-se e retirou do bolso o pendrive que havia copiado na sua sala.

– Aqui está a chave de tudo, aqui estão todos os planos da máquina, daqui dá pra saber para onde devemos ir! – sussurrou com um novo ânimo, mostrando o pendrive como se aquilo fosse um troféu.

– Rápido, vamos usar o terminal daqui! – concordou Reinaldo se dirigindo para a mesa da mesa. – Antes temos que desativar o acesso automático à rede, senão nos descobrem novamente... Só precisamos do acesso local para ler o pendrive – lembrou.

João buscou algum cabo para desconectar a rede, olhou embaixo da mesa e ao redor e não viu nada parecido, deduziu que a comunicação deveria ser via wireless. Viu uma pequena antena na lateral da sala, com um luz verde na sua

base. Reinaldo confirmou que aquele era o dispositivo de conexão com a rede. Sem muito tempo para descobrir como desligá-lo, João arrancou a peça, quebrando o dispositivo. Após isso, ele acessou a tela de plástico finissímo e iniciou a pesquisa. Ainda preocupado com a detecção automática do usuário.

Com Reinaldo ao seu lado, João acessou o pendrive e começou a analisar as informações contidas no periférico. As equações lhe pareciam bastante familiares.

– Estes algoritmos são os mesmos que eu e o Dr. Prattes fizemos! Mas estão com algumas alterações... Veja! – apontou para uma linha de programação na tela. – Isto aqui não existia!

– Temos como executar esse programa? – indagou Reinaldo, hipnotizado com o que via.

– Sim, mas, pela complexidade, acho que estes terminais não dão conta do processamento. Além do mais, não temos tempo para compilar isso!

À medida que avançavam nas pesquisas, João ficava mais surpreso. Todas as especificações do Dr. Prattes estavam ali, com muitas correções, as novas instruções estavam muito bem documentadas, e as falhas do programa aparentemente foram sanadas!

Reinaldo estava admirado. Ele, um físico experiente, estava com dificuldade para desvendar aqueles algoritmos. No entanto, João, um rapaz com apenas 23 anos, os lia com grande facilidade.

Durante algum tempo eles analisaram o conteúdo dos arquivos, até que um grande sorriso estampou o rosto de João denunciando que ele encontrara algo importante.

– Pelo que estou vendo aqui, a máquina ainda existe, está em pleno funcionamento e as suas falhas foram corrigidas! – exclamou, profundamente satisfeito.

– Onde ela está?! Eu trabalho aqui há mais de 10 anos e nunca vi essa máquina do tempo – interveio Reinaldo.

– Nunca ouviu nem falar? – perguntou João.

– É claro que sim... Qual o laboratório de física que nunca comentou sobre máquina do tempo?! Só que isso era impossível!

– Claro que é possível... Aqui está a prova! – exclamou João apontando para si próprio. – Mas, por impedimento das leis da física, o tripulante só poderia viajar para o futuro... Além disso, a nossa máquina ainda tinha o problema de manter o tripulante no futuro... – complementou João. – O viajante tem um prazo limitado, que depois que acaba ele retorna para o presente como se fosse "sugado" de volta para a sua época! – continuou. – E pelo que vejo aqui, todos esses problemas foram solucionados... A máquina funciona também para viajar ao passado!

Reinaldo viu estampado no rosto dele um novo ânimo, só restava descobrir onde a máquina estava. Para isso, eles teriam que ser rápidos, pois o tempo de João se esgotava e cada minuto era crucial.

João baixou os olhos para verificar o seu cronômetro, agora que tinha certeza de que a máquina ainda existia e funcionava, ele temia não ser capaz de encontrá-la a tempo de salvar os seus amigos.

A angústia preencheu o seu peito e o sentimento de impotência voltou com força total. Ele estava numa arapuca, não tinha como sair daquela sala sem ser descoberto, todos os andares estavam sob forte vigilância e eles ainda não tinham a mínima noção de onde procurar.

– Temos que descobrir onde está essa máquina do tempo...eu só tenho três horas e meia! – sussurrou para si mesmo, enquanto olhava aflito para o relógio. – Onde eu colocaria uma máquina como essa? O local deveria ter estrutura para conter um acelerador de partículas... O único lugar assim seria no laboratório de física... – João divagava, quase como que fazendo uma prece.

– Mas não está lá! – interrompeu Reinaldo. – Você disse que o grande problema da máquina era a energia... A maioria dos pavimentos deste edifício são dotados de redundância de alimentação elétrica, exceto pelos andares com função administrativa. O primeiro: segurança; o segundo: financeiro e marketing... Acho que até o décimo andar... Eu nunca compreendi o porquê da

presidência, que fica no último pavimento, também ter uma alimentação especial de força. Teoricamente lá só existem as salas de York e a do Dr. Ventura! Além da redundância, o último andar é o único que conta com um gerador especial que fica localizado no terraço, para um caso de blecaute... Agora está claro! A máquina está lá! – deduziu Reinaldo com convicção, se controlando para não aumentar o tom de voz.

A dedução de Reinaldo era perfeita, o único local seguro o bastante para a manutenção do segredo da máquina do tempo seria no último andar. A conclusão fazia o conflito no peito de João aumentar exponencialmente.

Cada vez mais ele se convencia de que realmente tinha se associado ao crápula do York e isso tornava a sua angústia quase insuportável, pelo desfecho daquela sociedade.

Reinaldo percebeu que João estava desconfortável, que a cada descoberta o seu embate interno crescia. Em sinal de respeito, se afastou um pouco para dar tempo ao amigo para retomar o controle.

Nesse momento, a porta se abriu.

Atraídos pelo barulho e pela luminosidade da tela do computador, dois seguranças irromperam sala adentro. Fora do campo de visão dos guardas, Reinaldo se escondeu atrás de uma estante. Eles imediatamente avistaram João, que ficou atônito se vendo descoberto.

– Fique parado onde está! –gritou um dos seguranças na entrada da sala. Imediatamente, João notou que eles ainda não tinham visto Reinaldo.

Os guardas entraram na sala cuidadosamente, um deles com a arma em punho, o outro com a mão sobre o coldre. Lentamente, eles avançaram em direção à mesa onde João estava.

Reinaldo esgueirou-se até o banheiro sem ser visto. João continuava sentado sem mover um músculo, quase que hipnotizado pela arma do segurança que estava apontada para ele. O outro guarda olhava ao redor procurando por Reinaldo.

– Cadê o seu parceiro? – inquiriu o segundo segurança com um tom

arrogante.

– Ele não está comigo... – mentiu.

Ele também sacou a arma.

– Você está mentindo! Nós o vimos sair com você do laboratório pelo circuito interno de vigilância! – ameaçou.

– Nós nos separamos! Ele desceu e eu subi, ele não está comigo! – insistiu João, desesperadamente.

Os guardas olharam para a entrada de ventilação aberta.

– Então foi assim que se esconderam...

– Vamos, caralho! – rugiu o primeiro segurança, se aproximado e empurrando João, que quase caiu da poltrona. – Onde está o seu amigo?! É melhor você começar a falar...

João sabia que por mais que fosse ameaçado, os guardas não poderiam lhe fazer mal. Quanto a Reinaldo, nada os impediriam de usar da violência.

– Eu já disse! Nos separamos lá embaixo! Eu não sei onde ele está! – gritou João com firmeza.

– Já vi que vai ser da forma difícil... – dizendo isso o segurança deu um soco no rosto de João, que caiu atordoado, derrubando junto a poltrona em que estava sentado. No chão, com o lábio inferior sangrando, João viu o segundo segurança se aproximar de onde Reinaldo estava escondido.

Rapidamente ele se levantou protestando.

– Tá bom! Tá bom, eu digo onde ele está...

O artifício serviu para desviar a atenção do outro guarda.

– Ele fugiu por ali... – afirmou apontando para a saída de ventilação.

– Você tá mentindo novamente, porra! – esbravejou o segurança que lhe dera o soco, avançando contra ele.

– É verdade! Eu não fui porque tenho claustrofobia e não conseguiria acompanhá-lo! – argumentou João, deslocando-se para o lado oposto da sala, afastando-se do segurança e chamando a atenção do outro guarda.

O artifício aparentemente causou o efeito desejado. Os seguranças

entreolhavam-se considerando a possibilidade de João estar falando a verdade.

Reinaldo observava a tudo, impotente.

Com um gosto desagradável de sangue na boca, João sabia que a sua artimanha não poderia ser sustentada, aquilo seria apenas um paliativo, logo os seguranças veriam a impossibilidade de Reinaldo fugir pelo sistema de ventilação e revistariam a sala completamente.

O soco que recebera o fez temer por sua integridade física. O maxilar dolorido o lembrava de que aqueles homens não sabiam quem ele era. O seu tratamento não seria diferenciado.

Um dos guardas subiu na mesa para investigar a entrada de ar, enquanto o outro continuava a vigiar João.

Observando tudo, Reinaldo sabia que era questão de tempo para ele ser encontrado.

Enquanto o outro guarda avaliava o duto de ventilação, João notou que a grade de proteção ainda estava em cima da mesa, ao alcance das suas mãos. Aproveitando um momento de distração do segurança que o vigiava, que por um lapso de tempo desviou a atenção para o outro que olhava o duto. Ele olhou para a grade e para Reinaldo, que imediatamente entendeu o recado e assentiu com a cabeça.

Propositalmente, Reinaldo fez um barulho dentro do banheiro, chamando a atenção do guarda que estava no chão. Aproveitando a distração, João agarrou a grade e com ela golpeou a mão do guarda, desarmando-o.

No mesmo momento, Reinaldo saiu do banheiro e o atacou pelas costas, empurrando-o com violência. Desequilibrado, tentando desesperadamente manter-se de pé, o segurança segurou numa das prateleiras da estante que estava à sua frente, fazendo o móvel cair sobre ele.

O outro guarda, espantado pela perturbação na sala, tentou sacar a arma. Rapidamente, João, que estava mais próximo da mesa, puxou a sua perna de apoio, fazendo-o desabar de forma violenta da mesa por cima de uma cômoda posicionada logo atrás da poltrona caída. Na queda, ele bateu com força a cabeça

desmoronando desacordado.

O primeiro segurança ainda estava consciente. Habilidosamente, ele se levantou e avançou contra João. Seus olhos ardiam de raiva e, com muita agilidade, ele desferiu um potente soco que acertou em cheio seu rosto, fazendo João cair novamente com o nariz aparentemente quebrado.

Reinaldo, surpreso com a reação do segurança, viu a arma no chão perto mesa. No mesmo instante o guarda também a viu, e tentaram pegá-la ao mesmo tempo.

O segurança foi o primeiro a chegar à arma. Reinaldo se jogou por cima dele na tentativa de tomá-la para si, e imediatamente sentiu o impacto de uma cotovelada no nariz. O sangue jorrou na hora. Sentindo uma dor lancinante, Reinaldo caiu de lado com a mão no rosto ensangüentado. O segurança engatilhou a arma e mirou em Reinaldo.

Antes do disparo, João pulou em cima do guarda fazendo-o errar o tiro.

– Fuja! Saia daqui! – berrou João desesperado para Reinaldo, enquanto lutava com o segurança impedindo-o de mirar novamente.

Atordoado pela cotovelada e assustado com o tiro, Reinaldo ainda tentou argumentar.

– Nós dois podemos dominá-lo!

– Não podemos não! Ele é treinado pra isso... Vá embora! – gritava João alucinado, enquanto segurava a arma do segurança que lutava para se desvencilhar.

– E você?! – indagou Reinaldo ainda hesitante, levantando-se meio tonto com o rosto empapado de sangue.

– Você sabe que eles não podem fazer nada comigo! Vá! Rápido!

João recebeu uma joelhada no estômago, que o fez arquejar e desequilibrar-se, aliviando a pressão sobre o guarda, que retomou o controle da situação e apontou a arma para Reinaldo.

– Você devia ter ouvido seu namoradinho... – arfou com um olhar sombrio. – Só queremos ele... Você é dispensável...

Numa reação desesperada, ainda caído, João chutou com a planta do pé a virilha do guarda.Sentindo uma dor cruciante, o segurança atirou a esmo.

Para a sorte de Reinaldo, a dor o fez errar. Não teria tanta sorte na próxima oportunidade.

Olhando para João prostrado no chão, correu para a saída. O guarda ainda atirou outra vez, mas Reinaldo já tinha sumido no corredor, e a bala acertou a porta.

O segurança voltou-se com os olhos faiscando de ódio, a dor ainda o incomodava muito. Ele apontou a arma para a cabeça de João ameaçadoramente.

– Você se acha muito esperto, não é seu veadinho?! – encostou o cano da arma na testa de João. – Acha que eu não posso fazer nada com você?! Você pode tá enganado... – o cano quente da arma queimava a testa de João, a pressão exercida pelo segurança potencializava a dor, os olhos insanos não deixavam dúvidas que naquele momento a sua vida estava por um fio.

Estranhamente, João mantinha o controle, talvez pela sucessão de acontecimentos, ou pelo fato dele ter a certeza de que sobreviveria, afinal aquele era o seu futuro. Porém, o gosto de sangue na boca e o nariz quebrado o faziam temer por sua segurança.

– Vamos, levante-se! – esbravejou o segurança chutando-o com violência, enquanto afastava a arma da sua cabeça, mantendo-a apontada para ele.

João levantou-se dolorosamente com grande dificuldade e completamente zonzo ele olhou para o outro guarda que ainda estava desacordado. Sentiu um certo alívio quando constatou que ele estava apenas desacordado.

Enquanto isso, com a arma apontada para João, o segundo guarda pegou o rádio:

– Chamando Sr. Milton, câmbio...

Do outro lado, a voz já familiar respondeu:

– Milton na escuta...

– Peguei o visitante... – comunicou com satisfação, olhando maliciosamente para João.

– Ótimo! Vocês estão com os dois?!

A satisfação rapidamente se transformou em inquietação, João viu o semblante do guarda mudar radicalmente.

– Teve luta... Eles conseguiram apagar um de nós e o doutorzinho escapuliu. Mas eu consegui pegar o rapaz... – respondeu com uma nítida apreensão na voz.

– Puta que pariu! – praguejou Milton do outro lado. – Vocês não conseguem fazer nada direito... Traga ele aqui! Eu estou no último andar, na sala da vice-presidência! Alerte todo mundo, eu quero aquele careca vivo ou morto! Entendeu?!

João viu o pavor estampado no rosto do segurança. Estava claro que a relação que tinham com o chefe era baseada na intimidação e no medo.

Enquanto o segurança dava o alerta geral repetindo as ordens de Milton, João pensava no que ele havia se transformado, rodeado de gente sem escrúpulos. Agora uma pessoa estava sendo caçada como um animal, a punição imposta por ajudá-lo.

Mais uma vez alguém iria sofrer por sua causa.

11
O FOSSO

Com o coração disparado e completamente desnorteado, Reinaldo correu desesperado para a área de serviço, e com a roupa manchada do sangue que ainda insistia em escorrer do seu nariz, ele entrou cambaleando pelo corredor da área de manutenção daquele andar.

A sensação de perseguição era intensa. O som dos seus passos ecoavam no corredor vazio. O efeito daquele som no ambiente desolado causava uma sensação de isolamento gigantesca, o ferimento do nariz dificultava o raciocínio, a respiração também estava comprometida, o peito ardia. Ele sugava o ar pela boca, suas vias aéreas estavam entupidas pelo sangue, e caso não cuidasse daquele ferimento, logo não conseguiria mais se locomover. Ele precisava estancar aquele sangramento e recuperar as energias.

Como em todos os andares, naquela área de serviço também deveria haver uma enfermaria, onde encontraria algo para estancar o sangramento. Ofegante, procurando controlar a ansiedade, Reinaldo se dirigiu rapidamente para o local, que pelo procedimento deveria estar com porta destrancada.

Estava.

Deduziu que todo prédio devia estar às moscas. Depois que entrou na enfermaria, trancou a porta e foi direto para o armário de medicamentos.

Tremendo de medo, com um chumaço de algodão embebido com soro fisiológico, limpou o nariz inchado, assuou bastante sangue coagulado na pia, desobstruindo os canais respiratórios. Enquanto tratava do ferimento, confirmou que seu nariz estava quebrado. Controlando a dor intensa, habilmente, ele

conseguiu estancar o sangramento e colocou uns tampões de gaze e algodão nas narinas.

Enquanto fazia o curativo mirando-se no espelho, Reinaldo teve a visão nada agradável do seu rosto inchado com nariz roxo e os tampões brancos. Na pia tingida de vermelho, uns tufos de gaze com sangue coagulado:

– Que estado lastimável... E agora, o que é que eu faço?

Em sua mente, a imagem de João lutando com o segurança para protegê-lo o fez refletir sobre aquela situação. Até pouco tempo atrás, achava o Dr. Ventura a pessoa mais desprezível do mundo, mas mesmo sem conseguir ligar um ao outro, começava a rever os seus conceitos.

O grande problema era que ele não conseguia ver nada além da semelhança física. Pelo pouco que conheceu do jovem João, ele não se tornaria um sujeito tão amargo e arrogante como o Dr. Ventura. Por mais que se esforçasse, não conseguia ver o dono daquele prédio jogando tudo para alto para salvar alguém, muito pelo contrário, para manter aquele império, ele faria justamente o oposto.

– Será que o Dr. Ventura faria algo contra o João? – essa dúvida martelava em sua cabeça. Outra preocupação latente era o que poderia acontecer se aqueles dois se encontrassem. Como físico, ele tinha conhecimento sobre diversas teorias sobre essa possibilidade e as perspectivas não eram nada animadoras.

“Eu estou metido até o pescoço nessa merda...”, pensava.

Com a captura de João, ele sabia que logo aquele pavimento estaria cheio de seguranças, tinha era sair dali imediatamente. Depois de tratar o seu ferimento, olhou o corredor para se certificar de que não havia nenhum segurança.

Saiu da sala esgueirando-se pela área de serviços até a porta que dava para o corredor social. O único caminho possível seria subir; a única forma de sair dessa seria encontrando João. Qualquer um deles. Onde eles estivessem, estaria a solução para essa encrenca.

– Estou no trigésimo quinto andar... – conferiu. – Ainda faltam quinze para o último, vai ser uma longa subida... A escada deve estar sob forte vigilância, e os elevadores, nem se fala... – enquanto meditava sobre as alternativas, ele viu uma

maleta da manutenção ao lado da porta de uma das cabines dos elevadores de serviço.

– Deviam estar fazendo a manutenção dos elevadores quando foram evacuados... Saíram com tanta pressa que deixaram essas ferramentas aqui... – deduziu, quando foi alertado por barulhos que vinha da área social.

Imediatamente ele escondeu-se numa saliência ao lado dos elevadores de serviço. Com cuidado para não ser notado, constatou pela vidraça da porta que separava os ambientes mais um grupo de seguranças com armas em punho revistando novamente as salas do outro lado. Depois do que aconteceu, sabia que agora a atenção estava redobrada e não pestanejariam em usar a força.

Sem alternativa, olhava ao redor procurando por algo que o ajudasse a sair daquela situação, quando a maleta de manutenção dos elevadores lhe chamou novamente a atenção.

– A única saída desse andar seria pelo fosso dos elevadores... Eles nunca iriam me procurar lá! – um arrepio frio percorreu a sua espinha.

Essa alternativa o fez temer pela sua segurança. No andar em que se encontrava, uma queda seria fatal.

Refletindo sobre as suas possibilidades, deduziu que sua vida corria perigo em qualquer lugar.

Decidido, ele puxou a maleta para junto de si, com cuidado para não chamar a atenção dos seguranças que ainda estavam do outro lado revistando as salas.

Com pressa, abriu a maleta procurando a ferramenta que abria a porta do elevador. O barulho dos guardas revistando as salas fazia a tensão crescer, e enquanto buscava algo que se encaixasse na pequena abertura do alto da porta do elevador ele ouvia o som de objetos sendo quebrados.

Todo o cuidado com as salas havia sido deixado para trás, parecia que os seguranças estavam com autonomia total para fazer o que fosse preciso para encontrá-lo, e isso o fazia ficar cada vez mais preocupado.

Tentando se concentrar ao máximo em sua busca, ele remexia as diversas ferramentas procurando a que se encaixava naquele orifício, a sua cabeça

latejava devido ao ferimento, dificultando a sua concentração.

Sentindo-se sitiado, não conseguia localizar a chave naquele emaranhado de metais.Depois de sofridos segundos, ele finalmente encontrou algo parecido com uma chave allen, que encaixou perfeitamente na abertura da porta.

Para seu alívio, na primeira tentativa a chave funcionou. Com os pés, fechou a maleta e com mão direita girou a chave e destravou a porta do elevador. Imediatamente, guardou-a no bolso da calça e abriu o vão da cabine.

No momento da abertura, um bafo quente saiu do fosso do elevador, fazendo Reinaldo afastar-se instintivamente.

Se aproximando com cuidado da beirada, ele sentiu um calafrio medonho ao ver a profundidade do fosso. Sentindo vertigem, se segurou no beiral da porta equilibrando-se para conferir o lugar. Viu a cabine da esquerda subindo, provavelmente com seguranças dentro, enquanto a cabine da sua posição encontrava-se parada no térreo, onde não conseguia vê-la devido a distância e a escuridão do fosso precariamente iluminado.

O barulho dos seguranças batendo as portas do outro lado o fez despertar.

Apressadamente, ele procurou algo em que poderia se apoiar. Localizou uma pequena escada lateral que acompanhava toda a extensão do fosso, viu que do outro lado também existia outra e deduziu que era através dela que os funcionários se deslocavam para fazer a manutenção.

A escada estava ao alcance do seu braço esticado. Evitando olhar para baixo, segurando-se no beiral da entrada do elevador, Reinaldo esticou a perna esquerda até que seu pé tocou no degrau mais próximo.

Por conta do excesso de lubrificação que espirrava dos cabos, a escada era bastante escorregadia, dificultando muito o equilíbrio. Com esforço, ele conseguiu firmar o pé esquerdo. Cuidadosamente esticou o braço até conseguir pegar em outro degrau acima da sua cabeça. A posição em que se encontrava era muito delicada, uma mão segurava a moldura da porta e a outra estava fixa no degrau da escada. Com um pé também na escada e outro na entrada do elevador, seu corpo pendia completamente solto na imensidão do fosso.

Seus membros tremiam e o suor escorria pela sua face. A gaze colocada para estancar o sangue do nariz dificultava a sua respiração e, ofegante, ele sugava o ar viciado pela boca.

A situação era extrema, ele olhou pra cima com dificuldade e viu uma plataforma a uns 80 metros. Aquele era o único caminho possível. Concentrando-se na frágil escada, firmou a mão esquerda no degrau e projetou o corpo no vazio. A mão direita agarrou o degrau com firmeza. O movimento brusco fez seu pé esquerdo deslizar na graxa que impregnava o degrau de baixo, deixando-o dependurado na imensidão daquele fosso.

Suas mãos travaram no degrau acima, os músculos dos braços retesaram com o esforço repentino, e com os olhos arregalados ele olhava para as pernas, tentando desesperadamente apoiar os pés nos degraus abaixo - o seu sapato deslizava na sujeira da escada.

A sensação era assustadora, o esforço para manter-se na escada era fenomenal, seus braços doíam, suas pernas pendiam no vazio e seu único vínculo com vida eram as suas mãos suadas travadas num degrau escorregadio.

A dificuldade era terrível, o ar viciado e os tampões de gaze dificultavam ainda mais a respiração, os músculos dos braços e das costas ardiam, seu corpo inteiro tremia, e olhando para suas mãos firmes no degrau de cima, ele tentava se concentrar.

– Resista!

Os músculos começavam a falhar. Desesperadamente, ele tentava firmar os pés sem deslizar na graxa. A vontade era de gritar por ajuda, não era opção. Lembranças da sua vida começaram a pipocar na sua mente, e naquele frenesi, a sua mente tomou consciência da morte iminente. Ele não queria morrer, ele não podia morrer!

Num último esforço sobre-humano, Reinaldo finalmente firmou os pés.

Ainda tremendo de exaustão, ele passou o braço esquerdo pela escada e apoiou o seu peso sobre a axila esquerda, aliviando os músculos superiores. Com muita dificuldade, sentou-se de lado em um dos degraus tentando recuperar o

fôlego.

Olhando para as mãos com os dedos dormentes, Reinaldo sentiu o medo o dominar, olhou para baixo e imaginou a queda.

Estar ciente da própria morte é uma sensação pavorosa.

A porta do elevador ainda estava aberta, o barulho dos seguranças o fez notar que estaria totalmente à vista assim que entrassem naquela área. Se recompondo e buscando forças, ele empurrou a porta com o pé equilibrando-se na escada, que foi fechada quase ao mesmo tempo em que os seguranças chegavam à área de serviço.

Esgotado e numa posição extremamente desconfortável, ele precisava descansar por alguns minutos...

12
QUINQUAGÉSIMO ANDAR

Quinze andares acima, João era levado por um saguão suntuoso. Ansiosíssimo, ele tentava evitar pensar no que poderia acontecer se encontrasse com o seu “eu” do futuro. À medida que se aproximava das salas daquele andar, ele relembrava das recomendações do Dr. Prattes, quando ouviu um rugido atrás de si.

– Então... esse é o filho da puta que se fez passar pelo sobrinho do chefe?! – João reconheceu imediatamente aquela voz. Quando tentou se virar na direção do som, recebeu uma pancada nas costas,o impacto de uma marretada. Desabou no chão, fora atingido violentamente por Milton.

– Essas são as minhas boas-vindas... Vamos, levante-se! Não temos todo tempo do mundo! – esbravejou Milton, enquanto esfregava o punho com satisfação.

– Tempo... Realmente é uma coisa que eu não tenho... – pensou João desolado.

Ainda tentava se recuperar do golpe e levantar-se, quando ouviu outra voz conhecida.

– QUE PORRA VOCÊ ACHA QUE TÁ FAZENDO SEU IMBECIL! – bradou York, vindo na direção deles, visivelmente surpreso com o estado físico de João. – Eu dei ordens para capturá-lo, não pra espancá-lo. Vamos! Traga-o imediatamente pra minha sala!

João viu no semblante de Milton o temor dele por York. Com um olhar furioso, ele deu os ombros e acatou a advertência. Enquanto era levado pelo corredor, João notou que naquele andar havia apenas duas salas, ambas ficavam no fim de um saguão totalmente revestido com mármore italiano. Algumas pinturas decoravam o lugar, complementadas por esculturas, numa decoração imponente e luxuosa.

No final do saguão, um ambiente onde deveria ser uma sala de espera, a preocupação em ostentar também era característica do lugar: várias obras de arte pelas paredes eram complementadas por um mobiliário funcional e confortável; em frente à entrada uma grande mesa que deveria pertencer à secretária da diretoria da empresa.

João deduziu que aquele andar também fora evacuado. Sentindo a pressão da mão de Milton no seu braço, foi forçado a entrar na sala da esquerda, que pertencia a York.

Ao entrar, João ficou tão espantado que por um momento não sentia o incômodo que Milton causava ao seu braço. A sala era enorme, um pouco menor que o laboratório de física, onde trabalhavam mais de vinte pesquisadores.

A luminosidade daquele ambiente tinha algo inebriante, a luz do sol entrava pela parede envidraçada, que praticamente dominava todo escritório, as persianas parcialmente abertas proporcionavam uma visão impressionante da Baía de Todos os Santos, com a Ilha de Itaparica ao fundo.

Na parede lateral, que dividia com a outra sala, uma estante imensa com livros que pareciam estar ali somente pelo efeito decorativo - estavam todos com aparência de que nunca foram abertos. No centro da sala, uma grande mesa de vidro.

De costas para a janela, uma imensa e confortável poltrona de couro marrom bastante acolchoada. Na outra lateral da sala, o que parecia ser a mesa de reuniões com terminais para vídeo conferência, com um sofá bem confortável ao fundo complementando o mobiliário, mantendo o padrão do edifício. Várias obras de arte emprestavam um clima sofisticado ao ambiente.

– Esse seria um dia perfeito, se não estivesse tão encrecado... – pensou João, admirado com a vista extraordinária da ponte pênsil sobre a Baía, emoldurada pelo Forte São Marcelo e o antigo quebra mar do porto de Salvador. O Sol de final da tarde oferecia um espetáculo maravilhoso, caminhando para o seu ocaso no mar.

Ciente da surpresa de João e posicionando-se ao lado da sua poltrona, York disse:

– Pode apreciar a vista à vontade... Ela é realmente fascinante. Acho que é por isso que eu gosto tanto do Brasil, pois vocês ainda mantêm esses paraísos. Sente-se, por favor, Sr. João... – continuou com o tom irônico, virando-se e indicando a poltrona para ele sentar. – Saiam todos... Você fica, Milton!

Após a saída dos outros seguranças, York saiu detrás da sua mesa e circulou ameaçadoramente ao redor de João, enquanto Milton o observava sentado numa das poltronas nas laterais do escritório.

– Então o garoto prodígio conseguiu... – disse, num sussuro sibilante. João continuava calado, o aperto no seu peito crescia enquanto ele observava a desenvoltura com que o executivo andava pela sala.

– Então você estava no laboratório de física? Na sala de Reinaldo... – rosnou. – É incrível como as pessoas são previsíveis. A única surpresa foi aquele cientista te ajudar...

– Ele não me ajudou! – tentou proteger Reinaldo.

– Você acha que eu sou um idiota?! – York virou a poltrona bruscamente, forçando João a encará-lo, e disse com um sorriso estranho no rosto: – Eu sei de tudo o que aconteceu!

João se sentia isolado, incapaz de levantar e partir para cima de York. No seu peito uma fúria crescia.

– Fui enganado... – no seu íntimo ele lembrava das palavras de Reinaldo, das provas que ele apresentou. – Esse sacana do York, ele é o responsável por tudo isso... – tentava se convencer.

Tudo que Reinaldo disse sobre as suas suspeitas vinham à tona. A solidão era

indescritível, não poder confiar nem em si mesmo era uma coisa muito esquisita. Aquilo causava um mal-estar tremendo, o deixava completamente nauseado.

– Eu quero falar com o seu chefe! – ordenou João, relutante.

– Tem certeza que quer mesmo falar com o “meu” chefe?! – perguntou York, curvando-se sobre a poltrona ficando cara a cara com ele. – Você sabe o que pode acontecer se você encontrar o “meu” chefe...

A respiração dele exalava um cheiro forte de tabaco . Àquela distância era possível perceber os poros da face dura de York. Naquele momento, João percebeu que tinha sido vergonhosamente manipulado, nada do que aconteceu tinha sido coincidência, não adiantava tentar disfarçar, York sabia exatamente o que estava acontecendo, ele tinha o total controle da situação.

– Eu sabia que você conseguiria... Afinal de contas, você, pra mim, é história! – afirmou York, com uma segurança desconcertante. – Eu estava preparado para sua chegada!

* * *

Reinaldo já não sabia quanto tempo estava ali parado se refazendo do susto; aquela experiência mexeu muito com ele.

Não tinha noção de quando ia parar de tremer e tomar alguma atitude...

“Aqueles caras tentaram me matar... ninguém faz isso comigo e sai impune...”

Ele nunca foi de deixar um amigo na mão, era uma tradição de familia, seu pai sempre ensinou que a lealdade é a maior das qualidades. Além disso, alguém tinha que pagar por todo aquele sofrimento.

“Não adianta ficar aqui pensando na merda em que me meti... Agora não tem mais volta, tenho que ir até o final!”. A garganta apertou, ele focou toda a atenção em se equilibrar naquela escada frágil e escorregadia, tentou abstrair o risco e iniciou a subida.

O progresso era propositalmente lento, avançava degrau a degrau com extrema precaução. Naquele calor infernal, um filete de sangue ainda escorria do seu nariz, mas aquela não era a sua única preocupação. A todo momento, o

elevador que ainda estava ativo subia e descia criando um vácuo dentro do fosso, aumentando vertiginosamente o risco.

Concentrando-se apenas na escada, ele subia sem olhar para baixo, não tinha a mínima ideia de onde iria parar, queria apenas sair daquele buraco horrível e perigoso. A cada degrau o seu corpo pedia descanso, a exaustão cobrava a sua conta, os braços e as pernas tremiam a cada movimento, a escada escorregadia o fazia avançar lentamente, um escorregão poderia ser fatal.

Depois de momentos excruciantes, Reinaldo chegou ao fim da escada que terminava numa plataforma sobre o fosso. Ele estava na casa das máquinas dos elevadores, no topo do prédio.

– Finalmente um lugar seguro...

O corpo gritava por descanso. Com grande dificuldade, ele conseguiu abrir a grade que separava a escada da plataforma do fosso dos elevadores. Praticamente rastejando, ele se jogou exausto para o piso que se projetava sobre o fosso profundo. Com um gemido doloroso, ele deitou-se de costas na plataforma com o piso gradeado abaixo de si, finalmente entregando-se ao cansaço.

Ainda sem fôlego, ele se virou na plataforma, e nesse momento percebeu a real extensão do perigo que correra. A grade abaixo de si lhe dava uma visão clara da profundidade do fosso e a fragilidade da escada que subiu. A grade de proteção lacrava toda extensão do fosso, de pé ele olhava para baixo com a vertigem crescendo dentro do seu peito. O buraco tinha uns 220 metros de profundidade, as lâmpadas fracas desciam em linha reta até o térreo, que àquela altura parecia um ponto remoto quase que inatingível. Embaixo de si a única coisa que o separava daquele buraco infernal era o arame entrelaçado que servia como piso.

Assustado, ele pulou rapidamente para fora da plataforma, e ao lado do buraco olhou novamente e constatou a sorte que teve. Caso todos os elevadores estivessem funcionando, não haveria a mínima condição de ele subir. Ou seria esmagado ou derrubado pelas correntes de ar geradas pela movimentação das

cabines.

– Odeio altura! – praguejou enquanto se afastava da plataforma.

* * *

Um pensamento recorrente inundava a mente de João, tinha sido descaradamente manipulado. Ele não conseguia compreender o que o Dr. Ventura ganharia com aquela situação. A mulher da sua vida morta, o seu melhor amigo e mentor morto, aquela situação que poderia causar um paradoxo temporal... Um possível encontro entre ele e o seu outro do futuro ia de encontro às leis da física, e na melhor das hipóteses, seria o fim dele e do Dr. Ventura.

O risco desse encontro já havia sido tema de inúmeras hipóteses científicas, e em todas o resultado seria catastrófico. O universo conhecido não suportaria que o mesmo ser, caso fosse separado em dois ou mais, se encontrassem no mesmo espaço-tempo.

Bastante perturbado, com um turbilhão de dúvidas, João perguntou:

– O que você está ganhando com isso?

– O quê? Olhe ao seu redor... – respondeu York, com um sorriso cínico. – Dinheiro, poder... O que mais poderia ser? Poder, riqueza, é isso que movimenta o mundo! Você ainda é jovem, mas, como está vendo... Logo, logo, saberá do que estou falando! – afirmou com os olhos negros fixos nos de João.

O tom usado por York fez o sangue de João ferver.

– Não! Eu não sou ganancioso como você! – ele saltou sobre York.

Rapidamente Milton o conteve com facilidade.

– Você matou os meus amigos! Seu filho da puta! Eu vou te impedir, você não vai escapar...

João lutava para escapar das garras firmes de Milton, que o segurava com um prazer indisfarçável.

A explosão súbita de raiva dava vazão a um sentimento de repulsa que João sempre teve em relação àquele homem. De alguma forma sempre soube que ele não valia um centavo e naquele momento todas as suas suspeitas estavam confirmadas.

Afastando-se a uma distância segura, limpando o paletó onde João o tocou e com uma feição enojada, York continuou:

– Eu?! Tem certeza que fui eu quem matou os seus amigos?! – perguntou com um sorriso malicioso. – Você matou os seus amigos! – afirmou, aproximando-se de forma ameaçadora com o indicador em riste. – VOCÊ OS MATOU, SEU HIPÓCRITA MENTIROSO! Os matou por isto que você está vendo! – vociferava, mostrando a imensa sala em que estavam, apontando para a cidade como se ela pertencesse a João. – Você os matou por poder, por riqueza... Você me mandou lá pra assegurar de que nada desse errado! Pra que você pudesse ficar rico! Pra você criar esse império!!

– É MENTIRA! EU NUNCA FARIA ISSO, EU AMAVA OS MEUS AMIGOS! – esbravejou João, com as pupilas dilatadas de ódio, tentando levantar-se enquanto era segurado por Milton.

– AMAVA?! – os olhos de York, demonstravam o imenso prazer que sentia em torturar João.

– EU OS AMO! Eu nunca faria uma coisa dessas, isso tudo é armação sua! – tentava acreditar nas próprias palavras. –Você apareceu do nada, com aquele papo de financiar o projeto, arrumando dinheiro por milagre... Você já tinha tudo armado!

– Como eu poderia saber do projeto?! Em 2011 eu ainda era um moleque... Como poderia saber que existia uma máquina do tempo?! E você deve ter reparado que eu continuo em forma apesar desses trinta anos... –York passou as mãos no rosto, sorrindo diabolicamente.

– Então você confirma que a máquina foi aperfeiçoada?! – perguntou João transtornado.

– Claro que sim... E sei no que você está pensando... Não adianta! Não deixarei você estragar o meu futuro! – York se aproximou dele. – Basta eu te manter aqui até acabar o seu tempo e “puff” – estalou os dedos –, você desaparece, volta pro passado e não se lembrará de nada, e o “nosso” futuro estará garantido! – concluiu com um esgar diabólico.

13
REENCONTRO

No terraço, Reinaldo tentava se recompor.Coberto de fuligem e graxa, com o rosto inchado, estava irreconhecível. O esgotamento causado pela longa subida deixou suas pernas e braços ardendo de exaustão. Os músculos continuavam travados pelo esforço e pela tensão de subir vários andares numa pequena escada de aço sem nenhum equipamento de segurança. Procurando se alongar para aliviar as dores, ele tentava se concentrar em como sair dali.

Padecendo com a resposta do seu corpo aos últimos acontecimentos, conferiu detalhadamente aquele lugar.

– Com o inferno que se transformou este prédio, quem estaria na casa de máquinas dos elevadores? – pensou enquanto caminhava com dificuldade naquela oficina mal-iluminada.

Se dirigiu até a porta de saída.

Trancada por fora.

Procurando não se deixar esmorecer, explorou um pouco mais e localizou uma caixa de ferramentas encostada numa das laterais da sala. Derramou todo o conteúdo dela no chão sem se preocupar com o barulho. Entre outras coisas, encontrou um pé-de-cabra que serviria perfeitamente.

Forçou a fechadura com vigor, e sem muito esforço a porta cedeu. Por uma pequena fresta se colocou a observar o que acontecia do lado de fora, e o vento forte que entrou pela abertura confirmou que estava no terraço do prédio.

Com o coração acelerado, colocou a cabeça para fora da oficina. Cuidadosamente, verificou se havia mais alguém além dele por ali.

Estava sozinho.

Empunhou o pé-de-cabra e saiu. A adrenalina o deixou completamente ouriçado, todos os sentidos estavam em alerta, e com os punhos travados no aço da sua nova arma, ele confirmou que estava realmente sozinho.

Deduziu que estava no lado oposto da entrada do prédio. A brisa forte que lhe acariciava a face proporcionava uma sensação de alívio, em comparação ao ambiente infernal do fosso do elevador.

O terraço era imenso, a uns dois metros à sua frente o guarda-corpo beirava o precipício. A saída da casa de máquinas se encontrava exatamente no meio da cobertura do prédio. Sobre a sua cabeça a grade de proteção do heliponto com uma das balizas de sinalização para a aeronave. A grade se prolongava até o extremo esquerdo, por mais 40 metros. No outro extremo, quase com a mesma medida, ficavam as bases com as antenas e saídas de ar-condicionados, posicionados abaixo da altura do heliponto.

Impressionado com dimensão daquela cobertura, Reinaldo optou em seguir pela esquerda por baixo da grade do heliponto. Com passos rápidos, tentando não fazer barulho, chegou ao extremo do terraço. Com extrema cautela, encostou as costas na parede e espreitou pela quina da parede discretamente.

Ninguém.

Mantendo a precaução, seguiu rente à parede até uma escada localizada exatamente no meio do caminho até o outro extremo. Aquela era um dos acessos laterais ao heliponto, o ponto mais alto do edifício.

Por alguns momentos ele hesitou em subir.

A necessidade falou mais alto.

Se esgueirou degrau a degrau tentando se concentrar e não olhar para trás, e mesmo com o corrimão, a sensação de segurança do guarda-corpo do terraço era anulada pela subida da escada, causando uma impressão de que não havia nada entre ele e o vazio, potencializando a vertigem que começava a dominá-lo.

Praticamente de quatro, chegou à base do heliponto. De forma precavida, segurando no corrimão e com o pé-de-cabra em riste, viu aquela que deveria ser

a maior área de pouso privada da cidade. O espaço era sinalizado para pelo menos duas aeronaves e poderia ser facilmente utilizado como um campo de futebol society.

De onde estava não via nenhum muro ou grade de proteção. A sensação era de que aquele espaço flutuava no vazio, a imensidão da plataforma junto com a sensação de vertigem causava nele uma agonia insuportável.

A vontade de Reinaldo era voltar, descer a escadaria e retornar para a segurança do guarda corpo. Mas aquilo não era opção, pelo heliponto ele poderia se deslocar mais rápido e verificar melhor todo o terraço.

Tentando resistir ao pavor que tentava dominá-lo, ele prosseguiu para a plataforma, se deslocou controlando a sensação ilusória de tontura que o acometia até quase no centro do heliponto, quando parou para tomar fôlego e contemplar a vista daquele lugar. Não fosse a agonia que sentia, poderia até curtir o que via.

A vista de 360 graus era magnífica. De frente para o mar, se deslumbrava um panorama extraordinário, a Baía de Todos os Santos mais azul que nunca, cortada pela imensa ponte pênsil, com as lanchas brancas e seus rastros também brancos que desenhavam um balé maravilhoso emoldurado pela Ilha de Itaparica e pelo Recôncavo Baiano mais ao sul. Na mesma linha de observação se destacava a Colina Sagrada com a imponente Igreja do Nosso Senhor do Bonfim, na facilmente visível Península Itapagipana, com o casario antigo e a Enseada dos Tainheiros ao fundo, com os seus saveiros ancorados.

Seguindo com o giro de observação, se avistava o local exato onde subia o morro que divisava Salvador em cidade baixa e cidade alta, que começava no bairro da Liberdade. Na altura de Água de Meninos, se enxergava o Forte do Santo Antonio Além do Carmo, construído no século XVII no topo do aclive íngreme, que seguia passando pelo Centro Histórico da cidade até sumir na ribanceira do Corredor da Vitória, com os seus arranha-ceús desafiando a aparente fragilidade da encosta que terminava no mar calmo. Por fim, se avistava a saída da baía com a ponta norte de Itaparica divisando a entrada em mar

aberto.

Aquela visão era arrebatadora. Por alguns segundos ele conseguiu esquecer a ânsia que o acometia e a aflição das últimas horas.

Saindo do transe, Reinaldo esquadrinhou o local e viu o que parecia a saída principal do heliponto. Além da escada onde subiu havia mais uma que dava acesso à entrada do prédio, do lado oposto à saída da sala de máquinas.

O piso metálico do heliponto era suspenso acima da laje do terraço, feito com placas gradeadas de aço com pequenos furos que deixavam transparecer o vão entre a alvenaria e a plataforma. Aquela construção acima do terraço com borda infinita potencializava a sensação de vertigem, forçando-o a eventualmente se deslocar curvado para diminuir o mal-estar.

– Odeio altura... – praguejava enquanto atravessava a plataforma em direção à saída principal do heliponto.

À medida que se aproximava da borda, aumentava a sensação de vertigem. Reinaldo prosseguia curvado tentando diminuir a agonia e por precaução, para não ser visto por um eventual observador. Quanto mais perto da escada, mais agachado ficava. Até que avistou a entrada do prédio.

Rapidamente deitou-se na plataforma e rastejou nos metros finais até conseguir uma visão ampla da entrada.

Confirmando o seu temor, a entrada era guardada por dois seguranças, que, para sua sorte, estavam mais interessados em conversar do que propriamente montar guarda na área. Depois de observar cuidadosamente, Reinaldo regrediu até uma distância segura e repetiu o expediente nas outras extremidades do heliponto e constatou que não havia mais ninguém no terraço, além dele e os seguranças da entrada.

Ainda na plataforma, Reinaldo procurou outro jeito de entrar no prédio e se certificou que a única forma era pela entrada que se encontrava fortemente vigiada.

Incomodado por estar num local aberto e sem nenhuma possibilidade de esconder-se, ele voltou rapidamente para escada por onde subiu.

De volta ao terraço, se esgueirou pela parede daquela extremidade até chegar à quina que dava para a entrada do prédio. Mais uma vez constatou que os seguranças continuavam da mesma forma que vira antes.

Com a mão direita suada ele apertou o pé-de-cabra, imaginando qual seria a sua chance contra dois guardas armados e altamente treinados.

Enquanto tentava encontrar um meio de entrar no prédio, ele escutou o barulho de um helicóptero se aproximando. Rapidamente foi até a outra extremidade do terraço e viu que a aeronave se aproximava do prédio.

Aflito, saiu do campo de visão dos ocupantes e observou até que ela sumiu da sua vista com o ruído intenso dos rotores. A nuvem de poeira e o baque na plataforma acima de si revelo que o helicóptero havia pousado.

De forma bastante cautelosa, Reinaldo prendeu o pé-de-cabra no cinto e subiu engatinhando degrau a degrau, até conseguir visualizar o que acontecia lá em cima. O ângulo de visão não era dos melhores, a distância e a posição do helicóptero atrapalhavam muito a observação. Aproximar-se pela plataforma seria impossível. Recuando alguns degraus, ele reparou que o vão entre a plataforma e a laje do terraço poderia servir para uma aproximação furtiva por baixo do helicóptero.

Recuando um pouco mais, pulou o corrimão segurando firme na escada. Conseguiu alcançar o batente do terraço e, com a ajuda de uma das hastes das ferragens de suporte, se impulsionou para baixo da plataforma.

Os pilares de metal abaixo do piso do heliponto serviam para ocultá-lo. Com uma altura máxima de um metro e meio, o emaranhado de tubos de ferro era um circuito de obstáculos; a única forma de se deslocar até o ponto de pouso seria rastejando.

Com dificuldade, ele evoluiu até o local exatamente abaixo do helicóptero. Acima dele, o gradio e as ferragens o mantinha encoberto.

Com o helicóptero pousado exatamente acima de si, Reinaldo observou por entre as ferragens o Dr. Ventura descer da aeronave e ditar ordens para o piloto. Não conseguiu escutar por causa do barulho ensurdecedor. Logo atrás dele, mais

dois seguranças particulares bem equipados e armados também desembarcaram.

Ele seguiu o grupo com o olhar através das grades do piso. Ao chegar ao topo da escada principal, um dos seguranças se adiantou e desceu antes, o Dr. Ventura seguia logo atrás, acompanhado do outro guarda. Reinaldo rastejou até conseguir uma boa visão da entrada do prédio, ainda conseguiu ver o Dr. Ventura instruir algo para os guardas ali posicionados e sumir dentro do edifício com os outros seguranças.

Reinaldo ficou observando os seguranças enquanto refletia preocupado: “Eu preciso entrar! Se aqueles dois se encontrarem não sei o que poderá acontecer... Com esses dois brutamontes vigiando a entrada vai ser bem complicado...”

Sem mais o que fazer, rastejou de volta para baixo do helicóptero, onde ficava fora do ângulo de visão dos guardas da entrada. O helicóptero ainda não estava completamente desligado, e as hélices ainda não estavam paradas, quando o piloto desceu exatamente sobre onde Reinaldo estava. Ainda preocupado com os procedimentos de pouso checou os rotores e, depois da parada total das hélices, seguiu para a entrada do prédio, onde estavam os seguranças.

Com o olhar, Reinaldo acompanhou os passos do piloto até ele sair do seu campo de visão e descer pelas escadas.

– Preciso entrar no prédio... – pensava enquanto rastejava de volta para a outra lateral da plataforma.

* * *

Com um sorriso cínico, sentado confortavelmente na sua poltrona de costas para a Baía de Todos os Santos, York continuava a vigiar João quando o seu telefone tocou.

– Ok. Estou indo... – atendeu olhando maliciosamente para João. – Como é incrível a ciência...! Acabei de falar com você ao telefone... – e debruçando-se sobre a mesa, York continuou: – Sabe o que é mais interessante...? Você é o responsável por tudo isso, foi você quem viabilizou a máquina com o seu capacete especial e, principalmente, mostrou o caminho com o teste de hoje. Tenho que ir, o dever me chama... – se retirou com um risinho ardiloso.

Visivelmente desconfortável, João acompanhou York se dirigir até a porta e sumir no saguão lá fora. Milton, totalmente afundado no sofá lateral, não escondia o prazer que sentia com aquela situação.

Desesperadamente, João pensava em como sair daquele pesadelo, e para piorar, na sua mente martelavam as palavras do Dr. Prattes sobre o possível encontro com o seu outro do futuro. Estava claro que o Dr. Ventura estava na outra sala.

O que aconteceria se ele entrasse ali, naquele momento?

Em meio ao pânico, ele raciocinava: “Será que o encontro entre nós seria a catástrofe prevista pelo Dr. Prattes? De alguma forma, o outro também deveria temer o que aconteceria, ele poderia ter vindo direto pra cá... Por que mais evitaria esse encontro?”. Não conseguia parar de pensar no efeito que esse encontro poderia causar.

Sem alternativa, virou-se para Milton na esperança de convencê-lo:

– Milton, você sabe o que pode acontecer se eu me encontrar com o seu chefe? – tentava argumentar. – Pode acontecer um paradoxo temporal e acabar com tudo o que conhecemos! A reação em cadeia pode destruir a cidade... Você pode evitar isso! – tentava desesperadamente chamar a atenção do chefe de segurança, que continuava impávido sem mexer um dedo, com os olhos fixos nele sem demonstrar nenhuma emoção.

– Você tem filhos?! Pense neles... Se isso acontecer, não existirá mais nada... Sua família desaparecerá!

* * *

No terraço, enquanto se contorcia debaixo do heliponto, Reinaldo pensava alucinadamente em quais eram as suas opções.

Nenhuma.

Agachado ainda sobre o terraço, ao lado da escada lateral, ele era a imagem da desolação. Não tinha como sair daquela enrascada, não teria a mínima condição de passar pelos guardas da entrada do prédio; sem contar os outros, que deviam estar no último andar.

Ironicamente, todo aquele esforço era por um homem que ele tinha ojeriza. Além disso, de alguma forma ele sentia que o tempo que João tinha também era o seu limite, e caso não conseguisse encontrá-lo nesse período, nunca mais teria uma oportunidade como aquela. A presença do João do passado era a prova cabal da existência da máquina do tempo. Sem ele, o Dr. Ventura simplesmente negaria o fato e Reinaldo seria desacreditado publicamente, como vários outros físicos antes dele.

Enquanto refletia em como sair daquela enrascada, Reinaldo viu um dos seguranças dobrar a extremidade do terraço, se dirigindo em sua direção, aparentemente fazendo uma ronda.

Encoberto pela escada e acima do ângulo de visão do guarda, Reinaldo recuou um pouco mais e o acompanhou por cima da laje, tomando cuidado para não ser notado. Istintivamente, tocou no pé-de-cabra que carregava na cintura preso ao cinto.

As opções ficaram claras em sua mente.

Ele não poderia ficar escondido indefinidamente. De um jeito ou de outro seria encontrado e tinha certeza que não seria poupado. As coisas que viu e ouviu nas últimas horas eram muito graves, a única forma de continuar no jogo seria encontrando João.

O segurança já havia passado por baixo de onde ele estava, mais um pouco e ele estaria do outro lado do terraço, o mais longe dos outros que poderia estar. Outra chance como aquela não surgiria mais.

Assim que o guarda dobrou o outro extremo do terraço, Reinaldo desceu da plataforma com a mente em turbilhão, retirou o pé-de-cabra do cinto e o empunhou como se fosse um taco de basebol. Correu pela lateral até chegar ao limite daquele lado e, com cuidado, olhou pela quina da parede, constatando que o segurança já tinha adiantado bastante o passo.

Acontecesse o que acontecesse, aquele era o melhor momento. Caso o guarda conseguisse chegar ao outro extremo, não haveria mais o que fazer. Reinaldo continuou observando o guarda andando displicentemente. Se corresse

até ele seria como se entregar de bandeja. Mesmo com o vento intenso, o barulho dos seus passos e a distância iriam denunciá-lo, e ele não seria páreo para um segurança armado.

Sem saber ao certo o que fazer, Reinaldo hesitava. A mão direita apertava o pé-de-cabra com tal força que as veias do antebraço pulsavam intensamente. Ele percebeu que o segurança parou de repente e virou-se para direita. Rapidamente recuou a cabeça para sair do ângulo de visão do guarda, mantendo-se encoberto. Transpirando de tensão, ele se obrigou a olhar novamente para ver o que estava acontecendo.

De esguelha, Reinaldo tornou a observar o guarda e viu que a porta aberta da sala de máquinas o denunciara. Aquela porta deveria estar fechada e sempre trancada. Viu também o segurança se curvar para avaliar melhor a fechadura, e pela careta que fez, constatou que a porta havia sido arrombada. Imediatamente o guarda sacou a pistola e empurrou a porta cuidadosamente. À medida que abria, ele sumia na sala empunhando a arma, extremamente concentrado.

“Agora fodeu! Quando ele der o alerta isso aqui vai virar um inferno...”, pensou Reinaldo. Sem pestanejar, saiu correndo do seu esconderijo e se dirigiu rapidamente para a sala de máquinas. “A melhor defesa é o ataque...”, tentava se convencer.

Com passos leves e o pé-de-cabra em posição ofensiva, seguiu preparado para o tudo ou nada!

No mesmo momento em que Reinaldo chegou à sala de máquinas, o segurança ia saindo pela porta. A surpresa de encontrá-lo fez o guarda hesitar por um momento. Com a adrenalina em alta, Reinaldo imediatamente desferiu um violento golpe no pulso direito do segurança. A intensidade do impacto do aço contra osso foi tão grande que quebrou o pulso dele na hora, forçando-o a largar a arma.

– UUURRRRRRGHHHH! VOCÊ QUEBROU MEU BRAÇO! – urrou de dor se contorcendo, segurando o pulso com a outra mão e com os olhos voltados para Reinaldo, ardendo em fúria. Ato contínuo, Reinaldo desferiu outro golpe

fulminante contra o maxilar do segurança, que caiu desacordado.

Com o coração acelerado, Reinaldo largou o pé-de-cabra no chão sem acreditar no que tinha acabado de fazer. Por um segundo, ele olhou para as palmas das mãos suadas, incrédulo.

A arma do segurança estava aos seus pés, aquilo o lembrou do que aconteceria caso não tivesse feito o que fez.

Rapidamente a pegou e com a outra mão verificou o pulso do guarda. Antes que pudesse se sentir aliviado, ouviu o rádio do segurança:

– QSL... Estou à caminho, confirme alteração... QSM... QSM... – ele havia acionado o colega. – QSM... Repita mensagem... QSM... – Reinaldo entrou em pânico, o guarda do outro lado repetia ofegante. – QSM... QSM...!

Ele estava correndo, com certeza se dirigindo para a sala de máquinas.

– Merda! Merda! – praguejava Reinaldo.

Obrigado a agir rapidamente, ele arrastou o segurança para dentro da sala de máquinas. Sem conseguir pensar em nada, deixou o guarda ao lado algumas latas de graxa. Quando retornava para fechar a porta, ouviu passos do lado de fora, e no mesmo instante em que o outro segurança e o piloto surgiram na moldura da porta, Reinaldo se projetou para o lado, saindo do campo de visão deles.

A claridade do final da tarde combinada com a penumbra do lugar ofuscaram a visão dos seguranças, dando o tempo exato para Reinaldo se esconder atrás da porta escancarada. Pela sombra projetada na sala, Reinaldo observava a movimentação do segundo segurança, que hesitou por alguns instantes antes de avançar com a arma em punho. Em alerta total, Reinaldo sentia a adrenalina fazer o seu sangue ferver. Concentrando-se ao máximo para não entrar em pânico, ele olhava para a pistola que estava na sua mão; mesmo se soubesse usá-la, não seria páreo para dois caras treinados.

O outro segurança mal piscava, e com um autocontrole assustador, ele avançou para dentro da sala de máquinas. Para Reinaldo, o fator surpresa havia sido perdido, o único jeito seria atacar novamente antes que fosse encontrado. Nesse instante, o guarda localizou o colega desacordado e quase que

instantaneamente ele engatilhou a pistola. Sem opção, Reinaldo gritou:

– SOLTE A ARMA! – o guarda virou bruscamente com a clara intenção de atirar, mas imediatamente Reinaldo apertou o gatilho e revidou.

A bala entrou no braço esquerdo do guarda despedaçando o úmero. Por reflexo ele ainda disparou um tiro, que para sorte de Reinaldo acertou a parede bem longe dele.

A pólvora e a fumaça deixou o ambiente com um cheiro estranho. Sem pestanejar, Reinaldo avançou para cima do segurança, encostando a arma no seu peito, gritando:

– SOLTE A ARMA AGORA, PORRA! – não precisava mandar, o impacto do tiro e a dor lancinante que o guarda estava sentindo já o haviam feito soltar a arma.

O piloto estava deitado no outro lado da sala com as mãos na cabeça tremendo de medo.

Com os pés, Reinaldo trouxe a arma pra si. O segurança segurava o braço sangrando e gemia de dor.

– EI, VOCÊ! – Reinaldo gritou para o piloto. – VENHA AQUI RÁPIDO!

Apavorado, o piloto obedeceu imediatamente.

– É melhor não tentar nada! – esbravejou Reinaldo tremendo de nervosismo.

O piloto estava prestes a entrar em pânico.

Reinaldo, muito ofegante, colocou-se a uma distância segura deles ainda sem acreditar no que tinha acabado de fazer. Ele nunca havia atirado antes, muito menos em alguém!

Com a adrenalina a mil, foi até a porta ver se mais alguém aparecia. Por alguns minutos, observou o terraço sem perdê-los de vista. Convencido de que somente eles estavam no terraço, Reinaldo disse ameaçadoramente:

– Imobilize os dois guardas! – ordenou para o piloto. – Pegue as algemas deles e os prendam juntos naquela pilastra... –mostrou onde o piloto deveria algemá-los.

Mesmo com a dor intensa, os olhos do segundo segurança faiscavam de ódio.

Sob a mira da pistola, o piloto arrastou o dois seguranças para onde ele mandara e os algemou na pilastra. Depois disso, foi forçado a retirar os rádios e todos os equipamentos dos seguranças e a se algemar numa outra pilastra.

A adrenalina ainda inundava o organismo de Reinaldo quando ele saiu da sala de máquinas e encostou-se na porta fechada.

– Meu Deus... Que loucura, eu quase matei dois caras! – ofegava, olhando para as duas armas que agora tinha nas mãos.

Antes de prosseguir, ele descartou os equipamentos dos seguranças e manteve em seu poder um dos rádios para monitorar a comunicação deles.

– Esses caras estão muito bem equipados... – pensava enquanto colocava uma das armas na cintura.

Com a outra arma em punho, ele seguiu com cuidado até a entrada do prédio, que, conforme previsto, estava vazia.

Delicadamente, abriu a porta de acesso. Com uma das mãos a empurrou enquanto verificava se na escada havia algum outro segurança. Mesmo com a adrenalina ainda pulsante, o nariz inchado voltou a incomodar, e a dor era um lembrete de que deveria ficar alerta.

Com uma intensa sensação de desconforto, Reinaldo confirmou que não havia mais nenhum segurança no local e, cuidadosamente, entrou no prédio. Incomodado por um silêncio sepulcral, ele desceu degrau a degrau, tomando extremo cuidado para não fazer nenhum ruído. A cada passo, seu coração acelerava ainda mais. Mesmo armado, ele sabia que não daria conta dos seguranças do prédio. O sangue bombeado pelo coração disparado fazia o seu rosto latejar, aumentando a dor no nariz, lembrando-o da sua desvantagem.

Sem dificuldade, conseguiu chegar à entrada do último andar. Ele posicionou-se de forma a abrir uma fresta na porta e visualizar o saguão.Torcendo para não ter ninguém do outro lado, ele delicadamente destravou a maçaneta e puxou vagarosamente a porta. A imagem de um guarda do outro lado o fazia tremer de nervoso, mas ele tinha que arriscar. Lentamente, ia visualizando o que se passava no saguão, e para sua sorte não havia ninguém

vigiando aquela porta. Porém, o andar estava muito bem guarnecido - havia pelo menos seis seguranças no local.

Durante tensos segundos ele constatou que os seguranças particulares do Dr. Ventura se juntaram aos outros que já deveriam estar ali. Em meio aos outros ele localizou o homem que tinha quebrado seu nariz e que havia tentado matá-lo. Controlando a sua raiva, ele fechou a porta.

– Esses miseráveis estão em toda parte! Como eu vou passar por esses caras?! – esbravejou enquanto escorregava pela parede, sentando-se no chão desanimado.

14
O RESGATE

João não sabia se estava tão tenso com a hipótese de se encontrar com o Dr. Ventura ou com a possibilidade de realmente acontecer um paradoxo temporal. O fato é ele continuava sem alternativa. Sua situação era muito delicada, ele estava literalmente numa frigideira; se saísse, cairia no fogo. Na sua mente, essa era a melhor analogia que conseguia encontrar para explicar a sua situação.

Milton continuava a vigiá-lo de forma implacável, não havia nada o que fazer, a não ser aguardar o seu destino.

João olhava para o relógio compulsivamente, agora restavam apenas duas horas.

“Não lembrar nada e ver as pessoas que eu amo desaparecerem...”, cogitava desanimado. “Não posso deixar isso acontecer, tem que haver um jeito!”, tentava achar uma saída. “Como vou sair daqui com esse brutamonte me vigiando?”

Milton continuava sentado à sua frente, observando-o sem esboçar nenhuma reação. O seu rosto frio parecia desprovido de emoção, seus olhos pareciam dois buracos negros fixos em João.

O condicionamento mental do chefe de segurança era impressionante, ele não emitia nenhum som, e aparentemente não havia mudado de posição desde que York saiu da sala; até a respiração dele não era notada. Todo aquele jogo de cena parecia proposital no intuito de intimidar.

– Eu preciso beber algo. Estou com muita sede, não bebi nada desde que cheguei aqui! – lamentou-se João.

– Vai continuar com sede... – resmungou Milton movendo somente a

mandíbula descomunal.

– Você tem certeza de que vai me deixar sedento?! Lembre-se de quem é o seu chefe... Lembre-se do que ouviu aqui dentro. – esbravejou João realmente irritado. – O que será que o “Dr. Ventura” vai achar quando souber que você me negou um copo com água...

Por um momento, o rosto insensível de Milton pareceu sair do torpor, os seus olhos demonstraram que realmente ele estava considerando a possibilidade de vir a ter algum tipo de problema caso não atendesse aquele pedido.

– Ali, naquele móvel atrás da poltrona, você vai achar algo para matar a sua sede... – apontou com desdém para um pequeno móvel ao lado da mesa de York.

João levantou-se e se dirigiu para o local indicado, sendo observado com bastante atenção por Milton. Quando abriu a porta do móvel, João constatou que se tratava de uma geladeira e que além de algumas garrafas de água mineral havia também outros tipos de bebida e alguns petiscos.

Sem muita pressa, ele pegou uma das garrafas, a abriu, colocou o seu conteúdo em um dos copos que se encontravam numa bandeja acima do móvel e começou a beber vagarosamente, sem conseguir parar de pensar na encrenca em que estava. Enquanto bebia a água, via o reflexo de Milton pelo vidro da grande janela à sua frente, sentado na sua poltrona observando-o como um cão de guarda obediente.

A visão do mar através daquela janela trouxe à tona a lembrança de Beatriz. Se lembrou da última noite em que ficaram juntos, do tempo que perderam para se entregarem à paixão. Lembrou-se dos planos que fizeram juntos, planos que jamais iriam se concretizar...

A lembrança fazia crescer em seu peito uma fúria incontrolável, a dor de pensar na vida que ele jamais teria, na felicidade que escorria por entre os dedos de suas mãos, que se afastava a cada minuto que contava no seu cronômetro, o imenso sentimento de perda se tornava palpável... O que mais poderia perder? Já tinha perdido as pessoas que amava, perdeu o caráter, não restava mais nada. No seu íntimo sentiu um vazio profundo...

Desconfiado com aquela demora, Milton levantou-se e veio em sua direção com a mão sobre a sua arma. João viu sua aproximação pelo reflexo na janela e instintivamente segurou com firmeza a garrafa de água, que era de vidro e se encaixava perfeitamente ao seu punho.

Quando Milton estava exatamente atrás dele, João virou-se rapidamente e usando o impulso do corpo desferiu um murro com a garrafa perfeitamente ajustada, como se fosse um soco inglês. O golpe encaixou perfeitamente, atingindo em cheio o queixo, desequilibrando-o e fazendo-o cair por cima do aparador de vidro ao lado, que não aguentando o peso e se despedaçou com o impacto.

No chão rodeado de cacos e com os braços sangrando devido aos estilhaços, Milton, atordoado, sacou arma meio cambaleante resultado do soco. Apesar da dor intensa na mão que o acertou, João aproveitou-se da situação do seu adversário e chutou a mão que estava com arma, tirando-a dele. Mesmo estonteado, Milton conseguiu puxar a perna de João, derrubando-o também.

João caiu por cima da poltrona que ficava em frente à mesa de York, que pendeu para o lado e virou junto com ele. Com o sangue escorrendo pelo lado da boca, Milton levantou-se que nem uma besta enfurecida procurando por sua arma. João também se levantou rapidamente buscando algo para se defender.

Sabia que não seria páreo para o segurança, então, instintivamente, pegou uma escultura de bronze que estava por perto e se posicionou aguardando o ataque.

Com a língua, Milton limpava os lábios molhados de sangue, constatando que perdera um dente com o golpe. Com os olhos vermelhos de ódio fixos em João, ele urrou:

– EU NÃO PRECISO DE UMA ARMA PRA ACABAR COM VOCÊ, SEU FILHO DA PUTA! VOU FAZER VOCÊ SENTIR O GOSTO DE SANGUE TAMBÉM! – avançou como uma jamanta descontrolada contra João.

Com suas mãos grandes e firmes, Milton agarrou João e o jogou com grande facilidade para o outro lado da sala, que caiu pesadamente sobre uma das

estantes, despencando junto com ela, com diversos livros e objetos de decoração sobre ele.

Nesse instante, na porta da sala surgiram alguns guardas, que, alertados pelo barulho, foram verificar o que estava acontecendo.

João estava caído em um canto da sala, e no outro extremo Milton, com a camisa ensanguentada, avançava em sua direção com os punhos fechados e os olhos faiscando de ódio. Quando viu os homens entrar na sala ele rugiu:

– ELE É MEU! NÃO SE METAM! – ordenou enquanto aproximava-se ameaçadoramente de João.

Tentando se recompor, João arremessou a escultura de bronze que ainda segurava contra Milton, que sem ter como se esquivar sentiu a escultura acertar a sua fronte direita, abrindo mais uma ferida. Aproveitando-se do lapso de tempo ganho com o golpe, João levantou-se com dificuldade e se preparou para a luta.

Insandecido, Milton foi para cima dele e com as costas do punho direito acertou um poderoso golpe no seu rosto, projetando João por cima do mobiliário, quebrando inúmeras peças decorativas de cristal e derrubando no chão várias outras esculturas.

Caído, com a mandíbula latejando de dor e com pequenos ferimentos feitos pelos estilhaços de vidro e cristal, João foi levantado pela camisa bruscamente por Milton, como se fosse um boneco de pano. Com dificuldade para se equilibrar, ele recebeu outro soco no rosto, que derrubou-o novamente. Com um gosto ruim de sangue na boca e o corpo todo dolorido, ele se arrastava com dificuldade para um canto da sala completamente destruída pela luta.

Os guardas formavam uma plateia visivelmente satisfeita, o show proporcionado pelo seu chefe espancando alguém era algo imperdível, que todos queriam ver.

Completamente indefeso e ensanguentado, João aguardava o golpe de misericórdia. Milton crescia para cima dele mais ameaçador que nunca.

“Eu tentei...”, foi o último pensamento de João, enquanto se preparava para o pior...

BANG!

Naquele instante, João ouviu um estampido de tiro e uma voz conhecida ecoando na sala.

– PARADOS! OU O PRÓXIMO TIRO SERÁ EM ALGUÉM!

João abriu os olhos imediatamente sem acreditar no que escutava; Milton também estava incrédulo. Ele virou-se e viu que Reinaldo se encontrava na entrada da sala com duas armas em punho e uma firmeza intimidadora.

– NÃO SE VIREM! – ordenou Reinaldo para a equipe seguranças tão perplexos quanto o seu chefe. – FIQUEM COMO ESTÃO E DEIXEM AS ARMAS CAÍREM NO CHÃO AGORA!

Na extremidade direita do grupo, um dos guardas assumiu aquela postura como um ultraje pessoal, o mesmo que atentou contra a vida de Reinaldo a alguns andares abaixo. Com uma fúria avassaladora, o segurança avançou.

A reação foi imediata. O barulho de outro disparo inundou a sala.

Uma dor terrível dominou o segurança quando o projétil penetrou na sua barriga destroçando o rim direito. Ele perdeu o equilíbrio caindo aos pés de Reinaldo, apavorado, com a arma solta ao lado da mão ensanguentada com a qual tentava estancar o ferimento.

Os outros hesitaram.

O olhar insano de Reinaldo e o colega se contorcendo aos seus pés os fizeram recuar.

– MAIS ALGUM HERÓI?! VOCÊS ACHAM QUE ESSA EMPRESA VALE O ESFORÇO?! – exclamou ameaçadoramente Reinaldo. – VAMOS, RÁPIDO! JOGUEM SUAS ARMAS NO CHÃO!

Milton olhava fixamente para Reinaldo. Seus olhos faiscavam de ódio, e sem alternativa, ele via a sua equipe ceder ante as ordens do cientista. Se virou para João, ele ainda cogitava em terminar o que começara, mas agora a situação era inversa. Caso tentasse algo certamente Reinaldo, seria mais rápido. Com os punhos cerrados, Milton acompanhou impotente João levantar-se e caminhar com dificuldade na direção do seu amigo, preservando uma distância segura dele

o dos outros seguranças.

– TODOS PARA O FUNDO DA SALA! – gritou Reinaldo, cada vez mais ameaçador.

Os guardas jogaram suas armas no chão e se dirigiram para o local indicado por ele. Milton continuava onde estava sem desgrudar os olhos deles, cada vez mais irado, as veias do seu pescoço pareciam que iam explodir.

Ainda atordoado, João recolheu as armas jogadas pelos seguranças:

–Você chegou no momento exato! Como conseguiu essas armas?! – perguntou visivelmente aliviado.

– É uma longa história... – respondeu evasivamente.

O rádio na cintura de Reinaldo deu sinal de vida. Uma voz metálica se fez ouvir.

– Toda equipe de segurança rumem imediatamente para o último andar... QSL... – Reinaldo aumentou o volume do aparelho, o ruído era compartilhado por outros rádios na sala. – ... QAP.. – ... QAP... – outras vozes respondiam a chamada. – ... localizamos o outro fugitivo, ele está no último andar, código 48, repito, código 48... QSL... – imediatamente João e Reinaldo se olharam assustados.

–Precisamos nos proteger, eles me viram pelas câmeras de segurança... – deduziu Reinaldo. – Daqui a pouco isso aqui vai estar apinhando de guardas, temos que isolar este andar! Segure os elevadores e trave as portas de acesso às escadas, corra! – ordenou Reinaldo, demonstrando mais uma vez uma segurança anormal. Os últimos acontecimentos revelaram facetas da sua personalidade que ele próprio desconhecia.

Mesmo muito dolorido, João foi revigorado pela presença firme de Reinaldo. Correu velozmente pelo saguão, onde viu as câmeras de segurança por onde certamente era observado; aquilo potencializava o sentimento de urgência.

Quando alcançou os elevadores, conseguiu impedir que uma das cabines descesse. Por sorte chegou antes que a porta se fechasse e a bloqueou coma lixeira que ficava entre as cabines e o travou ali. Com o outro não foi tão feliz, a

cabine estava descendo.

O outro elevador se encontrava no décimo quarto andar e descendo. João estava no quinquagésimo e não sabia o que fazer para pará-lo. A dedução lógica era que, com o prédio vazio, aquele elevador tinha sido chamado pelos outros seguranças.

Desesperadamente, ele procurava algo que pudesse usar para abrir a porta do elevador, no afã de que isso parasse a cabine.

O indicador parou no primeiro andar. “O pavimento da segurança!”, Jõao imaginou a cabine do elevador cheia de homens fortemente armados. Apavorado, ele pegou um extintor e o arremessou contra a porta do elevador por puro desespero. A atitude não fez a mínima diferença.

O elevador continuava parado no primeiro andar. João tentava abrir o elevador forçando os dedos no vão entre os lados da porta sem sucesso, quando escutou a voz de Reinaldo ecoando pelo imenso saguão.

– O que está acontecendo... Por que a demora?! – Reinaldo gritou de dentro da sala de York, sem perder a atenção nos seguranças que esperavam apenas uma oportunidade para pular em cima dele.

– Um dos elevadores está no primeiro andar e eu não tenho como pará-lo! – gritou de volta. – Preciso abrir a porta desse andar para detê-lo...

Imediatamente, Reinaldo lembrou-se que a chave da porta do elevador ainda estava no seu bolso.

– Venha aqui rápido, eu acho que tenho como parar esse elevador!

João correu rapidamente ao seu encontro. Era perturbador passar pelo saguão e sentir os olhos dos seguranças em cima de si. Desviou a vista e seguiu em frente.

Quando chegou à sala de York, encontrou Reinaldo à porta, virado para dentro, mantendo os seguranças sob vigilância.

– Tome, use isso para abrir a porta da cabine! – colocou a chave na mão de João sem perder a atenção nos guardas que os observavam, esperando um momento de distração.

– Como você conseguiu isso?! – questionou João surpreso.

– Vá logo! O elevador está subindo, depois eu te digo... Vá rápido! – respondeu nervoso.

João correu até a entrada do elevador, que estava subindo. A cabine se encontrava estava no décimo andar... Décimo primeiro... Tentou encaixar a chave... Décimo nono... As mãos suadas e o nervosismo dificultavam o encaixe... Vigésimo terceiro... O desespero começava a atrapalhara coordenação motora ... Vigésimo quinto...

Tremendo de terror, ele conseguiu encaixar a chave no buraco da porta. O elevador já estava no trigésimo sexto andar quando ele conseguiu abri-la. O vácuo provocado pelo deslocamento da cabine o sugou e por pouco ele não caiu dentro do fosso.

Seguro nas portas abertas, ele observava apavorado a cabine aproximar-se.

– Ela não parou! Não adianta abrir a porta, o elevador continua... – a sua esperança era que a cabine parasse por algum dispositivo de segurança.

Não parou.

A cabine já podia ser vista a apenas dez andares abaixo, e João não sabia mais o que fazer para impedi-la. Se lembrou da arma na sua cintura. Sacou a pistola e começou a atirar desesperadamente nos cabos que se movimentavam bem à sua frente. Já era perceptível o barulho dos guardas dentro da cabine agitados pelo som dos tiros. Atirava ainda mais, tentando acertar os cabos... O elevador continuava subindo.

Ele atirou até descarregar a arma. Não causou muitos danos, apenas um dos cabos ficou um pouco danificado. Parecia que isso não impediria o avanço do elevador.

Até que se ouviu um assovio agudo vindo do fosso um pouco acima dele. As engrenagens pareciam mastigar o cabo danificado pelos tiros. O ritmo de subida da cabine diminuiu, ela começou a balançar no andar logo abaixo... Quadragésimo nono... Um tranco foi sentido pelos ocupantes do elevador, o desespero dos ocupantes potencializou a vibração da cabine.

O elevador continuava a subir. João se afastava da porta acuado e torcia para que o cabo não aguentasse, mas infelizmente parecia que ele aguentaria... Quinquagésimo... Ele recuava desolado. Aos poucos a cabine surgia, e o barulho dentro dela denunciava que estava infestada de seguranças, que deveriam estar fortemente armados. O impacto daquela visão fez João deixar a arma cair, não faria diferença alguma, mesmo que estivesse carregada.

“Todo o esforço foi em vão...”, pensou desanimado. “Não adiantou Reinaldo ter voltado...”

A cabine já estava quase nivelada quando se ouviu um estalo seco. Ela caiu bruscamente quase um metro, e pelos gritos se constatava que os guardas ficaram muitos assustados. Mas ela continuava a subir, agora de forma mais lenta e estranha... Em seguida, ouviu-se um estalo ainda mais alto, e finalmente a cabine despencou, sumindo do campo de visão de João.

Ele ouvia os gritos de desespero dos guardas, enquanto a cabine caia por aproximadamente uns quatro andares, até que o freio de segurança interrompeu a queda. Dentro dela, os guardas desesperados gritavam ainda mais. Com o tranco da parada brusca, alguns deles tiveram ferimentos leves e algumas contusões.

Agora tinham que se preocupar em como sair dali, pois estavam entre o quadragésimo quinto e quadragésimo sexto andar em um prédio totalmente evacuado.

– Meu Deus... Consegui!! – exultou, enquanto olhava a cabine a alguns andares abaixo. – Eu ainda preciso travar as portas das escadas... – lembrou.

Com um alguma dificuldade, conseguiu adaptar os fechos dos extintores como travas das portas cortafogo das escadas. Depois de se certificar de que estavam isolados, seguiu ao encontro de Reinaldo.

– O que foi que houve lá? Por que tantos tiros? – indagou Reinaldo preocupado.

– Depois eu te explico, temos que achar York e o Dr. Ventura, eles estão aqui neste andar! – afirmou João, estranhando o fato deles não terem aparecido.

– Eu sei! Eu vi o seu sósia entrar... Como é que não apareceram depois dessa

barulheira toda que fizemos?! – concordou Reinaldo.

– Eu não sei, mas eles estão aqui, com certeza! – disse João, nitidamente assustado.

– Antes de procurá-los, vamos dar um jeito nesses caras! –apontou Reinaldo. – Vamos algemá-los e trancar todo mundo nesta sala... – concluiu com firmeza.

Sob a mira das armas, eles fizeram os seguranças se algemarem uns aos outros, evitando se aproximar deles, até que o último ficasse para ser preso, justamente o pior deles: Milton.

Eles sabiam que não podiam facilitar com nenhum daqueles homens, e com o chefe, o mais experiente e mais cruel, o cuidado teria que ser redobrado.

Milton olhava fixamente para eles. A impressão que tinham era que aquele homem iria explodir a qualquer minuto, os seus olhos ardiam de ódio. Sabiam que não podiam hesitar, qualquer oportunidade Milton aproveitaria. Com muito cuidado, João o algemou, enquanto Reinaldo o mantinha sob a mira da pistola.

– VOCÊS ACHAM QUE VÃO SAIR DESSA?! EU VOU FODER VOCÊS! ACHAM QUE ISSO VAI FICAR ASSIM?! VOCÊS VÃO SE ARREPENDER! SEUS FILHOS DA PUTA! – praguejava Milton, enquanto eles o trancavam na sala de York.

15
LABORATÓRIO SECRETO

Com o rosto marcado pela briga com Milton, João rasgou um pedaço de sua camisa para limpar o sangue que insistia em escorrer pela testa e limpar os arranhões dos braços.

– Você está horrível... – comentou em tom de brincadeira com Reinaldo, enquanto passava o pedaço de tecido no rosto.

– É assim que se fica depois de subir quinze andares pelo fosso do elevador... – respondeu, enquanto jogava as armas e os rádios desligados no lixo da secretária da diretoria.

– Então foi assim que você chegou até aqui? Não deve ter sido muito agradável... – admirou-se João.

Depois de esconder todos os equipamentos dos seguranças, o clima sombrio voltou a pesar. Quase que por telepatia, um pensamento perpassou pela cabeça de ambos: onde estavam York e o Dr. Ventura?

– Por que York e o Dr. Ventura não apareceram? – perguntou Reinaldo, quase que por retórica. – Eles ainda estão neste andar... – aquilo era muito mais uma costatação que uma pergunta.

– Acho que sim... York saiu para encontrá-lo um pouco antes de você aparecer – comentou João com uma ponta de tensão na voz.

Olharam imediatamente para a porta da sala da presidência, aquele era o único lugar ainda intocado naquele andar. Não era o perfil de York se esconder numa situação como aquela, muito menos o Dr. Ventura. Aquilo intrigava Reinaldo, que prontamente identificou a expressão no olhar de João: medo.

Percebendo o desconforto do novo amigo, ele revelou o que pensava sobre a teoria do paradoxo temporal:

– Relaxe... Se fosse acontecer algo em relação ao paradoxo, já teria acontecido! – disse Reinaldo. – Uns dos problemas da viagem no tempo é justamente a massa atômica de cada ser, que é única. E segundo as leis da física, não haveria possibilidade de a mesma massa estar em dois lugares e ao mesmo tempo... Essa é a base da teoria do paradoxo temporal... – continuou. – No entanto, você está aqui comigo e está lá com York ao mesmo tempo! – apontou para a porta da sala. – Então o paradoxo não existe! Não acho que é com as leis da física que você deva se preocupar, e, sim, com os caras que estão aí dentro! – concluiu com o semblante sério.

A teoria de Reinaldo era coerente. Realmente, a ameaça ali era o seu “eu” do futuro e York, eles eram os responsáveis por tudo o que acontecera até ali.

João se sentia inseguro e deprimido; a euforia da manhã, quando constatou que a viagem para o futuro tinha dado certo parecia uma lembrança distante.

A intensidade dos acontecimentos impactou profundamente neles. A aparência de ambos em nada lembrava a situação de horas atrás. Reinaldo estava coberto de fuligem com o rosto inchado e o nariz roxo, suas roupas pareciam trapos e uma faceta da sua personalidade veio à tona, um aspecto que nem ele conhecia, um instinto animal de sobrevivência.

João também não aparentava ser o mesmo rapaz que entrou naquele prédio. As marcas daquele dia infernal também estavam na sua face, o sangue espalhado pela sua roupa revelava o quão difícil foi chegar até ali, a dor da maturidade era literal, ele sentia no corpo a agonia de amadurecer trinta anos em poucas horas.

De frente para a porta da sala da presidência, se entreolharam. João deixava transparecer o temor, nem mesmo ele sabia se o medo era pela possibilidade do paradoxo ou pelo fato de encontrar o “Dr. Ventura”.

Lentamente, Reinaldo forçou a maçaneta. A porta estava destrancada. Com a arma em punho, ele foi o primeiro a entrar, seguido de perto de João.

Sob uma pressão esmagadora, vasculharam o amplo ambiente

minuciosamente...

– Está vazia... – sussurrou João visivelmente espantado. Totalmente confuso, começou a reparar na sala com mais atenção.

A sala era ainda mais luxuosa que a de York. A parte envidraçada proporcionava uma visão ainda mais extraordinária da cidade e iluminava todo o local com uma luz mágica. A mesa do Dr. Ventura era um espetáculo à parte, imponente e tradicional, mas em total sintonia com a decoração moderna da sala. Uma poltrona de couro, bastante confortável, complementava a mesa.

Nas laterais, as estantes com muitos livros científicos e objetos decorativos revelavam as preferências do dono daquela sala. Na área social, um grande e convidativo sofá combinava com a tapeçaria de extremo bom gosto. Nas paredes, quadros de artistas clássicos e, logo acima do sofá, uma imponente pintura destacando o Dr. Prattes, com a imagem do Dr. Ventura ao fundo. Com a curiosidade extremamente aguçada, João se aproximou do quadro.

– Então, eu ainda admiro o Dr. Prattes... – comentou em tom de desabafo. – Nem tudo está perdido... E este aqui sou eu? – perguntou virando-se para Reinaldo, apontando para a sua imagem na pintura.

– Sim, este é “você”... – respondeu Reinaldo, aproximando-se, sem descuidar da vigília. – Estranho, o Dr. Ventura se deixar retratar com um destaque maior para o Dr. Prattes...

– Por que estranho?

– Se você conhecesse esse homem como eu conheço, saberia por que isso é estranho. Não é do feitio dele se deixar retratar desta forma...

– Ora... esta imagem pode ser uma homenagem ao Dr. Prattes, ou ainda uma analogia ao nome da empresa, Prattes & Ventura... – tentou argumentar João sem muita segurança.

– É verdade... Pode ser... – concluiu Reinaldo cético, afastando-se e retomando o reconhecimento da sala, se dirigindo para a mesa do Dr. Ventura para tentar encontrar alguma pista de onde eles teriam ido.

João continuava a admirar aquela imagem. Boquiaberto, ele analisava cada

detalhe da obra. Apesar do quadro não ser novo, ele concluiu que deveria ter no mínimo uns dez anos de pintado, já que o seu retrato já trazia os cabelos grisalhos e as rugas do envelhecimento. Na imagem do Dr. Prattes um leve destaque para um dos dedos da sua mão direita, o que ostentava o seu querido anel incrustado com o cristal escarlate de silício.

– Este anel era a prova de que a viagem no tempo era possível... Era do anel que ele tirava toda a motivação para continuar... – pensava, quando foi interrompido.

– Ei! Tem outra sala aqui ao lado... – anunciou Reinaldo, enquanto se aproximava devagar de uma porta lateral que estava disfarçada pela decoração do lugar. João despertou do seu transe e o acompanhou silenciosamente. Reinaldo, com a arma em punho, abriu a porta. Com muito cuidado, repetiram a averiguação que fizeram na anterior.

– Vazia também... – sussurrou.

Eles entraram naquela que era a maior sala de reunião que João já vira. Uma grande mesa retangular ao centro, com diversos monitores embutidos e uma grande tela de LED ao fundo. Na cabeceira da mesa de frente para a tela, um teclado, onde parecia conter o controle de todo aquele ambiente. As paredes lisas, sem quadros ou objetos de decoração, destoavam da sala principal, onde as paredes eram quase que totalmente ocupadas. Além da porta que entraram, não havia mais nenhuma outra abertura aparente.

– Vazio... – comentou João. – Como isso é possível?

– Eu estava lá fora e em momento algum eles saíram, eles ainda estão aqui, isso eu posso garantir! – afirmou Reinaldo convicto.

Eles retornaram para a sala principal à procura de algo que os ajudassem a desvendar aquele mistério. João, cada vez mais preocupado com o tempo, olhava compulsivamente para o relógio. Reinaldo, notando a sua preocupação, que a cada minuto crescia, apressava-se em achar algo que explicasse aquele fato.

Após alguns momentos remexendo todos os cantos da sala, ele deduziu:

– Eles devem ter uma sala secreta neste andar! Do terraço dá pra se ter uma

noção clara do tamanho deste andar, e as salas de York e esta não ocupam nem a metade do espaço...

João parou imediatamente o que estava fazendo e concordou, dirigindo-se a Reinaldo:

– É claro! A área social deste pavimento é proporcionalmente muito menor que a dos outros, os andares abaixo têm inúmeras salas e este aqui somente duas...

– É a única explicação pra esse sumiço... – afirmou Reinaldo.

Agora, os dois buscavam por algo que se parecesse com uma entrada de uma sala secreta, ou um sistema que acionasse algo parecido. Procuraram com afinco na sala principal, derrubaram praticamente todos os livros das estantes, olharam atrás dos quadros nas paredes, mexeram em todos os objetos de decoração, embaixo dos móveis, em todo lugar, e não encontraram nada que lembrasse uma porta ou algum dispositivo secreto.

– Só pode estar na sala de reunião! – exclamou João correndo em direção a ela. Reinaldo o acompanhou de perto.

Cansado, após percorrer toda sala e não encontrar nada, Reinaldo sentou-se numa das poltronas e logo percebeu que os controles de cada lugar se restringiam a apenas em disponibilizar o monitor particular ou o microfone do ponto.

João sentou na cabeceira da mesa excitado e começou a operar o teclado principal. Logo ele estava controlando a grande tela do fundo do salão. Reinaldo se aproximou enquanto ele tentava algo apertando os botões de forma aleatória, sem a mínima ideia do que estava fazendo, até que o monitor da cabeceira surgiu à sua frente. Automaticamente, o computador reconheceu o usuário e disponibilizou a sua tela padrão.

Se olharam surpresos. A tela dispunha de vários ícones, entre eles um chamado “controle de ambiente”. Familiarizado com a tecnologia, João executou o programa. Na tela do computador apareceu a planta baixa da sala; no canto inferior esquerdo, um pequeno ícone indicava que havia outras formas de

visualização daquela tela.

João rapidamente dominou os comandos do programa e notou que na planta baixa virtual a lateral oposta à porta que entraram e o fundo da sala tinham uma cor diferente das outras paredes. Tocando na área diferenciada na tela, ele executou uma animação em que a visualização da tela se transferia para aquele ponto da sala, focando a parede, com alguns comandos ao lado. Rapidamente, João executou o comando “abrir” e eles viram o que pensavam ser apenas uma parede revelar uma entrada para outro ambiente.

Eles se olharam confiantes e, sem perder tempo, dirigiram-se rapidamente para a entrada. Com cuidado, se posicionaram lateralmente. Reinaldo averiguou se tinha alguém no local. Após se certificarem de que não havia ninguém à vista, eles entraram no que parecia ser um grande laboratório secreto.

– Impressionante... – sussurrou Reinaldo boquiaberto. – Este lugar está muito melhor equipado do que o meu laboratório...

Nas bancadas, equipamentos avançadíssimos mesmo para Reinaldo. Preocupado com o seu tempo, João não prestava muita atenção em nenhum daqueles equipamentos, o seu objetivo era somente localizar algo que os levasse até a máquina do tempo.

Eles vasculharam o laboratório minuciosamente e constataram que nem a máquina do tempo, nem o Dr. Ventura e York estavam ali. Deduziram também que aquele era um laboratório de protótipos. Naquele local estavam armazenados equipamentos e ferramentas que ainda nem eram cogitadas.

– Ela não está aqui! – exclamou João. – Vamos voltar para o computador, na planta tem outra porta marcada.

– Espere... Aqui tem aparelhos que ainda nem sonhamos que existam... – dizia Reinaldo, enquanto manuseava um dos equipamentos.

– Vamos logo! Meu tempo está acabando... Esta sala é a prova definitiva que a máquina está operacional, é aqui que devem guardar os equipamentos que copiam do futuro... – comentou João, enquanto retornava para a sala de reunião.

João retornou à mesa. Logo em seguida, Reinaldo juntou-se a ele e refizeram

os procedimentos com a outra parede sinalizada na planta do computador. Dessa vez, a parede revelou uma porta de metal reforçado; do seu lado direito, dois scanners, um de rosto e outro para a palma da mão.

– Achamos a máquina do tempo... – disse João, com os olhos faiscando de esperança.

Ansioso, Reinaldo se aproximou da entrada.

– Realmente, parece que há algo muito importante por detrás desta porta... – afirmou enquanto a analisava detalhadamente.

Hesitante, João se aproximou logo atrás, a adrenalina voltou a subir, e com os batimentos cardíacos acelerados, ele ficou parado diante do portal.

A partir do momento em que atravessassem aquela porta, todas as dúvidas seriam dirimidas e todas as teorias sobre a viagem no tempo seriam postas à prova. Um turbilhão de perguntas inundou a sua mente. O seu destino poderia ser alterado? E o paradoxo? Como será o encontro com o seu outro eu?

A única forma de responder a suas perguntas seria prosseguir e enfrentar o seu destino.

João respirou fundo e se aproximou do scanner de rosto, que automaticamente mapeou a sua face e acendeu uma luz verde, enquanto o scanner de mão piscava aguardando ser acionado. Por um instante, ele refletiu sobre tudo acontecera até ali, na viagem no tempo, na emoção que sentiu ao ver o futuro, na decepção de saber em que havia se transformado, e durante alguns segundos ele ficou numa espécie de torpor, até que Reinaldo o alertou:

– Lembre-se que seu tempo é limitado! Temos que entrar! Ponha logo essa mão aí...

Como que despertando de um transe, João colocou a mão no outro scanner.

Outra luz verde se acendeu e em seguida a porta abriu.

Com o caminho livre, eles hesitaram por alguns segundos e, apreensivos, olharam para o corredor bem-iluminado que surgira à frente.

Até que João entrou decidido.

Acompanhado de perto por Reinaldo, eles avançaram até uma antessala

muito bem-iluminada e constataram que ali era um local de acesso com dois portais, claramente um de entrada e outro de saída. Muito semelhantes aos detectores de metais de aeroportos, pareciam grandes caixas de vidro fechadas com três estágios cada.

– Por isso que eles não apareceram. Veja, isso é hermeticamente fechado... Este lugar é completamente isolado do resto prédio... – sussurrou Reinaldo, enquanto observava as instalações. – Acho que vamos ter que passar por aí...

– Isto se parece com câmaras de desinfecção... – deduziu João.

– Parecem não... São câmaras de desinfecção – concordou Reinaldo.

– Então vamos entrar... – retrucou João nervoso, enquanto se dirigia para a entrada.

No primeiro estágio havia um esguicho com um vapor que umedecia levemente a roupa e o corpo; no segundo, uma brisa que o fazia evaporar completamente; e no terceiro, um raio infravermelho que escaneava todo o corpo do usuário.

João entrou na frente e recebeu a primeira série de elementos, logo em seguida vinha Reinaldo. No terceiro estágio, João percebeu que estava só, quando se virou, notou que Reinaldo ficara preso ainda no primeiro estágio.

Por mais que tentasse, ele não conseguia ouvir nada do que Reinaldo falava, apesar de estarem a menos de cinco metros de distância.

Aborrecido, Reinaldo batia no vidro, e nem assim ele conseguia ouvi-lo. Ao tentar retornar, João percebeu que também não conseguiria voltar por ali, aquele equipamento só permitia a evolução em um sentido, somente para a entrada, nunca o inverso.

Cada vez mais irritado, Reinaldo tentava forçar a passagem, até que pegou a arma e com a coronha começou a golpear o vidro. Vendo a arma, João sinalizou para Reinaldo deixá-la do lado de fora e tentar passar novamente. Contrariado, ele a deixou e conseguiu passar sem problemas.

Após passarem pelo sistema de desinfecção, entraram por outro corredor com uma grande janela lateral do que parecia ser o centro de controle daquele

andar. Na sala do outro lado, além de vários terminais, havia um equipamento que parecia um grande *mainframe*, com centenas de conexões e luzes piscando; estava em pleno funcionamento. Nos monitores, textos deslizavam sobre a tela com uma sincronia perfeita. Aquele ambiente parecia funcionar automaticamente. A interferência humana ali certamente era a mínima possível.

– Com um supercomputador deste tamanho dá para fazer cálculos inimagináveis... – deduziu João. – Acho que estamos muito perto da máquina do tempo... – sussurrou visivelmente tenso.

Eles seguiram cuidadosamente pelo corredor até a próxima entrada, quando João parou bruscamente à frente de Reinaldo.

– A máquina do tempo! É ela! –sussurrou João, virando-se para Reinado quase não contendo a excitação ao avistar uma grande redoma à sua frente.

Eles estavam na entrada de um grande salão. Ao centro, um pouco abaixo do nível do chão, a redoma. Ao seu redor, um fosso com um duto enorme por onde luzes muito brilhantes movimentavam-se a uma velocidade inimaginável. No interior da redoma, um plasma diáfano se contorcia, criando um espetáculo maravilhoso. Do lado oposto, se localizava uma plataforma de onde aparentemente tudo era controlado.

Pelo teto, cabos saíam da sala de processamento e se conectavam a um painel logo atrás dos diversos monitores que complementavam a área. Ao lado da plataforma de controle, era visível uma central de distribuição de energia especialmente adaptada. Um corrimão margeava todo o duto que parecia ser um acelerador de partículas em plena atividade. Uma rampa dava acesso à redoma que continuava a brilhar, sob efeito do plasma energético.

Reinaldo estava perplexo. Em anos como físico, ele nunca vira um lugar como aquele. As instalações eram avançadíssimas, mesmo para um cientista acostumado com a alta tecnologia.

No som ambiente, uma música chamou a atenção de João: “Hoje”, de Taiguara, tocava ao fundo. Reinaldo completamente extasiado balbuciou:

– É... acho que esta é a sua máquina...

– Ela está muito diferente. Está muito... maior! – exclamou João ainda mais encantado. –Como isso é estranho. Hoje de manhã deixei uma máquina que mais parecia um emaranhado de fios e cabos sem nexo, e agora me deparo com todo este aparato...

– Isso é a evolução! O que você viu pela manhã foi há trinta anos! – disse Reinaldo com uma indisfarçável emoção.

Dentro da redoma, contornos difusos devido ao plasma identificavam cabos saindo do alto e conectando-se a um capacete com luzes brilhantes. No centro dela, um casulo translúcido deixava ver que havia alguém dentro dele.

Assustado, João chamou a atenção de Reinaldo:

– Tem alguém dentro da máquina! Veja! – disse apontando para o casulo. – Você consegue identificar quem é?

– Não. Com aquele capacete e o plasma, não dá pra ver direito...

– Temos que chegar mais perto... – arriscou João.

– Lembre-se de que tem duas pessoas aqui dentro, e só localizamos uma... – reiterou Reinaldo.

– Eu sei, tenho que voltar a 2011 e salvar meus amigos! –divagou João, olhando nervosamente para o seu relógio.

– Tenha calma, já chegamos até aqui. Lembre-se que isto é uma máquina do tempo, poderemos ir até a época que quisermos! Não coloque tudo a perder... e fale baixo! – o repreendeu Reinaldo.

– Eu só tenho uma hora e meia... Se não voltar dentro deste período, tudo que fizemos até agora terá sido em vão!

– Eu sei! Lembre-se das dificuldades que tivemos pra chegar até aqui, não podemos pôr tudo a perder agora...

16
ENCONTRO

Completamente absortos com aquela estrutura fantástica, eles olhavam ao redor freneticamente buscando o outro ocupante daquele laboratório. Estavam visivelmente extasiados; João sem conseguir acreditar no que o projeto dele se transformou, e Reinaldo com a realização do sonho de qualquer físico.

Enquanto perscrutavam o local, algo lhes chamou a atenção. Saindo de uma sala na lateral do laboratório, João viu o Dr. Ventura caminhando calmamente, atento a um tablet na mão.

– Meu Deus, aquele sou eu! –sussurrou atônito, visivelmente chocado.

Notando o impacto daquela visão sobre João, Reinaldo o puxou para junto de si, fora do campo de visão do Dr. Ventura.

– Calma! Você é um cientista... Sabia que isso aconteceria! – sussurrava enquanto o segurava pelos ombros.

– Sabia, só não imaginei que seria desta forma... Eu estou aqui e ali ao mesmo tempo! – balbuciou, enquanto ofegava em um ritmo preocupante.

Encostado na parede, João começou a deslizar, como se suas pernas não aguentassem o peso do corpo. Com os olhos estranhamente vidrados, a sua transpiração estava acima do normal. Reinaldo sentiu que a pulsação dele também estava perigosamente elevada, ele estava entrado em estado choque.

– Tenha calma... Pense apenas no seu objetivo, pense nos seus amigos! – sussurrava Reinaldo tentando acalmá-lo.

João continuava a tremer. Reinaldo temia algo mais sério, a situação era crítica, naquele momento não havia como ajudá-lo, a única forma seria

chamando o Dr. Ventura, mas essa não era uma opção viável.

– Calma! Você tem que se controlar. Lembre-se que aquele não é você! Você está aqui na minha frente... Controle-se! – disse desesperadamente, segurando a cabeça suada de João, forçando-o a olhar nos seus olhos, tentando trazê-lo de volta. – Vamos, reaja! Não se entregue, lute! Não desista!

De alguma forma, aquelas palavras pioravam ainda mais o estado de João. Os seus olhos denunciavam o conflito que estava travando consigo mesmo. O seu estado catatônico preocupava Reinaldo, que fazia o que podia tentando reanimá-lo, preocupado em não chamar a atenção do outro, que agora se encontrava na plataforma de controle analisando atentamente as informações dos monitores do local.

Aparentemente, o estresse da viagem no tempo, a velocidade com que João absorveu a imensidão de informações e as emoções vividas até aquele momento geraram um colapso no seu sistema nervoso. Reinaldo, completamente assustado, não sabia mais o que fazer; afinal, ninguém sabia quais seriam os efeitos de uma experiência como aquela.

Durante torturantes minutos, João sentia a sensação terrível de ver o esforço do amigo tentando trazê-lo de volta, sem conseguir esboçar nenhuma reação para avisá-lo de que também estava lutando para voltar.

Quando tudo parecia perdido, a lembrança dos momentos vividos com Beatriz surgiram como um bote salva-vidas em um mar revolto. A imagem da amada foi o ponto de partida de volta ao controle. O conflito em sua mente começou a ceder ante o poder daquelas lembranças e aos poucos o seu raciocínio ia sendo recuperado, como se fosse um vaso quebrado que magicamente ia sendo remontado, pedaço a pedaço.

Aos poucos, João ia recuperando o controle. Ao seu lado, Reinaldo ainda muito tenso, atento ao Dr. Ventura, que ainda estava muito concentrado nos controles do painel e ainda não havia percebido nada.

O preço do conflito mental de João custou caro ao seu corpo. Sentado na lateral do corredor, em frangalhos, ele voltava aos poucos, seus membros

pendiam para os lados esgotados, a dor na nuca provocada pela tensão ainda incomodava muito. Reinaldo, ao seu lado, sinalizava que estava tudo bem com o rosto iluminado por um grande sorriso, pela descoberta da máquina do tempo e principalmente pela sua recuperação. Ele emanava motivação e a sua simples presença ajudava na lenta recuperação de João.

– Você tem uma chance de mudar tudo... Não a perca! – disse sinceramente Reinaldo. Após longos minutos, apesar de esgotado, João parecia surpreendentemente melhor.

– Por um momento achei que você estava tendo um ataque epilético... – sussurrou Reinaldo.

– Eu não sei o que houve... Quando o vi, pensei no paradoxo temporal e a minha mente entrou em parafuso...

– Eu já te disse que o paradoxo não existe! Agora temos que pensar em como vamos assumir essa máquina!

– Pelo visto, todos os controles necessários estão naquela plataforma de controle – disse João sem se mexer, cabisbaixo, com um evidente temor de olhar novamente para o outro.

– Temos que tirar esse dois daí... – afirmou Reinaldo procurando instintivamente a arma na cintura. – Merda!A arma ficou lá fora!

– Isso pode ser uma boa notícia, eles também devem estar desarmados... – deduziu João. – Não temos muito tempo, temos que agir logo... – disse ainda nitidamente abalado.

Silenciosamente, Reinaldo levantou-se e seguiu de volta no corredor em busca de algo que servisse como arma, enquanto isso João esgueirou-se cuidadosamente até o portal para observar o que o seu sósia estava fazendo.

Buscando se controlar para não ter uma recaída, ele olhava detalhadamente para aquele homem sem conseguir definir o que estava sentindo. A vontade de ir lá e tentar conversar era imensa, a ilusão de que tudo o que aconteceu até ali teria sido apenas um engano, a ideia de que aquele homem teria sido manipulado pela mente diabólica de York, isso explicaria tudo e o faria ficar em paz com a

sua consciência.

Mas existiam muitas pontas soltas, não seria possível York agir sozinho. As informações disponíveis levavam à confirmação das suspeitas de Reinaldo, as atitudes dos seguranças, a forma como tratava os seus subordinados, a utilização da máquina em causa própria e, principalmente, o fato de conhecer o destino dos seus amigos e contribuir para que ele se realizasse, tudo isso combinava com descrição do homem sem escrúpulos em que se tornou.

Imerso em seus pensamentos, João continuava a perscrutar o laboratório quando o outro se levantou para pegar algo sobre um móvel de apoio na plataforma. Ele viu algo que fez o seu coração disparar.

– O anel! Ele está usando o anel do Dr. Prattes! – ficou estupefato ao vê-lo usando aquela peça que fora tão importante para o Dr. Prattes. A imagem do seu mestre e a de Beatriz se materializaram imediatamente em sua mente. Ele imaginava o sofrimento deles ao morrer nas explosões do laboratório, as cenas de seus corpos sendo queimados vivos transformaram a sua hesitação em fúria, e esse sentimento crescia à medida que as imagens mórbidas passeavam pela sua cabeça.

Um nó na garganta se fez, junto com a sensação incômoda da raiva; não importava se aquele era o seu destino, não importava se aquele homem era ele mesmo, o seu único intento era salvar os seus amigos da morte dolorosa. Tentando não pensar mais em nada, João partiu alucinado em direção ao Dr. Ventura.

Reinaldo, concentrado na sua busca, só percebeu quando já era tarde demais. Sem ter como impedi-lo, viu o amigo correr pela passarela até a plataforma de controle, onde o outro analisava um formulário com atenção sem perceber a ameaça que se aproximava.

Quando João alcançou a plataforma, o outro se virou surpreso. Sem tempo de esboçar qualquer reação, ele sentiu o peso do corpo do jovem que se atirou sobre ele derrubando-o no chão, levando consigo a poltrona, espalhando vários relatórios pela plataforma.

Com a situação sob controle e o seu oponente dominado, João preparou um soco, mas a proximidade com o rosto do Dr. Ventura o fez titubear. Era como se estivesse olhando-se num espelho. As rugas e os cabelos grisalhos lhe causavam um efeito estranho.

Percebendo a hesitação do jovem, o Dr. Ventura o esmurrou violentamente no queixo, fazendo-o cair para o lado. A situação agora estava invertida, o jovem estava em desvantagem e nitidamente assustado com o fato de estarem frente a frente.

Aproveitando essa fraqueza, o Dr. Ventura provocou:

– Que surpresa! Acho que “me” subestimei, achei que York tinha dado um jeito de te conter... “EU” sou muito mais atrevido do que me lembrava! – disse num tom ufanista.

O som daquela voz ecoou na cabeça de João como o efeito de um badalo estrondoso, o tom daquela voz era o mesmo que o dele, um pouco mais grave devido aos anos, mas com certeza aquela era a sua voz!

– O que foi que houve com a sua ousadia? Está com medo de me olhar nos olhos?! Aliás, está com medo de “se” olhar? – percebendo o efeito das suas palavras, o velho o torturava com um sorriso perverso.

A cada palavra dita pelo Dr. Ventura, João sentia o efeito de um soco. Ele estava em clara desvantagem, transpirava muito e era nítido que estava apavorado. Imobilizado, ele não encontrava forças para se soltar. Na sua mente, todas as suspeitas sobre o seu caráter eram confirmadas, aquela atitude corroborava com as coisas que viu e ouviu sobre si mesmo, e isso o enfraquecia ainda mais. O sentimento de culpa dificultava a reação.

A imagem do Dr. Prattes o aconselhando a não procurar ninguém voltou à sua mente, a decepção de se encontrar o corroia. Seria melhor ter seguido aquele conselho e não ter descoberto nada; ele teria sido poupado da dor de saber que se transformara num monstro, no responsável pelas mortes das pessoas que mais ama na vida.

– E então... Cadê a impetuosidade da juventude? Estou contrariado... Era isso

que eu era na juventude? Um perdedor?! Um covarde, que não consegue nem olhar nos olhos de um homem de verdade?! – continuavam as provocações.

João escutava tudo sem conseguir se mexer. O Dr. Ventura o segurava firmemente, dificultando inclusive a sua respiração. O temor de olhar no rosto do seu adversário persistia, e sem força para se soltar ele ouvia as palavras arrogantes, que cortavam a sua carne como uma navalha.

– TÁ COM MEDO DE ME OLHAR?! OLHE PRA MIM! –urrou o Dr. Ventura, agarrando João pelo queixo, forçando-o a encará-lo. – VEJA O ROSTO DE UM VENCEDOR, VEJA O QUE EU FIZ POR VOCÊ! SEU COVARDE... OLHE PARA MIM... OLHE E ACEITE O SEU DESTINO!!!

Sentindo a respiração do seu oponente, João olhava para aquele rosto cheio de ódio e rancor, uma face endurecida pelo tempo. Os seus olhos demonstravam o imenso prazer que ele estava sentido em atormentá-lo.

Aquelas palavras penetravam fundo na mente de João. O destino não poderia ser o responsável pela desgraça dos seus amigos, o único responsável por isso estava na sua frente, mas mesmo sendo a mesma pessoa, eles não eram iguais.

– VENCEDOR A QUE CUSTO?! AO CUSTO DAS VIDAS DE BEATRIZ E A DO DR. PRATTES?! – desabafou, descarregando toda a sua raiva.

– Humm... Então resolveu falar... – disse o Dr. Ventura, diminuindo o tom de voz com um escárnio proposital. – Então você acha que eu estou errado? Como pode pensar assim de você mesmo... Até você acha que eu sou o culpado pela morte deles?! – disse com um sorriso sombrio.

– Por que você está me detendo? Por que não me ajuda a salvá-los?! – indagouJoão, dissipando completamente o temor de olhar no rosto do seu rival.

– E perder tudo o que conquistei durante todos esses anos?! Jogar fora todo o trabalho duro que fiz para conseguir isso?! Não seja tolo! – sacudiu a cabeça em sinal de reprovação. – Ou você preferia chegar aqui e encontrar um velho fracassado e pobre?! – perguntou sarcasticamente, apertando ainda mais o seu corpo contra o de João.

– Eu nunca serei um fracassado! Nunca passarei por cima de ninguém para

alcançar os meus objetivos! – argumentava João, sentindo a pressão sobre os seus membros, o que dificultava ainda mais a sua mobilidade.

– Você é um idiota, mas isso irá mudar... Olhe pra mim e veja onde você pode chegar... – retrucou com extrema presunção. – Escrúpulos não vão te ajudar, essa é a desculpa dos fracassados, de pessoas que não aproveitam as oportunidades! Você verá que eu estou certo, verá que essa sua ideologia não te ajudará em nada! ESTE É O SEU DESTINO!

– ENTÃO É VERDADE... VOCÊ OS MATOU! – berrou João convicto.

– NINGUÉM NUNCA CONSEGUIU PROVAR NADA! – exclamou o Dr. Ventura com os olhos vidrados de raiva.

Da entrada do laboratório, Reinaldo acompanhava a luta dos dois. Hesitou em ajudar o jovem, por ainda não estar completamente convencido do que aconteceria naquele encontro. Mas o diálogo que ouviu dissipou completamente qualquer dúvida e ele avançou contra o velho acertando um chute nas costelas, forçando-o a soltar João enquanto pendia para o lado se contorcendo de dor.

– Então você também veio! – resmungou o Dr. Ventura, tentando não demonstrar a dor que sentia, arrastando-se até ficar num canto da plataforma como um animal acuado. – Sabia que esse merdinha aí não poderia ter chegado até aqui sozinho... – murmurou dirigindo-se a João, com um olhar sinistro.

– Eu não acredito que vocês sejam a mesma pessoa! – bradou Reinaldo enojado. – Como vocês podem ter personalidades tão diferentes?!

– É isso que chamamos de experiência, meu jovem... Se você sobreviver – ameaçou o Dr. Ventura enquanto se afastava lentamente –, talvez quando tiver minha idade saiba o que estou dizendo...

17
CONFLITO DE PERSONALIDADE

Vigiando o Dr. Ventura com o canto dos olhos, Reinaldo ajudou João a se levantar.

Consciente de que não poderia mais contar com o abalo psicológico que causava e em desvantagem numérica, o velho dissimuladamente olhava para o casulo no centro da redoma.

João, auxiliado por Reinaldo, levantou-se aparentemente refeito da luta, porém ainda era visível que ainda estava abalado.

– Lembre-se dos seus amigos, agora podemos salvá-los! – tentava animá-lo Reinaldo.

– Veja em que me tornei... – disse abatido apontando para o Dr. Ventura. – Veja... De que adianta tentar mudar tudo? Como posso fugir deste destino? Como posso evitar de me tornar um cara como esse aí...?

– Você é um cientista! Você pode mudar sim! Pra você, isso é apenas uma possibilidade... – insistia Reinaldo. – Como ele mesmo disse, não perca a oportunidade que tem nas mãos para mudar o seu futuro! Quem no universo tem uma segunda chance? Você a tem aqui na sua frente, não deixe que ela escape!

O Dr. Ventura estava em clara desvantagem e aquilo o incomodava profundamente. Acostumado a ter o domínio das situações, ele ouvia o diálogo atentamente, com um verniz de indiferença na face enquanto olhava de soslaio para a redoma, aguardando o momento certo para agir.

Sem que seus oponentes percebessem, fingindo estar com dificuldades para

se levantar, ele se apoiou sobre painel de controle, enquanto simulava falta de equilíbrio para se manter de pé, exagerando na dor que dizia sentir. Sem que eles percebessem, o capacete da máquina do tempo começou a piscar algumas luzes nas laterais.

Sem notar o que estava acontecendo, Reinaldo e João olharam com desprezo o Dr. Ventura, e este sentiu que a sua influência sobre o rapaz havia definitivamente acabado.

O Dr. Ventura continuava a simular uma dor muito maior do que a que realmente sentia. Ele precisava ganhar tempo, não adiantava mais provocá-los com retórica, ele estava em desvantagem.

– Malditos!

Ele precisava desesperadamente sair dali, tinha que tirar aqueles dois de perto da máquina. O painel em suas costas o impedia de recuar mais, a única rota de fuga seria por entre os dois jovens.

Sem alternativa, o Dr. Ventura escolheu tentar romper o cerco por onde João se encontrava, na esperança de que ele ainda estivesse fragilizado. Com uma agilidade incomum, ele se atirou contra o jovem, que o impediu de passar e o empurrou de volta à plataforma de controle. Ele tentou novamente, agora contra Reinaldo, que, além de impedi-lo, o imobilizou com uma gravata.

– TEMOS QUE IMOBILIZÁ–LO! – gritou Reinaldo, enquanto se esforçava para contê-lo. – VEJA SE CONSEGUE ALGO PRA AMARRÁ–LO!

– SEU IDIOTA... NÃO FAÇA ISSO! LEMBRE-SE QUE EU SOU VOCÊ! VOCÊ VAI ACABAR COM A SUA VIDA! VOCÊ PODE ACABAR MORRENDO NA MISÉRIA... – o Dr. Ventura urrava desesperadamente tentando retomar o seu domínio sobre João.

Evitando dar-lhe ouvidos, João começou a procurar algo que poderia servir para contê-lo. Concentrados em dominar o Dr. Ventura, eles não notaram uma movimentação sob o plasma energético. Dentro da redoma, o capacete subia lentamente para a sua base, o casulo translúcido começava a se abrir, e no seu interior, York começava a despertar. Atento a isso, o Dr. Ventura continuava a

provocar o jovem no intuito de distraí-lo enquanto forçava Reinaldo a ficar de costas para a redoma de forma premeditada.

O plasma ainda não havia dissipado totalmente, enquanto do lado de fora a única coisa que João encontrou para prender o velho foi o cabo de telefone que teve que tirar do aparelho que estava ao lado da plataforma. O velho dificultava ainda mais com a intenção premeditada de desviar a atenção deles da redoma. Com o canto do olho, viu que o processo de reversão já estava completo.

O Dr. Ventura dispersava os jovens para que não notassem a movimentação dentro da máquina do tempo. York havia se desconectado do casulo já completamente aberto, a sua silhueta difusa devido ao plasma caminhava lentamente por dentro da redoma, seguindo convicto para a saída.

Ao York acionar a saída da máquina, o barulho chamou a atenção de Reinaldo e João, que só então perceberam que tinham sido ludibriados. Com a surpresa causada pela presença de York, Reinaldo afrouxou a trava e o velho acertou uma cotovelada no seu estômago, forçando-o a soltá-lo. Ao mesmo tempo, York avançou sobre João, atingindo-o com um soco potente, fazendo-o cair sobre o painel de controle da máquina do tempo.

Reinaldo, atordoado, foi atingido propositalmente mais uma vez no nariz, que voltou a sangrar imediatamente, fazendo-o cair, sentindo uma dor lancinante. O velho tentou complementar desferindo um chute no seu rosto, porém Reinaldo conseguiu girar o corpo e se esquivar do golpe.

Enquanto isso, João levantava-se rapidamente, absorvendo o impacto do soco e a surpresa em ver York. Como uma mola retesada, João partiu para cima dele com uma fúria imensa. Sem tempo para se defender, York recebeu um soco no queixo, que o fez retroceder, mas não foi suficiente para derrubá-lo. Aproveitando a vantagem momentânea, João continuou a avançar sobre ele, que apenas se defendia sem conseguir reagir.

O nariz quebrado de Reinaldo o deixava em grande desvantagem com relação ao Dr. Ventura, que, percebendo a dor que causava, só focava seus golpes no nariz do cientista. Com isso, o mínimo contato se transformava em um

martírio para Reinaldo, que não conseguia se concentrar na luta e por isso ia perdendo cada vez mais terreno.

Com o fio de telefone pendurado em um de seus pulsos, o Dr. Ventura conseguiu girar o corpo e usar o cabo como um garrote estrangulando o pescoço de Reinaldo.

– PARE AGORA! – gritou o Dr. Ventura para João. – PARE IMEDIATAMENTE OU SEU AMIGO MORRE! – ameaçou com um olhar de psicopata.

João virou-se e ficou atônito com a cena: o seu amigo estava completamente dominado pelo velho, o rosto de Reinaldo estava quase desfigurado pelos golpes que sofreu, o seu nariz estava ainda mais inchado, o sangue se espalhou pela sua face, aparentando um aspecto muito mais grave do que realmente estava. A pressão exercida pelo garrote fazia o cabo sumir sob a pele do seu pescoço. Desesperadamente, ele tentava se livrar daquela aflição; o sangue que escorria do seu nariz dificultava ainda mais a sua respiração.

Uma clara sensação de prazer emanava dos olhos perversos do Dr. Ventura. Vendo a hesitação do jovem, ele apertava o garrote cada vez mais e com um sorriso macabro disse:

– E ENTÃO? VAI DEIXAR MAIS ESTE AQUI MORRER?! – gritava com um tom ameaçador. – É MELHOR DESISTIR DA IDEIA IDIOTA DE MUDAR O SEU DESTINO, SENÃO ESTE AQUI TAMBÉM MORRE!

Profundamente abalado, João deu com os ombros e mostrou as mãos vazias em sinal de rendição. Quase que instantaneamente, ele sentiu uma forte pancada na nuca, sua vista escureceu e ele apagou completamente.

18
REVELAÇÃO

A luminosidade do laboratório passava através das suas pálpebras. Ele havia despertado e adaptava a sua retina à claridade do lugar, forçando-o a manter os olhos semicerrados. A dor na nuca ainda persistia. Meio tonto, João sentiu que os seus braços estavam presos. Tentou se mexer enquanto abria os olhos vagarosamente e percebeu que estava com as mãos para trás sentado numa cadeira ao lado do painel de controle. Instintivamente, procurou por Reinaldo, mas não conseguiu localizá-lo.

– Finalmente você acordou... – comentou o Dr. Ventura, se aproximando com um tom mordaz. – Cheguei a pensar que seu tempo acabaria e eu não teria mais o prazer de falar “comigo” mais uma vez...

– Cadê Reinaldo?! – perguntou João desesperado. – Onde ele está?!

– Você acordou a tempo de se despedir dele... – respondeu, sorrindo perversamente.

Maliciosamente, o velho empurrou a cadeira até um ponto de onde João poderia ver a máquina do tempo e mostrou Reinaldo preso dentro da redoma. Com todo o plasma dissipado, o local se parecia com um grande aquário. Dentro dele, Reinaldo, visivelmente apavorado, batia contra o vidro tentando se libertar. Do lado de fora, nada era ouvido; os vidros deviam ser blindados e com tratamento acústico.

– O que vocês pretendem?! – questionou João assustado, virando-se para o velho com dificuldade.

Na entrada da redoma, um pequeno painel controlava as funções vitais da

máquina. York digitou algo no teclado.

– Ok, já está selada... – disse, esboçando um sorriso de contentamento.

– Ora, meu jovem, no nosso negócio, testemunha é um grande problema. Eu não seria idiota de fazer nada contra você, apesar de ter muita vontade, mas não sou masoquista; afinal, este corpo é meu... – disse friamente apontando para o peito de João.

– VOCÊS NÃO PRECISAM FAZER NADA! EU JÁ ME ENTREGUEI! – gritava desesperado, tentando se desvencilhar dos cabos que o prendia à cadeira. – DAQUI A POUCO EU RETORNO PARA O PASSADO, NÃO LEMBRAREI DE MAIS NADA E TUDO ESTARÁ ACABADO! BASTA ESPERAR, QUE TUDO SE RESOLVERÁ!

– Claro que tudo se resolverá... – replicou o Dr. Ventura visivelmente satisfeito. – Você retorna para o passado e seu amigo morre!

– NÃO! NÃO FAÇA ISSO! EU JÁ ME ENTREGUEI! – implorava o jovem.

– Sim, é preciso, ele sabe demais! – dizendo isso, o velho pressionou um ponto no painel à sua frente olhando prazerosamente para João.

Sem compreender o aconteceria, João olhou desesperado para Reinaldo, e logo ele percebeu o que o velho acabara de fazer: foi acionado o exaustor retirando todo o oxigênio da redoma.

Enquanto o Dr. Ventura e York se entreolhavam satisfeitos, Reinaldo, sufocado, golpeava em pânico o vidro da redoma.

Vendo aquela cena dantesca, João tentava se soltar desesperadamente. Sem ter como ajudar, ele acompanhava a agonia do amigo esmurrando o vidro insistentemente até suas mãos ferirem, tingindo o vidro de vermelho.

A imagem de Reinaldo sufocado por trás da mancha do seu sangue aumentava o desespero de João, que implorava pela vida do amigo. O velho e York simplesmente o ignoravam.

Com os pulsos feridos pelo esforço de soltar-se, João assistia àquela cena terrível: Reinaldo morrendo ali na sua frente, suplicando pela vida, e ele impotente diante daquela situação.

A força dos golpes no vidro começaram a diminuir, o esforço para sugar o ar fazia as veias do pescoço de Reinaldo saltarem; era como se estivesse se afogando no seco. O pânico começou a ceder lugar à fraqueza, aos poucos ele ia definhando dentro da redoma, seus olhos arregalados e fixos em João clamavam para que ele o salvasse daquela morte cruel.

João, por sua vez, esforçava-se cada vez mais. Os seus pulsos já estavam cortados pelo fio de telefone, suas mãos estavam completamente ensanguentadas, mas a agonia do seu amigo o fazia esquecer completamente a dor que ele próprio sentia.

Desesperado, ele acompanhou o sofrimento terrível do amigo, que durou uma eternidade.

Com os olhos fixos em João, Reinaldo morreu.

– SEUS DESGRAÇADOS! VOCÊS NÃO PODIAM TER FEITO ISSO! – a voz de João ecoava no laboratório, enquanto ele chorava copiosamente. – COMO PODEM MATAR UMA PESSOA DESSA FORMA?! COMO PODEM?! – ele perguntava, com a cabeça baixa evitando olhar o corpo que jazia sem vida dentro da redoma. O cadáver da única pessoa que o ajudou no futuro, do grande amigo que ele jamais conhecerá.

A revolta enchia o peito de João, uma ira incontida crescia dentro de si. Primeiro foi a sua amada, depois o seu mestre e agora o grande amigo do futuro, uma pessoa que se arriscou por ele sem pensar nas consequências, um amigo que as adversidades o ensinaram a respeitar e a admirar.

Todos assassinados! Assassinados por ele próprio! Um incômodo avassalador tomava conta do seu peito.

“Como eu mudei tanto nesses trinta anos?! Como essa inversão de valores pode ser tão acentuada?! Como pode uma mesma pessoa ter opiniões tão contrárias?”, questionava-se. Sem conseguir respostas, ele chorava a morte das pessoas mais importantes da sua vida.

Aproximando-se sorrateiramente dele, o Dr. Ventura disse.

– Você deve estar se perguntando como é que eu sou capaz fazer uma coisa

dessas? Você deve estar achando que eu enlouqueci... Deve estar se perguntando como “você” pode ter mudado tanto, não é verdade?

Como um sádico, York acompanhava com notável prazer os acontecimentos. Ele observava João cabisbaixo com uma expressão de satisfação intensa. Conferindo os cabos que prendiam João, ele viu o cronômetro no seu pulso ensanguentado.

– Faltam apenas 30 minutos para o seu tempo acabar...! – sussurrou à altura do ouvido de João com extrema satisfação.

– Aliás, faltam 30 minutos para você morrer! – complementou o Dr. Ventura debruçando-se sobre o jovem, fazendo-o encará-lo.

Surpreso, João levantou a cabeça imediatamente e olhou para o seu algoz sem compreender o que estava ouvindo.

– MORRER! VOCÊ É TÃO LOUCO A PONTO DE ME MATAR TAMBÉM?! ESQUECEU QUE SE EU MORRER, VOCÊ MORRE TAMBÉM?!

– Não, não esqueci de nada, você é que não sabe o que realmente aconteceu há trinta anos... – replicou enigmaticamente o velho. – Vamos ver se dá tempo pra te explicar... Mas, antes disso, acho que você precisa saber como conseguimos viajar no tempo.

Extremamente seguro, o Dr. Ventura puxou uma banqueta e sentou-se à frente de João, que o olhava enojado e visivelmente confuso, sem entender o que estava acontecendo.

– Quando iniciamos a construção da máquina, todas as teorias e ensaios nos levaram a trabalhar em cima de um processo de transmutação da matéria, onde tentávamos fazer o corpo viajar através das eras. Porém, o Dr. Prattes ainda não estava convencido de que esta era a melhor forma de viajar no tempo e testou outras teorias em segredo, pois eram muito polêmicas para serem divulgadas, mesmo para os mais íntimos... – suspirou, olhando sarcasticamente para João. – Ele estava desenvolvendo uma forma muito mais eficiente para a viagem no tempo... Como é notório, sabemos que nosso corpo é baseado em moléculas de

carbono, que em um nível mais básico ainda que os quarks e léptons, a matéria seria formada por uma espécie de bit... o Bosón de Prattes – com um ar professoral ele continuou: – Ele sabia que a “matéria” humana também segue o mesmo padrão, já que os nossos átomos existem desde o início dos tempos, que foi apenas “moldado” na forma humana provisoriamente pela natureza. A máquina do tempo, na realidade, decodifica os padrões do indivíduo e o transforma em informação e o transporta para a época escolhida. No destino, a máquina do tempo cria um clone do viajante, remontando seu corpo como se fosse num teletransporte. Para o viajante, esse processo é transparente, a sua mente acha que viajou com toda a matéria do seu corpo, mas, na realidade, apenas sua mente viajou, o corpo dele continua na sua época de origem em um estado de animação suspensa! – aquela revelação serviu apenas para que o Dr. Ventura mostrasse a sua superioridade intelectual sobre João, isso era evidente.

Aquilo se encaixava perfeitamente com os problemas encontrados no início do projeto.

– E como é que vocês resolveram o problema do viajante esquecer a viagem? – perguntou João, ainda profundamente abalado.

– Ora, meu jovem, depois do primeiro teste detectamos que era necessário muita energia para fazer a mente viajar no tempo... Esse é o motivo pelo qual o cérebro não conseguia absorver o impacto da consciência ser retirada do seu corpo físico, a energia utilizada causava uma desordem no subconsciente, que não conseguia interpretar a viagem como algo real. Havia o registro, mas não havia lógica, assim a viagem era encarada como um sonho. O que viabilizou a viagem foi o seu capacete! A solução que você encontrou foi genial, você conseguiu proteger os neurônios e transferir as informações mantendo a plena consciência do viajante – mesmo com a referência elogiosa ao seu trabalho, aquilo soava como um escárnio.

Sem compreender o porquê de toda aquela explicação, sentindo um desconforto imenso, João indagou:

– Então vou retornar e descobrir tudo isso depois da morte do Dr. Prattes?

– Você ainda não entendeu? – disse o Dr. Ventura, com um sorriso malévolo acariciando o famoso anel no dedo anular da mão direita, fazendo questão que João reparasse nas suas mãos.

– EU SOU O DR. ALBERTO PRATTES! – afirmou, olhando nos olhos de João com uma satisfação diabólica.

O coração de João disparou. Ele não podia acreditar no que estava ouvindo. Como aquele homem poderia ser o Dr. Prattes?

– ALÉM DE SÁDICO, VOCÊ É COMPLETAMENTE LOUCO! – gritou revoltado.

Sustentando o sorrisinho estranho no canto dos lábios, o Dr. Ventura se aproximou de João e disse:

– Não foi você mesmo que disse que não acreditava que havia mudado tanto...?

Com York ao seu lado, ele continuou:

– Quando você testou a máquina, o sistema de gerenciamento de energia ficou descontrolado, houve uma grande explosão e eu fui atingido em cheio... Beatriz não foi seriamente ferida, pois estava na cabine de controle. Eu fiquei ferido, provavelmente teria problemas com a minha aparência depois daquele acidente. O seu corpo ficou protegido pela redoma e estava praticamente ileso... – com a face iluminada pela soberba, o Dr. Ventura continuou: – Era a oportunidade perfeita para testar pra valer as possibilidades da máquina. Utilizei a máquina para me transportar a um minuto no futuro, só que em vez de retornar para o meu corpo, configurei para retornar para o seu, que repousava em animação suspensa na redoma... – um esgar sombrio se fez na sua face. – E reprogramei a sua mente para retornar para o meu corpo desfigurado! Quando você retornou, fui obrigado a eliminá-los, você e Beatriz! – com extrema presunção o Dr. Ventura concluiu: – Não era para acontecer naquele dia, eu tinha outros planos, queria aproveitar um pouco mais de Beatriz, mas oportunidades não podem ser desperdiçadas! – com um olhar insano ele finalizou, com extrema satisfação.

Confuso e ainda sem acreditar no que ouvia, João não conseguia absorver aquela historia. Aquilo era fantástico demais para ser verdade.

– O DR. PRATTES ERA MEU AMIGO, MEU MESTRE! ISSO É MENTIRA! VOCÊ ESTÁ LOUCO! – esbravejou João hesitante.

– ELE ERA SEU MESTRE! ALIÁS, EU ERA SEU MESTRE, E NÃO SEU AMIGO! – interrompeu duramente Prattes. – Você e Beatriz eram apenas peões no tabuleiro, totalmente dispensáveis. Infelizmente fui forçado a transferir a minha mente para o seu corpo daquela forma. Eu planejava me divertir com Beatriz, pena que ela teve que morrer tão cedo... – ao ouvir aquilo, o sangue de João ferveu, enquanto Prattes continuava. – A minha motivação para fazer a máquina do tempo sempre foi o dinheiro que isso poderia me proporcionar, o poder que eu poderia ter... Imagine saber com antecedência todos os grandes acontecimentos, saber das grandes quedas das bolsas de valores, saber onde investir, com quem me relacionar! Imagine a infinidade de coisas que posso ter apenas com a informação privilegiada proporcionada pela máquina do tempo!

João sentiu a sua pressão subir às alturas, o seu corpo tremia. Enquanto Prattes gargalhava de satisfação, ele tentava desesperadamente soltar-se. O sangue misturado com o suor que escorria pelos seus pulsos fez com que seu punho ficasse lubrificado, facilitando a soltura pelo laço feito com os cabos telefônicos plastificados. Enquanto York e Prattes se vangloriavam, João se esforçava para soltar-se. Os seus pulsos estavam em carne viva, a dor que sentia não importava, ele olhava para o corpo inerte de Reinaldo e pensava na agonia de Beatriz...

Cabisbaixo, João concentrava toda a sua força em deslizar a mão pelo laço apertado. Na sua mente, os fatos revelados ligavam-se às desconfianças antigas, agora todas explicadas. A tensão aumentava a cada segundo perdido, agora a sua vida também estava em jogo.

– Daqui a poucos minutos você desaparecerá para sempre! – constatou York, levantando a cabeça de João, forçando-o a olhar para seu rosto. – Você me deu muito trabalho, mas logo isso será resolvido de uma forma bastante simples... –

concluiu sorrindo maquiavelicamente.

O sangue escorria pelo pulso de João, a dor era insuportável. Seus olhos faiscavam de ódio, forçado a encarar York, que sentia um imenso prazer em torturá-lo. O ferimento causado pela fricção no pulso de João era o que menos importava, o seu coração estava despedaçado, o homem que ele confiava, que ele admirava, que ele considerava como um segundo pai se revelou um assassino frio e cruel, um psicopata, uma pessoa amoral, sem nenhum escrúpulo, o homem que o matou!

Enquanto torturava João, York notou a sua expressão de dor. Desconfiado, olhou para trás da cadeira e viu que o sangue escorria já formando uma pequena poça no chão. Surpreso, York se aproximou para verificar como estava a amarração.

Fazendo um último e doloroso esforço, João finalmente conseguiu soltar o braço direito. Com o mesmo impulso utilizado para se livrar das amarras, ele acertou em cheio o rosto de York, que foi projetado para trás, assustado com a violência do golpe.

João levantou-se com agilidade, e com os pulsos feridos e o sangue escorrendo pelas mãos, ele avançou como uma fera ensandecida contra York. Os seus oponentes não escondiam a surpresa, e sem ter como evitar, York foi atingido novamente.

Prattes instintivamente afastou-se e urrou para York:

– O TEMPO DELE TÁ ACABANDO! – gritava preocupado. – MANTENHA-O OCUPADO QUE TUDO SE RESOLVERÁ!

Com a adrenalina nas alturas, João sabia que Prattes estava certo, seu tempo era curto e não daria para lutar indefinidamente. York já havia se recuperado do efeito surpresa. Não havia plano, ele apenas lutava pela sua vida, não importava até onde chegaria, queria apenas vingar-se. Alguém teria que pagar pelo seu sofrimento.

19
DE VOLTA AO PASSADO

Prattes procurava não se envolver, ele sabia que bastava York manter João ocupado; faltavam apenas quinze minutos, bastava isso para que tudo se resolvesse.

York acertou João no rosto, seu supercílio abriu e ele foi atirado contra a parede lateral do laboratório. Com o sangue incomodando os olhos, ele tentou equilibrar-se segurando numa maçaneta, que não suportou o seu peso e cedeu. Uma porta se abriu, era a caixa de força do laboratório, onde toda a energia elétrica da máquina do tempo era gerenciada.

João levantou rapidamente, se preparando para a investida de York, que levou as mãos ao rosto, constatando que foi ferido pelos golpes que recebera. Ele encarou João friamente. Seus olhos brilharam de satisfação e raiva ao ver o seu sangue. Enfurecido, ele se arremessou em direção a João com uma raiva incontrolável, ele queria aproveitar os poucos minutos que restavam para descarregar toda a sua ira.

Sem conseguir se esquivar, João recebeu o primeiro soco e mais uma vez sentiu o sangue na boca. No seu íntimo ele sabia que não seria páreo para York, mas sua vida corria perigo.

– REAJA! –ele não tinha mais nada a perder, aquele corpo não era mais seu, pra que se preservar? Ele já estava morto e o seu corpo a serviço de um psicopata... Com um ódio incontrolável, João partiu para o tudo ou nada.

Nos olhos de York estava claro o imenso prazer que ele sentia em lutar. Apesar de ferido, ele parecia gostar. Naquele momento, não havia nenhuma

vantagem para nenhum dos oponentes.

A uma distância segura, Prattes apenas observava, ele sabia que não precisaria se envolver, sabia que aquela luta tinha hora para acabar, e não importava quem fosse o vitorioso, o vencedor seria ele.

A reação de João foi inesperada. York não conseguia mais cadenciar a luta, foi atingido por um potente soco que rompeu imediatamente o lábio inferior, e o impacto do soco o deixou totalmente atordoado e ainda mais furioso. Quando viu o sangue que jorrava da boca, o ódio o consumiu, ele não esperava receber um golpe tão forte, que o fizesse sentir tanta dor.

Disposto a revidar, York atirou-se vigorosamente na direção de João, que, por instinto, esquivou-se com agilidade. A impulsão usada foi excessiva, e York foi de encontro à caixa de energia elétrica. Na tentativa de retomar o equilíbrio, ele segurou em um dos eletrodos da caixa de força.

A descarga elétrica foi fulminante, pois no afã de se livrar daquela tortura, a outra mão de York também tocou em outro eletrodo. As luzes do prédio começaram a falhar. João afastou-se assustado, as luzes piscavam freneticamente enquanto York agonizava à sua frente. Ele sabia que não podia fazer nada, se tentasse salvá-lo também teria o mesmo fim.

York sofria com os espasmos da morte. As suas mãos estavam grudadas nos cabos de força e os seus olhos reviravam de uma forma medonha. Uma fumaça escura preenchia a sala enquanto York queimava preso aos cabos. O sistema de segurança detectou o curto circuito e desligou automaticamente a energia. Já era tarde demais. Um cheiro desagradável invadiu o laboratório e o corpo inerte e carbonizado de York caiu sem vida.

Por alguns segundos as luzes se apagaram e em instantes acenderam novamente; o gerador de segurança entrara em funcionamento. Institivamente, João conferiu no seu cronômetro que ainda restavam dez minutos, o suficiente para utilizar a máquina do tempo para voltar para ao presente e resolver toda aquela situação.

Agora ele tinha um plano.

O laboratório estava cheio de fumaça, o ambiente estava estranho, e João sabia que Prattes estava à espreita. A névoa dificultava a visão. Ele olhava à sua volta e não conseguia encontrá-lo. Prattes conhecia aquele lugar como a palma da sua mão, poderia se mover de olhos fechados, e isso deixava João extremamente apreensivo, pois a qualquer momento poderia ser surpreendido.

Procurando controlar a ansiedade, João seguiu rapidamente para a plataforma de controle, onde chegou com alguma dificuldade. Ele precisava desesperadamente entender os novos comandos da máquina; o tempo era escasso. Os comandos eram basicamente os mesmos da versão que ele ajudara a construir, a grande diferença era que, em vez de botões, o painel era uma grande tela touch screen.

Rapidamente, João se familiarizou com a nova metodologia, pressionou o botão que Prattes utilizou para sufocar Reinaldo, normalizando o ar dentro da redoma. Nervosamente, ele configurou a máquina para retornar para o dia 12 de fevereiro de 2011, às doze horas e dez minutos, exatamente a mesma hora em que ele saiu do passado. Restava somente a configuração do tempo de permanência no passado.

A tensão era latente. A navegação no painel era intuitiva. Em uma nova tela, João estava programando a sua permanência no passado, quando percebeu uma movimentação atrás si. Por puro reflexo, ele se esquivou, e uma banqueta passou rente à sua cabeça e se chocou na tela do painel de controle. O impacto avariou seriamente o painel de controle.

Ele ainda não havia concluído a programação.

Em completo desespero, ele viu Prattes surgir de dentro da penumbra causada pela fumaça, com o rosto desfigurado pelo ódio.

– VOCÊ NÃO VAI CONSEGUIR! NÃO VOU DEIXÁ–LO DESTRUIR A MINHA VIDA! – urrava descontrolado com as mãos travadas no pescoço de João como um alicate.

Ainda bastante debilitado pela luta com York, João tentava desesperadamente se soltar das garras poderosas de Prattes. Estar naquela

situação era algo que nem no mais sombrio dos pesadelos ele poderia conceber, era uma luta inglória, nada parecia dar certo, era como se o destino o forçasse a desistir.

– Não vou desistir...

O ar começava a faltar, sua boca ficava seca. Com as vistas turvas, ele via o seu próprio rosto com uma aura diabólica acima de si. Era óbvio o objetivo de Prattes, mantê-lo preso até que o seu tempo se esgotasse, mas a pressão no seu pescoço gerava dúvidas quanto a isso. Com os olhos ardendo, ele sentia uma pressão cada vez maior no seu pescoço.

– NÃO VOU DEIXAR VOCÊ DESTRUIR MINHA VIDA! – esbravejava Prattes alucinado, forçando o corpo contra João, mantendo-o imobilizado.

João já não via mais nada, apenas luzes piscavam na sua frente. Ele sabia que aquilo era o efeito da falta de oxigênio no cérebro. Estava prestes a desmaiar.

– Não vou desistir...

Canalizando toda a sua concentração em um último esforço, ele segurou o dedo anular da mão direita de Prattes - o dedo do anel - e o puxou com toda força que conseguiu reunir.

Ouviu-se um estalo seco. Em seguida, João sentiu as mãos afrouxarem no seu pescoço. Um grito horrível de dor ecoou pelo laboratório.

Com um soluço, João voltou a respirar. Os seus pulmões doíam. Ainda atordoado, ele empurrou Prattes para longe de si, que sentia uma dor terrível com a fratura exposta no dedo anular da mão direita.

Ofegante, João se voltou para painel de controle. A banqueta ainda estava presa na tela. A avaria era grande. Aquilo era desolador. Ele a desenganchava do painel quando escutou atrás de si um rugido assustador. Alucinado de dor e ódio, Prattes avançava em sua direção como uma besta assassina, utilizando o impulso do corpo. Segurando a banqueta pelos pés, João se virou golpeando-o violentamente na cabeça com o móvel. Prattes desabou desacordado.

Três minutos.

Ele precisava terminar de configurar a máquina do tempo. A banqueta

avariou seriamente a tela do painel de controle, as configurações estavam travadas, o touch screen não funcionava mais... A permanência no passado estava travada em apenas quatorze minutos.

Dois minutos.

Rapidamente João seguiu para a máquina, utilizou o teclado da entrada para iniciar a operação e entrou. A redoma começava a encher-se de plasma novamente. Passando pelo corpo inerte de Reinaldo, ele baixou a cabeça em respeito ao amigo e entrou no casulo.

Sentado na poltrona, o casulo se fechou e o capacete desceu de sua base encaixando-se perfeitamente na sua cabeça. Uma luz intensa tomou conta do casulo, fazendo brilhar ainda mais o plasma na redoma. Um zunido baixo se fez ouvir e de repente todo o laboratório brilhou.

Silêncio.

João abriu os olhos, a sensação de ressaca voltara, o formigamento no corpo também. Era dia, ele estava no cais do porto a uns cinquenta metros do laboratório. Ao seu redor alguns estudantes olhavam para ele como se fosse um fantasma. Sem ligar para os outros, ele consultou o relógio: no seu cronômetro ainda restava um minuto e dez.

A sua viagem no tempo continuava.

– Eu estou de volta! Funciona... A máquina do futuro funciona, consegui voltar! – comemorava exultante. – Eu só tenho quatorze minutos...! – lembrou, enquanto reajustava o cronômetro e corria rapidamente em direção ao laboratório.

Quatorze minutos.

Quando se dirigia para a entrada do armazém um, ele escutou um zumbido forte que inundou toda a área. O primeiro teste da máquina do tempo tinha sido iniciado. Completamente desesperado, João alcançou a porta que estava trancada. Enquanto tentava abri-la, ele sentiu uma explosão, o barulho foi ensurdecedor, a porta cedeu com o impacto e a onda de choque o jogou para trás. No chão, ainda atordoado pela explosão, ele viu que a porta foi retorcida pela

violência da onda de choque.

Sem perder tempo, ele entrou no laboratório. Lá dentro, a fumaça não o deixava ver quase nada, o laboratório estava destruído. Ele procurava Beatriz alucinadamente sob os escombros.

Treze minutos.

Alguns focos de incêndio atrapalhavam a sua progressão. Verificando o cronômetro ansiosamente, João sabia que seu tempo era extremamente limitado. Com bastante dificuldade, ele conseguiu chegar próximo ao local onde estava a máquina. À sua frente, a redoma continuava praticamente intacta, o seu corpo estava inerte na poltrona. Com uma sensação estranha no peito ele pensou: “Eu sou um clone... Agora eu sou uma cópia do verdadeiro João que está lá dentro...”.

Começou a gritar por Beatriz, sem conseguir desgrudar os olhos do seu corpo dentro da redoma.

– BEATRIZ! BEATRIZ! ONDE VOCÊ ESTÁ?! RESPONDA! – berrava na entrada da cabine de controle completamente destruída.

De trás de uma viga, ele viu um movimento e ouviu uma voz vacilante:

– Estou aqui... – uma mão apareceu debaixo dos escombros; era uma mão feminina. Era ela!

Doze minutos.

Rapidamente, João correu ao seu socorro, e enquanto segurava a sua mão, retirou cuidadosamente os escombros de cima dela. Por entre os destroços, ele viu seu rosto. Na sua testa, um fio de sangue escorria da cabeça. Um leve sorriso indicava que ela não sofrera nenhum ferimento grave. A visão da amada fez os olhos de João brilharem de felicidade, a sensação de encontrá-la viva novamente era indescritível. Ele afastou os escombros que estavam em cima dela, e após tirá-la dos destroços a a-braçou emocionado, como se aquela fosse a última vez que a veria.

Onze minutos.

Ela ainda estava atordoada pela explosão, mas sem nenhum ferimento grave,

apenas uma leve pancada na cabeça. Uma viga a protegeu do teto que desabou. Ainda abalada, e sem entender nada, ela perguntou:

– O que aconteceu? Cadê o professor?

– Eu quero que você saia daqui agora! – ordenou João, sem responder a pergunta. – Haverá mais explosões... Saia que eu vou procurar o professor!

Enquanto ele a guiava rapidamente pelos escombros, passaram ao lado da redoma. Ela viu o corpo de João na máquina do tempo, e sem entender o que estava acontecendo, imediatamente soltou a mão dele e se afastou assustada.

– O que está acontecendo?! – perguntou visivelmente confusa apontando para o corpo na redoma. – Como isso é possível?

– Calma, Beatriz! Não tenho tempo para explicar agora. A máquina funciona e eu estou aqui para te salvar, saia! Por favor, eu não tenho muito tempo! – argumentava, forçando Beatriz para fora do laboratório.

Dez minutos.

Completamente apavorada, Beatriz cedeu sem saber o que fazer. João ia na frente abrindo caminho em meio a cabos e destroços que atrapalhavam a sua saída, quando sentiu Beatriz parar sem aviso.

– Você precisa me explicar o que está acontecendo... – disse tentando voltar para o laboratório. – Eu não saio daqui sem o João!

– EU ESTOU AQUI! – argumentou desesperado, enquanto a impedia que voltasse. – EU SOU O MESMO QUE ESTÁ LÁ! ACREDITE! ELE ESTÁ A SALVO, É VOCÊ QUEM CORRE PERIGO! VENHA COMIGO, EU VOLTEI PRA TE SALVAR!

– VOLTOU DE ONDE?! – perguntou completamente transtornada. – NÃO É POSSÍVEL VOCÊ ESTAR AQUI E LÁ AO MESMO TEMPO!

– É SIM! A MÁQUINA TRANSPORTA SOMENTE A MENTE DO VIAJANTE! DE ALGUMA FORMA ELA CRIA UM CLONE... – extremamente nervoso, João tentava explicar o mecanismo da viagem no tempo, tentando convencê-la a não voltar.

Nove minutos.

– ISSO NÃO É POSSÍVEL! O DR. PRATTES NUNCA DISSE NADA SOBRE ISSO! – retrucou Beatriz.

– Eu sei, eu sei... – interrompeu João, tentando acalmá-la. – Eu estive no futuro... Eu sei como funciona a máquina e descobri que fomos enganados! O Dr. Prattes nos enganou o tempo todo, ele tentou me impedir de voltar para salvar você... Ele roubou o meu corpo!

– Você está delirando... Isso é impossível! – disse Beatriz.

– Ele usou a máquina! – afirmou João visivelmente perturbado.

– A máquina está destruída... – gritou Beatriz. – Você viu o estado que está o laboratório!

– Ele já tinha tudo planejado, de alguma forma ele conseguiu tomar a minha identidade e assumiu a minha vida!¬ – insistiu João alterado.

Por mais que tentasse, Beatriz não conseguia acreditar no que ouvia. Extremamente aflito, João tentava convencê-la a sair daquele lugar...

Naquele instante, o pesadelo recomeçou. Por detrás dos destroços de algumas divisórias, Prattes surgiu ensandecido e imobilizou Beatriz com uma gravata.

Oito minutos.

Completamente assustada, ela se debatia sem conseguir se desvencilhar dos braços firmes dele.

– PROFESSOR, ME SOLTE! VAMOS SAIR DAQUI! – implorava quase sufocada, pelo golpe e pela fumaça que começava a se adensar no local.

Sem dar atenção a Beatriz, Prattes olhava fixamente para João. Seus olhos estavam injetados, a sua face chamuscada. Na sua fronte esquerda um ferimento causado por algum objeto contundente, que sangrava tingindo toda a lateral do seu rosto de vermelho. Aparentemente nada daquilo o incomodava, ele apertava o pescoço de Beatriz, encostando o seu ferimento no rosto dela, apertando a face dela contra a sua. Ele olhava transtornado para João, deixando claro a decepção que sentia pela sua presença.

– Então você descobriu... – disse apertando ainda mais o pescoço de Beatriz.

– Não adianta, o seu destino já está selado...

O ambiente ao redor ficava cada vez mais perigoso. Os focos de incêndio se multiplicavam, o risco de explosões aumentava exponencialmente. Preocupado com a segurança de Beatriz, João hesitava em atacar, seu tempo acabava e ele precisava ter certeza de que Prattes não conseguiria realizar o seu intento.

Beatriz se debatia enquanto Prattes a arrastava de volta para o laboratório. João acompanhava de perto sem poder esboçar nenhuma ação. Cada vez que ele chegava mais perto, Prattes apertava ainda mais o pescoço dela, forçando-o a se afastar. Ela estava em pânico, seu rosto estava lívido, a fumaça e a pressão na sua garganta a sufocavam.

Sete minutos.

De volta ao laboratório, João viu o seu corpo inerte dentro da redoma atrás de Prattes e Beatriz. Aquela visão o fez ver que aquela seria a sua última chance, se ele não conseguisse impedir Prattes, nem ele, nem Beatriz sobreviveriam.

Nesse instante, uma grande explosão aconteceu. O centro de refrigeração da máquina explodiu, levando consigo grande parte do laboratório.

O choque da explosão fez Prattes aliviar momentaneamente a pressão sobre Beatriz. Aproveitando a oportunidade, João se lançou contra ele. Com peso de João, os três caíram sobre a redoma que continuava intacta. João se engalfinhou com Prattes impedindo-o de alcançar Beatriz, que afastou-se extremamente abalada.

– VOCÊ NÃO VAI CONSEGUIR! – urrava Prattes enquanto tentava se desvencilhar de João.

Beatriz se arrastava pelo chão repleto de escombros, tentando recuperar o fôlego, enquanto os dois se digladiavam ao lado da redoma. O choque de ver João desacordado na redoma e ao mesmo tempo lutando contra Prattes era grande demais, aquilo era absurdo, não podia estar acontecendo. Ela estava com medo, a atitude de Prattes não era normal, o professor sempre foi gentil, tinha que haver uma explicação plausível. Mas por que João estava lutando com ele... Institivamente ela se afastou da briga.

– NÃO VOU DEIXAR VOCÊ FODER COM O MEU FUTURO! – esbravejou Prattes ensandecido, pegando um pedaço de metal pontiagudo nos escombros e avançando contra João.

Seis minutos.

Beatriz não conseguia acreditar no que via. Aqueles homens numa briga mortal, justo os homens que mais admirava no mundo: o amor da sua vida e seu grande mestre. Disposta a intervir, ela avan-çou e segurou firme o braço de Prattes, impedindo-o de continuar.

– Doutor, o que você está fazendo?! Pare com isso... Vamos sair daqui! – implorava tentando im-pedir que a luta continuasse.

O braço de Prattes estava queimado, e o toque dela na ferida o fez soltar a barra. Dominado pela ira, desferiu um soco com as costas da mão no rosto de Beatriz, fazendo-a cair sobre a mesa de análises ao fundo.

Indignado, João avançou contra ele esmurrando-o com violência.

– CORRA, BEATRIZ! SAIA LOGO DAQUI, ELE ESTÁ LOUCO! SAIA! – gritava desesperadamente enquanto o incêndio tomava conta do lugar.

Beatriz, confusa, ainda relutava.

– SAIA! – ordenou João.

– Mas... E o seu corpo que está lá na máquina?! – perguntou desesperada.

– FIQUE TRANQUILA! EU SEI O QUE TÔ FAZENDO, ELE TÁ PROTEGIDO PELA REDOMA! SAIA DAQUI!

Sem conseguir argumentar, Beatriz se dirigiu com dificuldade para a saída desviando dos escombros, mas antes de sair, ela olhou para trás e viu João tentando controlar Prattes por entre as chamas que se espalhavam cada vez mais rápido. Sem alternativa, ela correu e saiu daquele inferno.

A temperatura já se tornava insuportável, e sem saber exatamente o que fazer, João continuava a lutar.

Cinco minutos.

– EU SEI QUAIS SÃO SEUS PLANOS! – provocava João, enquanto afastava-se para evitar mais uma investida. – EU SEI COMO A MÁQUINA

FUNCIONA... SEI SOBRE A TRANSFERÊNCIA DA MENTE! VOCÊ NÃO VAI CONSEGUIR TOMAR MEU CORPO... EU DESCOBRI TUDO!

Como uma fera acuada, Prattes o encarava fixamente. As chamas ao redor realçavam o semblante demoníaco.

– VOCÊ NÃO PODE ME IMPEDIR! O SEU DESTINO ESTÁ SELADO! – urrou descontrolado e se atirou sobre João.

A força do deslocamento os projetou contra uma divisória atrás deles, que, fragilizada pelo fogo e pelo calor, cedeu ante ao peso e ambos caíram do outro lado.

Estavam na área de controle da máquina. Do outro lado, a redoma resistia ao fogo. Toda a estrutura do lugar estava em curto-circuito, o risco de novas explosões e de desabamento era iminente.

João tinha pouco tempo para deter Prattes, a máquina estava destruída, mas ele ainda estava confiante demais. Havia algo estranho, de alguma forma Prattes ainda achava que poderia conseguir o seu intento. Não ficou muito claro como ele conseguiu transferir a mente para o seu corpo, todo o laboratório ardia em chamas, e o único lugar intacto era justamente a redoma.

Prattes levantou-se com agilidade, e aproveitando-se da breve letargia de João, tentou correr na direção do seu escritório particular. Rapidamente João se colocou no seu caminho, impedindo-o de prosseguir. Nesse instante, João notou o desespero nos olhos de Prattes. Ele olhava para a sua sala com um interesse anormal; o fogo ainda não tinha chegado até lá.

Quatro minutos.

A dificuldade de se respirar era imensa, a fumaça irritava os olhos e os pulmões ardiam, muitas fagulhas saltavam dos cabos e o risco de um choque elétrico era grande.

Estavam frente a frente na plataforma de controle destruída. Prattes olhava em direção ao seu escritório particular sem conseguir disfarçar a ansiedade; João se colocava entre ele e a sala, bloqueando o caminho. Prattes pegou um dos cabos de energia que pendia ao seu lado e utilizando-o como arma avançou

contra João, que foi forçado a sair da frente para se proteger do choque mortal.

Prattes foi obrigado a soltar o cabo, que estava preso no teto. Com o caminho livre, disparou em direção ao seu escritório. Sem perder tempo, João o seguiu de perto.

Prattes abriu a sala rapidamente e entrou. João colocou o braço para dentro impedindo a porta de fechar. Prattes batia a porta com violência contra o braço dele, a dor era imensa. João sentia o seu braço ser esmagado, mas não podia deixá-lo sozinho. Esquecendo da dor e concentrando toda a força que ainda lhe restava, forçou a porta para dentro. Do outro lado, Prattes não resistiu e a soltou desequilibrado. A porta escancarou e João caiu dentro do escritório particular de Prattes.

Três minutos.

Extremamente surpreso, caído ao solo, João notou que aquilo não era um escritório, era uma extensão do laboratório, uma extensão da máquina do tempo! Ao lado da porta havia uma cabine com um capacete muito parecido com o que ele viu no futuro. As conexões saíam pelo teto e se ligavam à redoma.

“Seria dali que Prattes faria a transferência!”, constatou assustado.

Perplexo com a estrutura da sala, João viu Prattes surgir de trás da porta com um uma barra de ferro, investindo ferozmente contra ele. Girando o corpo agilmente, ele salvou-se do violento golpe e levantou-se procurando por algo que pudesse se defender. Ensandecido, Prattes partiu para cima dele com a barra em punho. João protegeu instintivamente a cabeça com o braço, e um golpe certeiro fraturou o seu antebraço.

Urrando de dor, João se afastou cambaleante, enquanto Prattes avançava sobre ele com uma fúria incontrolável. Sem ter para onde fugir, ele se projetou de costas por cima de uma mesa e caiu do outro lado segurando o braço ferido.

Rastejando para trás, sem alternativa, ainda no chão, João jogou o balde de lixo que estava ao seu lado contra Prattes. Aquilo serviu apenas para retardá-lo. Com os lábios cerrados, sofrendo com aquela dor horrível, ele conseguiu se levantar apoiando-se com o braço esquerdo.

Dois minutos.

Toda aquela parafernália comprovava que Prattes o enganara por muito tempo. Por isso nunca conseguiu entrar naquela sala, era ali Prattes roubava a suas ideias, era ali que ele planejava roubar a sua vida!

Prattes avançou novamente. Dessa vez, João não esperou, foi pra cima dele e antes que pudesse ele desferir o golpe, João segurou a barra com a mão esquerda.

Eles estavam cara a cara. João tentava proteger o braço direito quebrado. Sentia os efeitos daquele dia infernal, das lutas que teve com Milton e com York.

Apesar da idade, Prattes ainda mantinha uma boa forma. Os dois se engalfinhavam pela barra. Ciente da dor de João, Prattes travou o braço dele machucado, apertando justamente onde o osso havia quebrado.

João urrou de dor.

O tempo de João se esgotava. A satisfação estava estampada nos olhos malignos de Prattes, que cada vez ganhava mais terreno; a cada aperto no braço quebrado, maior era o prazer demonstrado.

Um minuto.

– VOCÊ REALMENTE ACHOU QUE PODERIA MUDAR O SEU DESTINO?! O FUTURO ESTÁ ESCRITO E NINGUÉM CONSEGUE MUDÁ-LO! – gritou Prattes orgulhoso.

Isso fez com que João se lembrasse de Beatriz.

– EU JÁ MUDEI O DESTINO! BEATRIZ TÁ FORA DAQUI E VIVA! – João replicou, com raiva.

Prattes hesitou. Na sua face desfigurada ficou claro que João estava certo. O fato de Beatriz ter escapado da morte no laboratório era um sinal de que algo havia mudado. Sem perceber, Prattes aliviou a pressão sobre o ferimento de João, que aproveitou a oportunidade e desferiu uma potente cabeçada contra o nariz dele.

Atordoado pelo golpe, Prattes foi projetado para trás soltando a barra de ferro, levando a mão ao nariz quebrado.

João pegou a barra de ferro no chão e olhou com desprezo para aquele homem, uma criatura vil e manipuladora. O braço latejava, seu corpo inteiro doía, e naquele lapso de tempo veio à sua mente os momentos vividos, quando ao entrar na máquina do tempo ele olhava orgulhoso para o seu grande mestre e a mulher da sua vida, achando que estariam fazendo história, quando na verdade ele e Beatriz eram apenas duas marionetes nas mãos daquele monstro. Aquela sala era a chave de tudo, foi ali que o seu destino foi traçado!

Empunhando a barra de ferro ameaçadoramente, João avançou contra Prattes, que se afastou amedrontado tropeçando no balde de lixo atrás de si, caindo na base do dispositivo de transferência de mente.

A situação agora se invertera completamente. Prattes estava caído no chão completamente indefeso, enquanto João crescia sobre ele emanando uma fúria incontrolável. Os segundos que ainda restavam bastavam para um golpe fatal. Esquecendo a dor que sentia, João o encarou friamente e preparou o golpe final.

Encolhido no chão, apavorado e tentando se proteger, Prattes se preparou para o impacto tentando proteger a cabeça com as mãos.

O golpe não veio.

João descarregou toda a sua fúria na máquina que estava à sua frente. Ele segurava a pesada barra com ambas as mãos e golpeava a máquina com uma raiva incontrolável, destruindo completamente o equipamento.

– NÃO! NÃÃÃO! – implorou Prattes alucinado.

Zero minuto.

O formigamento no corpo voltara. Assustado João soltou a barra. Olhando para si, ele viu uma luminosidade emanando do seu corpo, uma sensação de dormência o dominava, e instintivamente ele olhou para o seu cronômetro. O seu tempo havia acabado. Suas mãos brilhavam e aos poucos sumiam, e pela estranha transparência ele viu Prattes ajoelhado na frente da máquina chorando desesperadamente.

EPÍLOGO

Vazio total. Silêncio, nenhuma sensação, apenas o vácuo. Nada existia. João havia perdido completamente a noção do tempo, era como se estivesse flutuando no nada. De repente, lembranças desconexas começaram a se materializar, borrões de luz inundavam a sua cabeça uma aflição gigantesca dominou o seu peito.

Consciência.

Com os olhos fechados, ele ouvia o som de vozes ao seu redor. Ele estremeceu com uma tensão inexplicável. Com dificuldade, abriu os olhos vagarosamente. A luz incomodava a sua retina que aos poucos ia se adaptando à claridade. A vista turva não ajudava a identificar onde estava. Uma sensação de intranquilidade o dominava.

Num impulso de autodefesa, tentou levantar-se, quando mãos delicadas o impediram de prosseguir. Assustado, ele olhou para o lado e lentamente a imagem do rosto sorridente de Beatriz se formou à sua frente. Com uma voz doce, ela o tranquilizou e o forçou a se deitar novamente. Ela tinha um pequeno curativo na testa, e eles estavam num quarto de hospital. No outro lado da cama, uma enfermeira e um médico discutiam sobre o prontuário.

Com o corpo todo dolorido, alguns curativos no rosto e o braço engessado, João se esforçava para lembrar como ganhou aqueles ferimentos.

– O que aconteceu? – indagou assustado. – Por que estou aqui?

Beatriz se debruçou sobre ele com uma expressão carinhosa nos olhos.

– Aconteceu uma explosão no laboratório... – respondeu pegando a mão dele

de forma aconchegante. – Como você está se sentindo? – perguntou com a voz suave.

– Meu corpo tá dolorido. Estou com um pouco de dor de cabeça... – respondeu com uma careta no rosto. – E o professor? – perguntou João, sinceramente preocupado.

O rosto de Beatriz se transformou, ela desviou o olhar e afastou-se um pouco, mantendo as mãos dadas.

– Ele, ele... infelizmente não resistiu... – respondeu com pesar.

Aquela notícia o deixou vacilante. Por algum motivo, ele sentia um alívio inexplicável. Na sua mente, algo não se encaixava. Um rancor crescia enquanto se esforçava para lembrar.

Era perceptível o conflito que acometia João. Quando ficaram a sós, Beatriz relatou o que acontecera. Ele ouviu pasmado o relato da forma de como ele a salvou, do comportamento estranho do Dr. Prattes e principalmente o fato dele haver retornado do futuro e estar em dois lugares ao mesmo tempo.

Por mais que se esforçasse, João não conseguia se lembrar de nada daquilo, se não fosse por Beatriz, não acreditaria naquela história fantástica.

Ele tinha ficado desacordado por mais de seis horas, teve uma leve infecção respiratória devido à fumaça que entrou nos seus pulmões, e as lesões que tinha pelo corpo ninguém conseguira explicar, pois a redoma resistiu ao desabamento e o seu corpo não foi atingido por escombros.

O incêndio impediu qualquer tentativa de salvamento, mais duas explosões foram ouvidas após a saída de Beatriz, os bombeiros só conseguiram entrar quando não havia mais o que fazer, e encontraram o corpo do Dr. Prattes carbonizado no seu escritório particular completamente destruído. A única coisa que sobrou do laboratório foi a redoma que resistiu ao fogo e ao desabamento, e graças a isso ele estava vivo.

Após detalhar os acontecimentos, Beatriz abraçou João longamente. Algumas lágrimas escorreram pelo rosto dela. Uma emoção conflitante o dominava, ele não conseguia compreender a sua reação ante as notícias. A

admiração e o respeito que ele tinha pelo Dr. Prattes aparentemente haviam desaparecido.

– Tome, foi através dele que identificaram o Dr. Prattes... – disse Beatriz enquanto entregava o anel com o cristal vermelho a João.

Ao pegar naquele anel, João sentiu seu cérebro ser inundado pela adrenalina, aumentando seus batimentos cardíacos, fazendo-o ficar em estado de alerta total. Ele apertou a joia fazendo as veias da mão saltarem. Ao mesmo tempo, uma profunda tristeza o abateu, quando olhou para Beatriz sentiu uma felicidade desconcertante. Completamente confuso, ele admirava aquele objeto com uma repulsa inexplicável.

No dia seguinte, na cerimônia do funeral do Dr. Prattes, uma multidão se aglomerava para o último adeus ao maior cientista baiano. Várias autoridades, inúmeras personalidades do meio acadêmico, inclusive críticos ferrenhos, compareceram. Ao lado da família - apenas um irmão e o sobrinho -, João e Beatriz receberam as condolências.

Durante toda a cerimônia, o anel queimava nas mãos de João, que olhava para o caixão sem conseguir compreender o que sentia. Beatriz, ao seu lado, percebia o desconforto que o acometia e o afagava constantemente.

Quando finalmente o sepultamento se iniciou e o caixão foi depositado na cova, João se aproximou da sepultura ainda aberta, olhou para o anel longamente e o jogou sobre o caixão, para que fosse enterrado junto com o seu dono. Inexplicavelmente, aquilo lhe causou uma sensação de alívio jamais experimentada.

***

Uma semana depois, João retornava ao Centro de Estudos e Física Aplicada Alberto Prattes, uma homenagem póstuma ao seu professor, para tentar recuperar algumas coisas. Ainda sem condições de pilotar a sua moto, ele foi obrigado a ir de ônibus. Saltou no terminal da França, em frente ao antigo armazém um, totalmente destruído.

No momento em que se posicionou para atravessar a rua na direção da

entrada do Campus, sentiu uma pontada na cabeça. Uma dor fina começou a incomodar o fundo dos olhos e rapidamente reverberava para a nuca. Uma angústia começava a crescer no peito.

Algo estava muito errado.

Sem entender como, ele sentia que algo terrível aconteceria a qualquer momento. Desesperado ele olhava para os lados buscando alguma explicação para a agonia que explodia no seu peito.

De repente, um estrondo chamou a sua atenção. A poucos metros dele, um ônibus chocou-se com um veículo que saía de um dos estacionamentos da área. A perspectiva privilegiada do acidente o assustou, aumentando o desconforto pela visão terrível da destruição que o ônibus provocou no carro.

Os estilhaços do parabrisa traseiro do carro espalharam-se por quase dez metros, o choque projetou o veículo sobre o canteiro que divisava a rua do terminal fazendo-o girar até ficar de frente para o ônibus que foi parado bruscamente pelo acidente. De onde estava, João pôde ver claramente o terror estampado no rosto da motorista do veículo abalroado pelo ônibus e a sua impotência ante o monstro que destruíra completamente a traseira do seu carro.

Naquele momento, João sentiu algo ainda mais estranho, aquelas cenas de alguma forma já tinham acontecido. Um sentimento de *déjà vu* o dominou e instintivamente ele olhou para trás do ônibus e, sem saber como, ele já sabia o que aconteceria. Como se revisse um filme, ele viu o engavetamento acontecer, mais quatro carros e, por último, outro ônibus causaram um desastre sem precedentes naquela via. O óleo da pista contribuiu para a falta de aderência dos veículos que foram lançados contra os transeuntes que aguardavam no terminal.

Oito pessoas morreram na hora.

João ficou desesperado. Ele correu para ajudar os feridos. Sem entender o que acontecia, ele viu o motorista do primeiro ônibus descer e desabar apavorado; a dona do primeiro carro, salva pelo airbag, também saiu assustada e começava a chorar aterrorizada. Tudo aquilo, de alguma forma, já era previsto. Na sua mente era como se ele já tivesse vivido aqueles momentos, era como se

fosse uma lembrança. Porém, estava acontecendo naquele momento, naquele segundo.

No meio daquele desastre, um casal desesperado tentava se aproximar de um monte de aço retorcido que um dia havia sido um carro. O cheiro de gasolina era intenso, o risco de explosão era iminente.

– Saiam daqui! – gritou João tentando tirar o casal de perto do carro. – Saiam, isso vai explodir!

– Meu filho tá preso nas ferragens... – a mãe gritava alucinada. – Eu não saio daqui sem meu filho! – insistia em prosseguir enquanto era bloqueada por João.

Sem pensar, João entrou no inferno, de alguma forma ele sabia que a criança ainda estava viva. O casal foi impossibilitado de ir atrás dele pelo incêndio que começava e por outras pessoas que impediram-o de prosseguir. João só escutava os gritos de dor da mãe por trás da cortina de fumaça e fogo que se formara entre eles.

A catástrofe era total. Seria impossível alguém sobreviver a uma desgraça como aquela. Com muita dificuldade, João conseguiu passar pelas ferragens do primeiro veículo. Ele arrancou a tipoia e se arrastou por baixo do segundo carro, mas o braço engessado atrapalhava a sua progressão.

Logo pôde ver a criança milagrosamente posicionada embaixo de um dos bancos de concreto do terminal. Aparentemente, ela não tinha sofrido nenhum ferimento grave, mas a situação deles se tornava crítica, pois os focos de incêndio poderia provocar uma explosão e eles não sobreviveriam a isso.

João chamou a criança. Ela respondeu apavorada acenando com a cabeça. Ele sinalizou para que ela se aproximasse, mas o terror a impedia de se mover. João foi obrigado a rastejar até ela, tendo que passar por entre o chão e os canos ferventes do escapamento de um dos carros, a queimadura foi imediata. As suas costas ardiam, a dor era insuportável, mas ele tinha que continuar. Daquilo dependia uma vida.

Com um esforço sobre-humano, ele alcançou o menino, imediatamente tirou a camisa e fez uma máscara na criança para diminuir o gás carbônico que ela

respirava. Tentando manter a calma, João o puxou um pouco mais para junto de si. Por onde ele entrou não havia mais saída, o fogo e a fumaça bloqueava o caminho. Sem alternativa, ele se arrastou por baixo do banco de concreto, para o outro lado, até encontrar uma barreira de destroços.

Totalmente aterrorizado, ele se posicionou de costas no chão e empurrou as ferragens com os pés. Atrás de si, o menino choramingava espantosamente quieto para uma situação como aquela.

João forçou a primeira vez, os destroços não cederam.

De novo.

A fumaça começava a sufocá-los, o braço imobilizado de João latejava, a dor se tornava cada vez pior, as queimaduras das suas costas arranhavam no chão aspéro, tornando aquela posição insuportável.

Mais uma vez. As ferragens moveram-se.

João apoiou as costas feridas no vão de concreto do banco e forçou com toda a força que lhe restava. Seu pé atravessou as ferragens e ele viu o céu do outro lado. Esforço contínuo, e ele conseguiu abrir um buraco um pouco maior que a medida da criança. Rapidamente puxou o menino e o empurrou pelo buraco, em seguida colocou a cabeça para fora junto com o braço esquerdo. O buraco era pequeno demais. O ombro direito, com o braço engessado, travou na borda afiada.

Dor excruciante.

O menino pegou a sua mão esquerda, puxando-o e chorando desesperadamente. João estava preso, ele não conseguia, a chapa de metal dilacerava o seu ombro direito, não havia como escapar.

Nesse instante, o pai do garoto surgiu por entre a fumaça negra, e, junto com ele, outras pessoas vieram socorrê-los. A mãe pegou a criança, e o pai foi ao auxílio de João.

A movimentação era caótica. Alguém trouxe um cano de aço e utilizando-a como alavanca conseguiram aumentar o buraco. João foi resgatado e carregado para longe do perigo, com um corte profundo no ombro e o braço totalmente

ensanguentado.

Os bombeiros ainda não haviam chegado. Os populares cuidavam dos feridos. João estava ao lado do menino que salvara, que por milagre estava bem, apenas sujo e assustado.

O pai tinha rasgado a camisa e com ela pressionava o ombro ferido de João; a mãe chorava ao lado filho olhando-o com extrema gratidão.

Sem aviso, o garoto se soltou da mãe e se atirou nos braços de João, abraçando-o agradecido, que dolorido e sem ação, perguntou com dificuldade:

– Qual é o nome dele?

– Reinaldo... Reinaldo Martinelli...

Sobre o autor

Marcelo Porto é soteropolitano, analista de sistemas, administrador. Desde sempre trabalhou em jornal, não é jornalista, mas sempre foi envolvido com as letras. Atuou nos maiores jornais da Bahia, hoje reside em Mato Grosso do Sul, onde é o responsável pelo departamento de Circulação do maior jornal da região. Membro do Comitê de Mercado Leitor da ANJ (Associação Nacional de Jornais) gestão 2010/2011, consultor, palestrante em seminários e eventos de tecnologia e relacionamento com clientes.

PARADOXO é o seu primeiro romance.

Veja as críticas e avaliações dos leitores no Skoob, aproveite e faça a sua também.

http://www.skoob.com.br/livro/250207-paradoxo

Leia também o segundo romance do autor.



DÉJÀ VU no Skoob.

http://www.skoob.com.br/livro/315567-dj-vu